

Código de identificação do ficheiro: LUZ01-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Cloé Idade: 57	Sexo: Feminino Escolaridade: Analfabeta
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1B1501_02 faixa: 1B1501B min: 10:03-11:42	
Inquiridor2: Luísa Segura	
Assunto: As alfaias agrícolas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26A faixa: 01	
Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Ago.04	

INF1 [ABINo meu tempo] No meu tempo, pois eu, {pp} há-de haver... Pois [ABLEu, eu] eu já tenho sessenta e seis anos – {pp} já vomecê pode ver –, tenho sessenta e seis anos. E quando eu tinha os meus, vá lá, os meus vinte ou vinte cinco, era quando...

INQ1 É que se lembra de trabalhar com isso? Que, que trabalhavam com isso?

INF1 {fp} Não!

INQ2 Já não trabalhavam?

INF1 Fuuuu!

INQ1 Já não trabalhavam?

INF1 Isso já há mais de cem anos que eles, calhando, não trabalham com isso. Pois. Nesse tempo. Eu nunca vi aquilo trabalhar!

INQ1 Ai, que giro! Pois.

INF1 Vi foi o arado, com que eles disseram (...).

INQ1 Os velhos, pois.

INF1 [AB|Aqueles mais] Pessoas mais idosas é que diziam que estes arados que era para lavrar terras [AB|para] (para arrozos), aí nessas várzeas, nesses vales, nessas coisas assim, que aquilo [AB|nunca] nunca (pegava).

INQ1 Pois.

INF1 Porque aquilo ia cortando, ia sempre lavrando e aquilo...

INQ1 Pois.

INF1 Pois. {pp} Pois é. [AB|E até havia] {pp} {PH|edi'pojz=Depois} havia também umas com dois rabos. {pp} Mas essas com dois rabos [AB|já tinham, já tinham uma aiveca] já tinham uma aiveca para se voltar. Já era essas de coiso. Já era [AB|essas {fp} essas já] essas {fp} charruas número cinco. Mas agora há {PH|ũ=uns} outros arados de pau, [AB|que é o que] que é o que indica isto que está aqui, é para... Aí nesses milhos.

INQ2 Ah!

INF1 Pois. O que me indica aqui é [RP]lé{fp}] esses arados de pau que há aí para...

INQ1 Mas que ainda usam? Ou já?... Ou?...

INF1 Ainda usam {pp} essas coisas.

INF2 [AB]Além] Além {PH]o=ao} (baixinho) {IP]ta=está} um. Não é aquilo é que é as cavadeiras?

INF1 Pois. Essas cavadeiras. Chamam-{PH]li=lhe} uma cavadeira.

INQ1 Ah!

INF1 Pois. [AB]Com duas] Também com duas [RP]com duas] aivecas [AB]le o] e aquele bico assim {PH]o=ao} meio em ferro... É um ferro e é comparado a um ferro que {IP]ta=está} aqui.

INF2 [AB](U]sa-o)] Usa-o o meu filho para cavar batatas, para cavar milho, e essas coisas assim.

INQ1 Pois, pois, pois.

INF1 E vai. Aquilo que vai... [AB]Vai] Vai por o coiso e vai abrindo a terrinha {CT]pr=para o} lado e é assim que cavam. Já aí nessas coisas, [AB]nessas, {pp} nessas, nessas] nessas ervas (daninhas), nesses campos e nessas charnecas é o que usam é esses arados de pau para cavar os milhos. Pois. Tudo. Tudo assim.

Código de identificação do ficheiro: LUZ02-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Cloé Idade: 57	Sexo: Feminino Escolaridade: Analfabeta
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1B1501_02 faixa: 1B1501B min: 20:32-24:07	
Inquiridor2: Luísa Segura	
Assunto: Preparação do terreno	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26A faixa: 02	
Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Ago.04	

INQ1 Portanto, os cingeleiros eram os homens que andavam com esses que faziam?... E o carro era deles, os bois era deles e isso?

INF1 Pois. [ABI]Era, era] Era tudo deles, sim senhor.

INQ1 Era tudo deles. E eles faziam esses fretes?

INF1 Pronto. Eram mesmo os cingeleiros.

INQ2 E esses eram só para a cortiça?

INF1 Só para...

INQ2 Só para transportar a cortiça?

INF1 Pois. {PHI|strɛpur'tavẽw̃=Transportavam} cortiça, quando havia – no Verão, quando havia sempre.

INQ1 Pois claro.

INQ2 Pois.

INF1 E quando não havia, faziam bocados de {pp} sementeira aí nesses terrenos.

INQ2 Pois.

INF1 Pois. Vomecê nem queira saber – vomecê não queira saber – que esta coisa de agricultura {PHI|'idɛ=ainda} teve aqui um tempo, (que) {PHI|nẽ=não} havia aí nenhuma esteva.

INF2 (...)

INF1 [ABI]Isso era] Isso aí foi terreno tudo que já deu trigo.

INQ2 Pois.

INQ1 Pois.

INF1 Isso que as senhoras estão a ver aí, por aí afora,

INQ1 Pois, pois.

INF1 aí assim, juntamente aí, tudo, foi tudo terreno que já deu trigo.

INQ1 Ainda se lembra disso?

INF1 Pois eu? Pois lembra-me!

INQ2 Pois.

INF1 Tudo, tudo limpinho! Hoje? [AB|Hoje é que] Hoje é que {PH|nẽ=não} há nada!

INF2 Eu lembra-me de [AB|ver a se-] ver semear trigo [AB|à{fp} à] à enxada,

INQ2 Pois.

INF2 cavarem a terra, fazerem as belgas [AB|e ca-] e (de) semearem o trigo à enxada.

INF1 Pois. É verdade. Sim {RC|s=senhora}. Sim senhora.

INQ2 É.

INF2 O pai da Clotilde.

INF1 Exactamente. Chegavam aí {PH|o=ao} pé desses matos como a gente vê assim, {pp} esses matos, {pp} pegavam...

INF2 (...)

INQ1 Pois.

INF1 Havia fouceas roçadouras – não sei se vomecês conhecem a roçadoura (...).

INQ1 Sim. Umas compridas? Umas com um pau comprido?

INF1 Pois. [AB|As-] Assim. Com um cabo comprido, roçavam, {pp} faziam aquilo tudo uns 'cordanitos' mas não muito grandes, aí com cinco, seis metros, três, dois metros de comprido, essa coisa (aí no mato), aquilo (é) /bem\ feito ali, e depois deixavam umas ruas assim. Faziam assim [AB|uma] uma rua, aqui assim era mato, aqui assim também, e ali era outra rua e {PH|edi'poj}=depois} com uns alferces – {PH|'ide=ainda} para ali {IP|ta=está} um, que {PH|'ide=ainda}... [AB|Não] Aquilo {PH|nũ=não} (interessa), é uma ferramenta grande – e ali eram às parelhas, os homens eram às parelhas.

INF2 Tem aqui. (...)

INF1 Um dum lado, outro doutro.

INQ1 Mas como? Um dum lado, outro doutro como? Numa rua, um, outro doutra rua?

INF1 Pois, na rua, um...

INQ1 Ou den-, ou dentro da mesma rua havia dois homens?

INF1 Não. Um só.

INQ1 Não? Um só em cada rua?

INF1 Um só em cada rua.

INQ1 Ah!

INQ2 Pois!

INF1 Pois. E então voltavam-se a terrar as belgas. Iam terrando, por ali acima, cavando.

INQ2 Sim.

INF1 Chegavam a um canto de cima, [AB|faziam] faziam aquela parte, voltavam-se {PH|o=ao} outro lado; o outro passava {CT|pru=para o} outro. Voltavam esse terreno por aí acima, chegavam em cima, até que ele chegavam a fazer aí... E nesse tempo não era muito! Faziam, em calhando, aí vinte, vinte alqueires, a gente chamava-lhe um quartoiro. Nesse tempo era um quartoiro. Faziam essas partes assim: vinte, vinte alqueires, trinta alqueires de {fp} belgas. Chamavam belgas.

INQ1 Belgas.

INF1 Belgas.

INQ1 Portanto, belgas era ir limpan-... Era: fazer as belgas era fazer limpeza do terreno?

INF1 Pois, faziam limpeza do terreno. E {PH|ɛdi'pojz=depois} terravam isso, quando viesse aí...

INQ1 Terravam com terra?

INF1 Com terra.

INQ1 Rhã-rhã.

INF1 Tudo ficava assim abafadinho! Era assim,

INQ2 Pois.

INF1 [AB|a terra ficava toda] a leiva ficava toda em cima, toda abafadinha, no mato. E

{PH|ɛdi'pojz=depois} ali eles largavam, punham-na ali um certo tempo ali no fim do Verão, se calhar aí (no fim)... [Tosse] Mas seria já aí em Agosto, a tantos de Agosto.

INF2 Ou Outubro.

INF1 Pois era. Era em{fp} Outubro, essa parte assim. Chegavam {pp}, largavam-{PH|li=lhe} fogo, à ponta de baixo. Aquilo ardia, ia ardendo, ia ardendo, ia ardendo, ia ardendo, fazia aquela cinza.

INF2 Eram adubos que {PH|li=lhe} punham.

INF1 E a terra ficava queimada. Aquela terra que {IP|'tave=estava} por cima, ficava queimada. E

{PH|ɛdi'pojz=depois} agarravam então numas enxadas {pp} e começavam à ponta de cima, estrambalhando aquilo para esse sítio donde o tiraram. Onde cavaram a terra para tapar a coisa,

INQ1 Pois.

INF1 tiravam para ali {PH|ɛdi'pojz=depois}. O que é ({PH|nũ=não}) faziam aquilo [AB|vários] em vários sítios.

INQ1 E depois o que é que eles?...

INF1 Depois semeavam o trigo.

INQ1 Trigo nessas terras.

INF1 Semeavam.

INQ1 E era bom para a terra, essa?...

INF1 Era bom com essa... Essa queima? Pois então {fp} há uma coisa melhor que a queima

{CT|pra=para a} terra?

INQ2 Pois.

INF1 Pois.

INF2 {fp}O trigo nessa altura rendia a vinte e tal sementes. Agora há algum trigo que renda a vinte e tal sementes?!

INF1 É verdade. É mesmo verdade. Isso é uma...

INF2 {PH|nũ=Não} há!

INF1 O trigo, havia searões ali de trigo, que aquilo por gosto se podia ver! Rendia ali... [AB|Aquilo]

Mas é que aquilo então era trigo nesse tempo! Pois.

INQ2 Pois.

INF2 Coitadinhas das pessoas que trabalhavam a terra (nessa altura).

INF1 [AB|Mas, mas] Mas trabalhavam muitíssimo, muitíssimo.

INQ1 Claro.

INF1 Era coisa muito custosa mesmo!

INQ1 Claro.

INF1 Mas... Pois. É verdade.

INQ1 Mas olhe que isso é engraçado.

Código de identificação do ficheiro: LUZ03-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Cloé Idade: 57	Sexo: Feminino Escolaridade: Analfabeta
Informante3: Ciro Idade: 73	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1501_02 faixa: 1B1502A min: 07:24-08:12	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: A agricultura – generalidades	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26A faixa: 03	
Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Ago.04	

INQ1 Olhe, e que nome dão ao homem que anda a lavrar? Que nome é que ele tinha...

INQ2 Um homem que anda com os animais?

INF1 [ABIPo-] Pode ser... {fp} Olhe, [ABInalgun] nalgum sítio, chamam-{PHli=lhe} um ganhão.
{pp} Pois.

INQ2 E aqui?

INF2 [ABIDo, da, das] Das bestas é almocreve.

INF1 Das bestas é almocreve, pois. Pois.

INQ1 Sim.

INQ2 Portanto, se andar a lavrar com bestas, é almocreve?

INQ1 É o almocreve?

INF1 [ABIQuando sendo] Quando sendo a lavrar com bestas, é o almocreve; e quando sendo lavrando com uma junta de bois, já é um ganhão. [ABIMas{fp}] Mas isto era nesse tempo, pois havia... Pois.

INQ2 Pois, pois. Claro. Não, mas a gente quer saber era nesse tempo.

INQ1 Mas era o nome era aqui?

INF1 Pois. Nesse tempo era o ganhão. Pois.

INF3 (O que as senhoras) estão perguntando é nesse tempo.

INQ2 Pois.

INQ1 Pois. Exactamente.

INF1 Pois. Nesse tempo. Era um ganhão. [ABIE, e] E era o ganhão com os bois; {pp} e com as bestas, um almocreve.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Pois. Sim senhor.

INQ1 A mulher nunca fazia esses trabalhos?

INF1 Não. Isso era raro fazer. Haviam pessoas que lavravam também algumas, mas isso muito pouquinho ou nada.

Código de identificação do ficheiro: LUZ04-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Cirol Idade: 73	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1501_02 faixa: 1B1502B min: 02:48-04:44	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: A ceifa	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26A faixa: 04	
Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Ago.04	

INQ1 Depois quando o trigo já está, já está bom, chega a, o momento de fazer a?...

INF1 Ceifar. Pois. Ceifava-se... Ceifava-se...

INQ1 Portanto, é a altura que chega?...

INF1 Era: chamava-se-{PH|li=lhe} a tal ceifar manual.

INQ1 Pois.

INF1 Era manual.

INQ2 Com quê?

INF1 Com uma fouce. Uma fouce{fp}. Uma fouce feita [AB|de], pois, de ferro. Noutro tempo, faziam uma fouce...

INQ2 É uma que está ali em cima, não é?

INF1 É. E essa fouce, {PH|dɨ'pojz=depois} o fulano enfiava três canudos de cana nos dedos – havia muito quem usasse uma caleira de cabedal.

INQ2 Aonde?

INF1 [AB|No] Na mão.

INQ2 E prendia aonde a caleira, no dedo grande?

INF1 [AB|Pren-, prendia] Prendia no dedo

INQ2 No polegar?

INF1 [RP|no dedo] polegar. Enfiavam uma coisa e punham-na aqui assim, [AB|e outra co-, e outro] e outro buraco, {PH|du'ravẽw̃nu=dobravam o} dedo e enfiavam-no aqui e a caleira passava aqui. E ainda em cima uma dedeira.

INQ2 Em cima da, da caleira ainda levava uma dedeira?

INQ1 Do dedo? Deste?

INF1 Não. Este.

INQ2 Ah! O indicador.

INF1 Tinha este [RP|este, este]... O indicador levava uma dedeira,

INQ1 Sim.

INF1 que era como isto. É a que {IP|'tavø=estava} sempre a trabalhar na palha – comando dos bicos, comando de coisas assim, era a dedeira. E era a caleira e era três canudos.

INQ1 Pois.

INF1 Pois. [AB|IE, e in-] E havia ainda quem prantasse – hum? –, uma pulseira no braço, para {PH|nẽ=não} abrir do braço. {pp} E havia quem prantasse um cabresto na fouce.

INF2 Pois.

INF1 Um cabresto na fouce para não...

INQ2 O que era o cabresto?

INF2 É uma correia (...).

INF1 É uma correia. Uma correia feita de cabedal. Uma correia feita de cabedal, pregada ali na fouce, ali, às vezes até de... Era umas até (que) tinham uma fivela, (atava a fivela), e passava ali, uma atava por baixo que [AB|não fazi-] não fazia diferença nenhuma. Pois. E punham esse cabresto na fouce, atavam {PH|ø=ao} braço, pronto. O fulano, só mal sustendo a fouce, pois,

INQ2 Ela cortava logo.

INF1 ela cortava.

INQ1 Ela cortava.

INF1 Cortava. Tinha [AB|mais] mais firmeza, que às vezes,

INF2 A gente sua das mãos e...

INF1 pois, suave as mãos [AB|le as mãos{fp}] ... Às vezes, a gente queria fazer uma coisa [AB|com] com o coiso [AB|le a, e já não] e fazia outra.

INQ1 Pois.

INF1 E assim, com o cabresto, {pp} tinha mais força.

INQ1 Pois.

INF1 Tinha mais{fp}, sim, mais segurança, mais firme.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 Pois.

Código de identificação do ficheiro: LUZ05-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Ciro Idade: 73	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1501_02 faixa: 1B1502B min: 06:05-08:36	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: A ceifa	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26A faixa: 05	
Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Ago.04	

INQ1 E o mantulho era o quê?

INF1 O mantulho era aquela coisa que enrolavam à roda da palha {CT|pru=para o} trigo

[AB|{CT|pra=para a}, {CT|prɔ=para o}]...

INF2 {CT|prɔ=Para o} trigo não cair tanto.

INF1 {CT|pu=Para o} trigo e {CT|pra=para a} palha não saírem dali.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Porque a gente quando tendo a mão muito aberta, assim, há uma medida que já não {IP|ta=está} a abarcar demais.

INF2 Uma mancheia de (aveia).

INQ1 Pois claro.

INF1 Pegava-se nisso, fazia-se o mantulho.

INQ1 Pois.

INF1 Pois. Passava-se assim pelo dedo. Em indo, passava-se pelo dedo. Chegava-se a ponto aquilo era já [AB|lum] um 'manchorrão' de trigo que...

INQ1 Portanto, e essa...

INF1 Já muito grande!

INQ1 E, portanto, essa parte toda que depois iam largar é que era a quê? A?...

INF1 [AB|Era] Era a paveia. Pois. E {PH|ɛdi'pojɜ=depois} da paveia...

INQ2 Onde é que punham a paveia?

INF2 No chão.

INF1 [AB|Pu] No chão. Punha-se no chão. E {PH|ɛdi'pojɜ=depois}, quando chegasse [AB|quando]...

Depois de já ter aceifado três ou quatro horas, ou as que for – aquilo era quase sempre três horas a aceifar, que a gente tínhamos sempre (umas)... Aí às onze horas até {PH|ɔ=ao} meio-dia era para atar.

Pois. Era então fazer [AB|o tal] o tal mantulho. {RC|Mant-=Mantulho}. Pois. O mantulho. Era o mantulho. Chamava-se o mantulho. É. Era o mantulho que a gente fazia. À paveia, à {fp} primeira mancheia que a gente fazia, aquilo era o mantulho.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 E {PH|èdi'pojz=depois} do mantulho, era quando se fazia a paveia (e) /que\ deitava-se no chão; e {PH|èdi'pojz=depois} quando se fosse atar, {pp} tiravam-se... Chamava-se tirar o atilho. Tirava-se- {PH|li=lhe} o atilho, fazia-se- {PH|li=lhe} o atilho, punha-se no chão, pegava-se nessas paveias, punha-se em cima {pp} do atilho, apertávamos o atilho, fazíamos- {PH|li=lhe} a murça.

INQ1 Que era o quê, a murça?

INF1 A murça? A murça é aquela parte [AB|de enrolar] de enrolar o atilho [RP|o atilho, no] no atilho para se ele não [RP|não] sair.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Que aquilo [AB|não, não] não se dá o nó. O fulano agarrava aí e faz ali uma murça.

INQ1 Ah, murça!

INQ2 A murça, portanto, é o...

INQ1 É a maneira de atar?

INF1 É a maneira de atar.

INQ1 É a maneira de atar.

INF1 É a maneira de {fp}atar na ponta do atilho.

INQ1 Pronto.

INQ2 Mas é a maneira de fazer o, de fazer o atilho ou é a maneira de atar o molho?

INF1 É mesmo à maneira [AB|de] de atar o molho.

INQ2 De fazer o at-?...

INF1 De atar o molho e fazer o atilho.

INQ2 É as duas coisas.

INF1 Pois. (Não é) como uma murça. Há muita gente, se for aí desta malta (aqui e ali), se for fazer {fp} uma murça num atilho, não dão feito.

INF2 Não sabem fazer.

INF1 Não sabem fazer.

INF2 Não.

INF1 Pois.

INF2 Não dão feito.

INF1 Não dão feito, que aquilo... E eu, pronto! A gente fazia a murça e...

INQ1 E depois o que ficava, era o quê? Depois de a murta já estar...

INQ2 A murça.

INQ1 Murça já estar feita, o que ficava na terra?...

INF1 Era o molho. Era o molho de trigo. Pronto, ficava o molho de trigo.

INQ1 Olhe, e há alguma coisa a que chamassem gavela?

INF1 A gavela?

INQ1 Gavela.

INF1 Então isso uma gavela era a gente fazer uma mancheia de trigo muito grande, muito grande, fazer com cinco ou seis mantulhos. Pois. "Eia pá! Tal {PHInε=não é} a gavela que aquele fez"!

INQ1 Portanto, era uma paveia muito grande ...

INF1 Era uma paveia muito grande.

INF2 Pois.

INF1 Pois. Até dizia assim: "Olha {pp}, aquele gajo [ABIfez] fez uma gavela tão grande ou fez três ou quatro gavelas que deu logo um molho". Pois.

INF2 Pois é isso.

INF1 [AB|Já, já n-] Já {PHInẽ=não} ia à paveia.

INQ2 Pois, pois. É isso.

INF1 Já era [RPlera] logo gavelas.

INQ1 Pois é.

INF1 Pois.

Código de identificação do ficheiro: LUZ06-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Ciro Idade: 73	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1501_02 faixa: 1B1502B min: 09:52-11:04	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: A ceifa	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26A faixa: 06	
Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Ago.04	

INQ1 Depois os molhos ainda juntavam num outro maior?

INF1 Pois, faziam um roleiro. Faziam uma esteira. Às vezes, aquilo era à ração: {pp} cada de dez, ou cada de sete, ou cada seis, tiravam um. Pois. Andava à ração.

INQ2 Eu não estou a perceber.

INQ1 Eu também não.

INQ2 Não, não estou a perceber.

INF1 É um supor: eu tenho além um bocado de terreno.

INQ1 Rhum.

INF1 Pois. E vem lá um, pede-mo; e eu dou-{PH|li=lhe} à ração de seis ou de sete.

INQ2 Ah!

INF1 Pois. Quer dizer, "Vai além" – dou-{PH|li=lhe} um bocado de terra para ele fazer, pois – "olha, lavra e faz e de sete molhos pagas-me um"! Já era assim.

INQ1 Ah!

INQ2 Portanto, isso é aquilo que se chama o seareiro, ou não?

INF1 Pois, isso é que era o... Não. Isso era... [AB|Um] Um seareiro. Um seareiro que é quase [RPlé quase] comparado mas não era isso. [AB|{PH|ne=Não é} {PH|ne=não é}] {PH|nẽ=Não é} bem isso.

Um seareiro, [AB|qu-] como é que é um seareiro, que a gente diz que é um seareiro? Um seareiro...

INQ2 Também paga em ração.

INF1 [AB|É, é, é um, é um supor] É um supor: [AB|{fp} como a-] como a Herdade do (Geraldo Palhas), ou outra herdade assim, uma herdade grande, ou de Vale Chaim, e vinha ali um bocado, pedia-{PH|li=lhe} ali um bocado de terreno. Ali dez, ou dez ou quinze, ou vinte alqueires de trigo.

Dizia: "Olha, além {IP|ta=está} um bocadinho [AB|que é] que é [RPlé, é, é] do meu seareiro".

INF2 É à ração.

INF1 "É à ração. É do meu seareiro".

INQ2 Também é à ração?

INF1 Pois, é à ração.

INQ1 Claro.

INF1 Pois, e era isso.

INQ2 Paga quanto? Pagava quanto?

INF2 Pagava conforme. (...)

INF1 {fp} [AB|Aq-] Eu pagava [RP|pagava] (a mesma)... [AB|Era] Era conforme pagava, (que o coiso) pagava ração. {fp} [AB|Aquilo era] Aquilo depois era {PH|o=ao} molho {pp} [AB|de] de quatro, ou de cinco, ou de seis... Conforme combinavam, dava um.

INQ2 Pois.

INF1 Pois.

Código de identificação do ficheiro: LUZ07-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Ciro Idade: 73	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1B1501_02 faixa: 1B1502B min: 12:04-16:23	
Inquiridor2: Luísa Segura	
Assunto: A ceifa e a debulha	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26A faixa: 07	
Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Ago.04	

INQ1 Mas era porquê? Mas o, o trigo não era todo do patrão?

INF1 Pois não. O trigo {PHlnẽ=não} era todo do patrão, que aquilo são combinações que fazem. {fp} Havia aquela contrata, havia aquela [RPlaquela] lei.

INQ1 Sim.

INF1 Pois, vamos assim. Havia aquela lei: o trigo [RPlo trigo]... Dar trigo à ração. {pp} Terras à ração. Pois, davam terras à ração. Portanto, ia fazer o bocadinho de terra: "Já sabes, olha, cada [ABlde] de {RClse=seis}, de {fp} cinco molhos, [ABlde cin-{fp}] de seis molhos, dás-me um".

INQ1 "De seis molhos, dás-me um". Pois.

INF1 Pois. Chamavam trigo à ração. E depois quando fosse a reçoar, iam reçoar o trigo. Era reçoar.

INQ1 Portanto, o patrão já tirou um mo-, um molho de cada seis, não é?

INF1 Era.

INQ1 Pronto. E a seguir faziam o roleiro?

INF1 Depois {PHlfẽ'ziẽnu=faziam os} roleiros.

INQ1 Pronto. E depois?

INF1 Pois. Então...

INQ1 Depois de os roleiros estarem feitos?...

INF1 {PHlẽdi'poj3=Depois} de os roleiros estarem feitos, {PHlvjẽ'nũ=vinha um} com a carreta, {pp} a carreta e os bois, e vinha o tal dito criado, {pp}

INQ2 Pois.

INF1 quando vinham carregar, {PHlfẽ'ziẽwnẽ}=faziam as} carradas e iam, levavam {CTlpra=para a} eira.

INQ2 Pois.

INF1 E {PHlẽdi'poj3=depois} de {IPltar=estar} na eira, [ABl('asselhavam')] em b-, s-] descarregavam lá e faziam então a tal dita meda, que chamavam-{PHlli=lhe} uma meda. Pois, essa meda de trigo. E

{PH|ɛdi'pojz=depois} de {IP|tar=estar} as medas feitas – hum? –, era quando havia {fp} os tais {pp} parelhas – havia parelhas –, {pp} debulhavam. Quem diz parelhas diz bois. Arranjavam {fp} umas cordas, uma corda {PH|mujte=muito} comprida e passavam todas pelo pescoço dos animais.

INQ1 Isso era debulhar a quê?

INF1 Debulhar a gado. {pp} Pois. Debulhava-se a gado, fulano fazia as medas... Neste momento, fazia as medas; {PH|ɛdi'pojz=depois}, tinham a 'selheadeira' feita, o selho, {fp} no chão, {PH|nej=não é}?

INQ1 E como é que lhe chamava o 'asselho'?

INF1 Era a eira. A eira. E {PH|ɛdi'pojz=depois} de {RC|faz=fazer}, depois de {RP|de}

{PH|terẽne=terem a} eira feita – {IP|tavẽ=estava} a eira –, {PH|ɛdi'pojz=depois} iam apanhar bosta de rês, {pp} dentro duns cocharros. As bestas... Às vezes, durante a noite iam donde dormiam...

Dormiam por fora, no campo, e {PH|ɛdi'pojz=depois} iam lá, dentro dum cocharro

{PH|ɛpẽ'javẽwẽ=apanhavam a} bosta de rês toda. E {PH|ɛdi'pojz=depois} tinham umas bilhas [AB|de{fp}] de madeira, destas pipas, {pp} e essas pipas... Pegavam {PH|ɛdi'pojz=depois} nessas pipas e punham em cima duma [AB|duma dessas] dessas carretas e onde é que houvesse água, um tanque ou um poço, ou um depósito qualquer que tivesse água, enchiam essa bilha. A bilha levava cem, ou levava duzentos litros, ou levava trezentos, conforme. Pois. E traziam-na depois {CT|pra=para a} eira {pp}, em cima dessa carreta. [AB|E nessa guia] E depois aí [AB|nessa] essa bilha que por baixo tinha um... Nem sequer havia torneiras!

INQ2 Pois.

INF1 Era um canudo de cana.

INF2 Pois.

INF1 E era um canudo de cana, uma rolha de cortiça, por cima tinha uma boca, para encher com...

{PH|ti'ravẽwẽ=Tiravam a} água {PH|o=ao} pé dum pego de água, com um balde, um funil na boca [AB|da] da coisa, enchiam. Assim que enchessem, levavam {CT|pra=para a} eira.

{PH|ɛdi'pojz=Depois} iam buscar essa bosta, punham essa bosta ali assim, e {PH|ɛdi'pojz=depois} com água e umas vassouras de 'lantisca'... {pp} Chama-se a 'lantisca', um mato que há aí no mato, {fp} uma coisa, há aí no mato. Essa vassoura de 'lantisca', faziam essa vassoura, uma vassoura assim – pois, comparada a isto, {PH|nẽ=não é}? (...) –, e em grande, em ponto grande. E vá. Começavam a pôr ali água, em cima da bosta – aquilo era um moitão assim –, e com água começavam a bandear assim a bosta, e {PH|ɛdi'pojz=depois} começavam {pp} com a vassoura... Aquilo [AB|fazia, fazia] fazia nata.

INQ2 Pois.

INF1 [AB|Ficava] Ficava desnatado. Ficava {fp} uma espécie de caldo. E então começavam com aquilo {pp} varrendo {pp} pela eira afora. E então {PH|pẽ'savẽwẽ=passavam a} eira toda com aquilo. Toda.

Depois {PH|pujẽwẽ=punham o} trigo, {pp} quando aquilo {IP|tavẽ=estava} enxuto...

INQ2 E deixavam secar?

INF1 Depois, quando aquilo {IP|ti'ves=estivesse} enxuto, [AB|{PH|'pujẽw̃nɛ=punham a} água] {fp}{PH|'pujẽw̃nu=punham o} trigo. [AB|Pu-] Punham uns molhos desatados, todos assim em volta {pp} com a eira, tudo. E {PH|ɛdi'pojɓ=depois} punham uma camada de molhos assim, tudo empinadinho assim, punham um aqui, punham outro aqui, vinham prantar tudo com as espigas para cima [AB|e {PH|ɛdi'pojɓ=depois} punham lá] – chamavam-{PH|li=lhe} um calçadouro – {pp} e {PH|ɛdi'pojɓ=depois} punham lá o gado {pp}, nos bolsos.

INF2 Eram embolsados.

INF1 Rhã? Para não comerem, (...) assim os boiinhos embolsados e vamos embora, vá. Toca de andar com aquilo tudo à roda, ali sete, [AB|sete, oi-, oito] oito cabeças ali tudo {pp} em cima. Toca de andar à roda. E a gente cantando e semeando. Pois.

INQ1 E iam... Os, os animais iam todos presos uns aos outros por uma corda?

INF1 Todos presos por uma corda.

INQ1 Chamava-se o quê? Esse conjunto todo dos animais? Tinha algum nome?

INF1 Como é que chamariam àquilo? Pois, sei lá. Aquilo poderia ser...

INF2 É a cobra?

INF1 Hã?

INF2 Era uma cobra.

INF1 Era uma cobra.

INQ2 Uma cobra?

INF1 É, chamavam-{PH|li=lhe} uma cobra. A cobra, pois.

Código de identificação do ficheiro: LUZ08-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Ciro Idade: 73	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1501_02 faixa: 1B1502B min: 22:02-26:04	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: Os cereais	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26A faixa: 08	
Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Ago.04	

INQ1 E então agora a seguir?

INF2 {PH|e'lipəsi=Limpa-se }.

INF1 {PH|eli'pɛvẽw=Limpavam}, [AB|ju-, ju-] {PH|ɛze'tavẽwne'kilu=ajeitavam aquilo} – hum? –, começavam a limpar com o vento.

INF2 Quando fizesse vento, (jogava-se a palha).

INF1 [AB|O vento ne-] O vento, nesse tempo estava sempre da maré.

INQ1 Rhã-rhã.

INF1 Da maré era aqui do lado, aqui do lado, daqui deste lado. E então calhava [RP|calhava]...

INQ2 De que lado é? Do lado do, do poente?

INF1 Do lado daqui do{fp} poente.

INQ1 Pois.

INF1 Acarreava-se as tais forquilhas – hã? –, e a gente {pp} jogávamos sempre a palha, (o triguinho) (pelo) /{CT|pu=para o}\ lado do vento.

INQ1 O que era fazer isso?

INF1 Era, era, era...

INQ1 Era fazer o quê ao trigo?

INF1 Era aventejar. Aventejar o trigo. Pois. {pp} Toca de aventejar. {PH|edi'pojɜ=Depois} de o trigo {IP|tar=estar} todo a palha tirada, {pp} pois, era padejado. Com uma pá, toca de dar à pá.

INQ2 Só com uma pá?

INF1 Pois. Só com uma pá. Uma pá e{fp} uma pessoa com uma vassoura, varrendo as palhas.

INQ2 Como é que se chamava essa vassoura?

INF1 [AB|É uma] É uma vassoura.

INQ1 Não dizia?...

INQ2 E o que é que se dizia?...

INF1 Vassoura. Vassoura de 'lantisco'.

INQ2 *E o que é que se dizia que essa pessoa estava a fazer com a vassoura?*

INF1 Essa pessoa estava varrendo, limpando. Estava limpando o trigo das palhas. Pois. Ou

{IP|'tavɐ=estava} limpando as palhas do trigo, vamos assim. {IP|'tavɐ=Estava} limpando as palhas do trigo.

INQ2 *Pois.*

INQ1 *As palhas do trigo.*

INF1 Pois.

INQ2 *Não há nada que se dissesse que era conhar?*

INQ1 *Conhar, ou?...*

INF1 Não. [AB|Co-] Conhar não.

INQ2 *Com a vassoura?*

INQ1 *Conha?*

INF1 Não. Não. É varrer. Varrendo as palhas do trigo.

INQ2 *Rhum-rhum.*

INF1 Pois. E{fp}...

INQ2 *E outra com uma pá?*

INQ1 *Depois...*

INF1 Era padejar o trigo. Padejando. Toca de padejar. {pp} E {PH|ɛdi'pojɜ=depois} de o trigo

{IP|tar=estar} todo padejado...

INQ2 *E quando padejava o que é que saía?*

INF1 Saía munha. Saía munha e pó. {pp} Pois. Pois. E a gente {PH|ɛdi'pojɜ=depois}{fp} de

{IP|tar=estar} todo padejado – o trigo {IP|'tavɐ=estava} num cavalo; {IP|'tavɐ=estava} [AB|num] num

{RC|co=-coiso}, pois, num {RC|ca=-cavalo}, chamamos-{PH|li=lhe} um {RC|mon=-monte}, um

monte ou um cavalinho de trigo; chamava-se-{PH|li=lhe} um cavalinho de trigo.

INQ2 *Assim tudo de cogulo?*

INQ1 *Assim...*

INF1 Pois. Assim, por aí afora.

INF2 Um moitão.

INQ2 *Ai assim ao comprido?*

INF1 [AB|Assim] Assim uma tira, uma tira assim por aí afora.

INQ2 *Ah!*

INQ1 *Sim.*

INF1 Era. Porque a gente ia padejando...

INQ1 *A meio da eira? É a meio da eira?*

INF1 Pois, [AB|a meio] a meio da eira. Pois. Era o cavalinho de trigo.

INQ1 *Ah, já sei.*

INF1 E {PH|ɛdi'pojɜ=depois} de {IP|tar=estar} com esse cavalinho feito, {pp} tínhamos então o tal arneiro, que era um...

INQ1 Que era como?

INF1 Era duas pessoas. Um arneiro. Um arneiro todo tapado em buraquinhos por baixo {pp}. Um arneiro grande feito [AB|lem] numa folha de zinco, com uns arcos em ferro cruzados por baixo, [AB|para o] {CT|pra=para a} folha [AB|não, não] não baixar, [AB|não, ser] ser mais resistente e por fora era a madeira.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 E era como? Um rectângulo ou redondo?

INQ1 Devia ser muito grande, não?

INF1 Não, era redondo.

INQ2 Era redondo.

INF1 Era redondo. Não era rectângulo.

INQ2 E tinha alguns sítios onde se pegar, ou não?

INF2 Tinha. Umas asas.

INF1 [AB|Uma, uma, uma] Pegar, pegava a gente por baixo. E havia uns que tinham asas.

INF2 (...)

INQ1 Mas devia ser muito grande, para ser duas pessoas a fazer!

INF1 Pois. [AB|Ti-, ti-] Tinha umas cordas.

INF2 Pois.

INF1 Tinha umas cordas. Era umas cordas. Aquilo era furado, aquilo era assim, e {PH|ɛdi'pojɜ=depois} tinham assim um buraco, aqui tinha outro, e aqui assim levava uma corda, e o fulano agarrava aqui numa corda deste lado e agarrava outro daqui e punham ali. E a gente {PH|ɛdi'pojɜ=depois}, vá... Duas pessoas iam a prantar trigo para dentro do joeiro, [AB|do] pois, do arneiro, {pp} e a gente toca de arneirar.

INQ1 Do arneiro.

INF1 Toca. Hum? [AB|Aquilo é] Aquilo dava uma parte interessante. Arneirar o trigo!

INF2 Pois é.

INQ2 Pois é.

INF1 Arneirar. Toca de arneirar.

INF2 [AB|Eu hoje] Hoje, se for a fazer isso, ninguém sabe...

INF1 Não.

INF2 A malta que há aí, ninguém sabe (...).

INQ2 Pois não.

INF1 Ninguém sabe arneirar. Pois.

INF2 Ninguém sabe já como isso é feito.

INF1 {PH|ɛdi'pojɜ=Depois} de o trigo todo posto lá para dentro, aquilo ficava num monte de trigo.

INQ1 Pois.

INF1 Pois. E {PH|ɛdi'pojɜ=depois} pegavam...

INQ2 Quando arneiravam o que é que saía?

INF2 Saía a pedra. Uma pedra (...) grada.

INF1 [AB|Ficava] Ficava... [AB|Dentro] Dentro do arneiro, ficava a pedra {pp} e ficava o casulo do trigo.

INF2 É isso. (...)

INQ1 Ah!

INF1 [AB|Chamava] Chamava-{PH|li=lhe} a gente os cachos.

INF2 É isso.

INF1 Pois.

INQ2 Ficavam também alguns bocados de trigo que não estavam?...

INF2 Pois.

INF1 Pois. Ficavam...

INQ2 Que tinham ainda o grão agarrado, não?

INF1 Ficavam, ficavam.

INF2 Tinha.

INF1 Eram os tais cachos que ficavam assim bocados de espigas de trigo, ficavam os coisos. E depois aquilo ia lá [AB|para um] para um moitão...

INF2 E depois ia lá {CT|pra=para a} outra eirada, depois para debulhar-se...

INF1 [AB|E depois] E depois deitava {CT|pra=para a} outra eirada. Mas {PH|edi'poj}=depois}...

INQ2 Hã, o que era uma eirada? É o mesmo que o calcadouro?

INQ1 Calcadouro?

INF1 É o mesmo que é o calcadouro.

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 Ah!

INF1 Pois. É uma eirada.

INF2 É isso.

INF1 Pois. E {PH|edi'poj}=depois} disso, {fp} a gente, de ter o trigo [AB|todo] todo a monte – era um monte de trigo; {PH|edi'poj}=depois} era um monte de trigo –, e sabe o que é que as pessoas faziam?

Pegavam na pá {pp}, voltavam-{PH|li=lhe} assim em roda, passando assim com a pá em volta, faziam-{PH|li=lhe} um risquinho, faziam-{PH|li=lhe} outro {PH|o=ao} meio, e depois faziam com a pá assim por aí acima, {pp} pela parte de cima faziam-{PH|li=lhe} uma cruz.

INF2 Faziam. Afeitavam...

INF1 Assim, afeitavam, faziam-no assim. E {PH|edi'poj}=depois} pegavam na pá e em cima do monte de trigo, {pp} atanchavam-no até {PH|o=ao} fundo.

INQ1 Ente...

INF1 Mesmo na ponta do biquinho de trigo, atanchavam-no até {PH|o=ao} fundo. E

{PH|edi'poj}=depois} dali {pp} iam medir aquilo a dedos, já sabiam quantos alqueires dava.

INQ2 Ah!

INQ1 Ah! Sei! Que giro!

INQ2 Era a medida para saber...

INF1 Era a medida para saber [AB|se dava]

INQ1 Era a medida para saber.

INF1 se dava um... Chamavam-{PH|li=lhe} um quartoiro, ou se dava [AB|um] trinta alqueires, ou dois quartoiros, ou dava três quartoiros ou se dava um moio de trigo.

INQ1 Sim.

INF1 Um moio de trigo era sessenta alqueires.

INQ1 Sim.

INF1 Pois.

INQ2 E o quartoiro eram vinte?

INF1 Um quartoiro eram quinze.

INQ2 Quinze alqueires.

INQ1 Quinze, pois.

INF1 Pois. São quinze alqueires.

INQ2 Portanto, um qua-, quatro quartoiros davam um moio?

INQ1 Davam um moio?

INF1 Davam um moio, pois.

INQ1 Pois. Ai que engraçado!

INF1 E era isso. E {PH|lɛdi'pojʃ=depois}, pronto. {PH|lɛdi'pojʒ=Depois} de {IP|tar=estar} ali metido, [AB|metiam] faziam em sacos, sacos de cinco alqueires.

Código de identificação do ficheiro: LUZ09-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1503_04 faixa: 1B1503A min: 11:32-14:52	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26A faixa: 09	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Ago.04

INQ1 Então e no campo já não trabalha?

INF Não posso trabalhar no campo.

INQ1 Ai, não pode?! Ah!

INF Não sei os anos que há, mas – não sei, não me lembra –, mas há aí uns, pelo menos, uns nove – uns nove anos deve haver {pp} – que me deu um enfarte. {IP|tave=Estava} eu {pp} para cima de Vendas Novas.

INQ1 Ah!

INF {pp} Sabe onde é Vendas Novas?

INQ1 Sei, sei.

INQ2 Sim.

INF Para cima de Vendas Novas um bocado. Aí a uns{fp} seis ou sete quilómetros.

INQ1 Oh!

INF Andava lá empilhando uma cortiça.

INQ2 Ah pois, porque o senhor também andou a tirar cortiça, não é?

INQ1 Pois.

INF Pois.

INQ2 Pois, que o senhor também já nos tinha falado.

INF [ABIE] E então {pp} não senti de nada. Não senti. Não senti cá coisíssima nenhuma.

INQ2 Não sentiu dores nem nada?

INF Não. Não senti nada. Mas isso já {IP|ta=está} gravando?

INQ2 Está.

INF Pois, não senti dores, não senti nada. Não senti coisíssima nenhuma.

INQ2 Então e como é que sabe que teve um enfarte?

INF {PHlɛdi'pojɜ=Depois} {fp} vim de lá e {fp} o médico é que me disse {pp} que tinha sido um enfarte.

INQ2 Ah!

INF Pois.

INQ1 Mas na altura não sentiu nada?

INF Não. Não senti nada. {pp} Pois.

INQ2 Mas depois notou alguma diferença em si?

INF {PHlɛdi'pojɜ=Depois} {PHlnu'ti=notei}. Depois andava aqui na pedreira apanhando medronho [ABle vendi] e ia vender {CT|pɔ=para o} pomar. Ia vender?! Apanhava e {PHlɛdi'pojɜ=depois} eles iam buscar e carregavam para lá.

INQ2 Pois, pois, pois.

INQ1 Pois.

INF Pois. Medronho para fazer aguardente.

INQ1 Rhum-rhum.

INF E {PHlɛdi'pojɜ=depois} eu, foi quando eu vim a sentir. {pp} Vim a sentir, mesmo assim, {pp} que não estava bom.

INQ1 Sim.

INF Pronto.

INQ2 Pois.

INF "Pois com certeza que não estou bom"! E fui então {PHlɛdi'pojɜ=depois} alá a um hospital. Até numa sexta-feira. Numa sexta-feira ou num sábado. Na véspera de... Parece-me que foi dia dezanove [ABlde, de, de] de Outubro.

INQ2 Rhum-rhum.

INF De Outubro? Pois, de Outubro. Começava a caça, parece-me, num domingo que era [ABlque era, que era, era] a 20, parece-me que era a 20, a 20 ou a 21. E parece-me que aquilo foi no dia 19. E eu depois vou-me além {PHlɔ=ao} hospital, a caminho de Beja. E até pensei: "Mas será caso que eu (esteja) /tenha\ mal com tudo isso"?

INQ2 Pois.

INF {IP|'tavɐ=Estava} assim – {CT|nɛ=não é}? –, coiso.

INQ2 Pois.

INF "(Estou assim tão mal com tudo isso)"? Fui para Beja. Fui a Beja, {IP|'tiv=estive} em Beja, estiveram inspeccionando, vá. {pp} Outra vez lá o médico escreveu uma cartinha, entregou lá {PHlɔz=aos} {RClorgẽ=-urgentes}, lá os da ambulância, outra vez a caminho do hospital [ABlde Be-] {fp} de Odemira. Vim além: "Olhe, {IP|ta=está} aqui para você ficar internado. Mas nem sequer tenho cama, tenho que ir ver se encontro para ali uma cama"! E digo: "Olhe, sim senhor. Eu ficava internado da melhor vontade". Pois. "Mas tenho que ir {PHlɔ=ao} monte, {pp} que a minha patroa {IP|ta=está} aqui em Odemira, porque partiu uma perna já há quatro ou cinco meses, e {PHl'ĩdɛ=ainda} aqui está em tratamento porque não se pode mexer por ela".

INQ1 Ah!

INQ2 Ah! Pois, pois.

INF "Mexe-se por ela, mas não pode andar, não pode fazer as coisas e então tem que {IP|tar=estar} ali... Tem que {IP|tar=estar} ali em tratamento, [AB|aqui perto] aqui perto [AB|de O-] de Odemira, {IP|ta=está} aqui [AB|na] na terra, ({IP|ta=está} aqui em tratamento)". Bom: "{IP|ta=Está} bem. {pp} Olhe, então vá-se ali por a farmácia" – {fp} aviou-me uma receitazinha – "[AB|e compre] e compre estes comprimidos e tome um todos os dias". "{IP|ta=Está} bem". "Escusa de cá vir". Pronto. E foi assim que se passou.

INQ2 E nunca chegou a estar internado então?

INQ1 Não?

INF Não. {pp} [AB|(Isto é)] Isto foi uma doença... Se desse para ficar, tinha ficado logo.

INQ1 Pois.

INQ2 Pois. Pois.

INF [AB|E posso] E posso viver muitos anos disto e nunca morrer disto.

INQ1 Pois, pois, pois.

INQ2 Pois, isso é verdade.

INF Pois.

INQ2 Mas tem que ter cuidado.

INF Pois tenho.

INQ2 Para não se apoquentar e coisas assim, não é?

INQ1 Pois claro.

INF Pois. É mesmo. [AB|Isto]

INQ2 Também desde que ninguém o apoquente...

INQ1 Pois é.

INQ2 O senhor não se apoquenta, não é?

INF Pois. E até é tanto que {pp} às vezes, conversar muito, muito, muito, muito, muito, faz mal.

INQ2 Pois. Claro.

INF Faz-me [AB|esta] esta coisa na garganta.

INQ2 Ah, esta falta de...

INF Sim, esta tosse, vê, como este pigarro, esta coisa.

INQ2 Pois, pois.

INQ1 Rhum-rhum.

INF {fp} Vê como {PH|'idē=ainda} agora {IP|'tavē=estava} aqui a tossir?

INQ2 Pois, pois. Eu vi.

INF [AB|É de fa-] É de falar muito.

INQ2 É de falar muito.

INQ1 Ah!

INF Sim. Pronto, as senhoras abalaram e eu fiquei descansando, pronto, [AB|já não (...)] já me passou mais isto.

INQ1 Já está bom.

INQ2 Pois.

INF Passou, pronto! Fiquei normal.

INQ1 Pois é.

Código de identificação do ficheiro: LUZ10-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Ciro Idade: 73	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1503_04 faixa: 1B1503A min: 18:37-21:13	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: A cortiça	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26A faixa: 10	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Ago.04

INF1 A malta aqui pegou-se a isto, isto tornou-se numa moda. Pois.

INQ1 Pois, agora... E foi o senhor que lançou a moda?

INF1 Pois. {pp} Tornou-se... Isto torna-se numa moda, barris de cortiça para o trabalho.

INQ1 Pois.

INQ2 Pois é.

INF1 Então a malta não quer outra coisa.

INQ1 Pois. É porque também deve ser leves para levar, não é?

INF1 Pois é.

INQ1 Pois.

INF1 Nem é tanto ser leve. É a boa água que faz.

INQ1 Pois.

INQ2 Pois.

INQ1 Fica fresca.

INF2 Há sempre água fresca.

INF1 Água fresca sempre.

INQ1 Pois.

INF Pois. [ABIE mesmo]

INQ1 E deve saber bem!

INF1 Ali tenho eu um que já me fez a água bem ruim.

INQ1 Ah sim?

INF1 Fez-me a água bem ruim. Mas ensinaram-me uma mezinha que eu não sabia.

INQ1 Ah!

INF1 Porque um não sabe tudo, muitos é que sabem tudo!

INQ1 Exacto.

INF1 Pois. [ABIE é] E é verdade. Pois. O barril fazia-me a água ruim que {fp} eu parece-me que era só [RPlera só] ter um quarto de hora de ter água, cheio de água, a água já não se podia beber. E veio aqui um gajo com uns barris para eu arranjar e outros para eu amanhar {pp}, pois, {fp} e esse é que me disse [ABlo que é que] o que é que era bom para aquilo. E eu pensei: "Será caso?; deixa que hei-de experimentar". Um dia pego ali no barrilinho, como faço aquilo, olhe, não {PHli=lhe} conto nada!

INQ2 Mas afinal o que era? Era a coisa, a cortiça que era má? Que tinha mau sabor?

INF1 Pois, é a cortiça que tem mau sabor.

INQ1 Pois.

INF1 Mete-se-{PHli=lhe} água dentro, toma aquele sabor logo mau, aquele sabor, aquele gosto esquisito, {CTlnej=não é}? É como a podrum.

INQ2 Pois, pois.

INF1 Pois. Toma [ABlaquele] aquele gosto. [ABIE] E os barris, o mesmo produto que dou a uns, dou a todos,

INQ2 Claro.

INF1 e uns fazerem boa água e outros não fazem!

INF2 Pois.

INQ2 Ah, pois, pois. Não há-de ser do seu...

INQ1 Pois, claro.

INF1 Pois. [ABlAquilo] Aquilo deve de ser [ABlde] da cortiça.

INQ2 Da cortiça, pois.

INQ1 Pois é.

INF1 Conforme a qualidade da cortiça. Há cortiça mais fina, há cortiça mais grosseira.

INQ1 Pois.

INF1 Pois. E aquilo... [ABIE, e] E deve ser disso. E este aqui, se calhar, foi disso.

INQ1 Pois foi.

INF1 Pois. Começou-me a fazer... Se for logo no princípio, faz a água boa; daí começou-me a fazer uma água {PHld{ki'zite=esquisita}. Até que eu pensei: "Deixa, que eu já te digo"! Disseram-me aquilo, oh! É sal {PHl'vir3u=virgem}... [Tosse] É sal {PHl'vir3u=virgem}. Fulano arranja uma manchinha de sal {PHl'vir3u=virgem}, mete ali dentro da bilha, {pp} pranta-{PHli=lhe} uma pinguinha de água, poucozinha, vai bandeando nele, muito bem bandeandinho, muito bem bandeandinho, para um lado e para outro, vai-{PHli=lhe} e põe-{PHli=lhe} mais uma pinguinha de água, vai bandeando, bandeando muito bem o barrilinho por dentro, com aquele sal, aquilo até se vão (lascando) lá dentro.

INQ1 Pois.

INQ2 Pois.

INF1 Vai bandeando, vai bandeando, torna a bandear e mete-{PHli=lhe} mais outra pinguinha de água, quando {IPl'tẽdu=estando} grosso, bandeia um belo pouco {pp} e deita a água fora.

INQ1 Pois.

INF1 Mete-{PHlli=lhe} mais água nova, pois, água limpa, lava tudo bem lavadinho, enche-o de água.

Deixe-o {IPltar=estar} ali um dia ou dois, {pp} que ele gosta...

INQ1 Fica bom?

INF1 Que ele gosta.

INQ2 Ai, que engraçado!

INF1 Olha que até parece mentira!

INQ2 Pois é!

INQ1 Pois, deve ser o sal, acaba por tirar alguma porcaria, alguma coisa, que te-, que esteja, não é?

INQ2 Pois.

INF1 Aquilo o sal derrete {pp} e passa pela cortiça toda.

INF2 Pois, e é...

INF1 E passa para dar um produto qualquer de bom sabor.

INQ1 Pois. Pois, deve ser.

INF1 [ABlQue é isto, que é isto] Que é isto [ABlque me eu] que eu quero crer que seja, talvez.

INQ1 Pois.

Código de identificação do ficheiro: LUZ11-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1503_04 faixa: 1B1503A min: 28:48-30:07	Inquiridor2:
Assunto: A horta e os produtos hortícolas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26A faixa: 11	
Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Ago.04	

INQ1 E outra que se põe nas azeitonas?

INF É o {PH|tu'ni|lu=tomilho}. {pp} {PH|tu'ni|lu=Tomilho}, oregos.

INQ1 Pois.

INF Pois. [ABIE] E{fp} dentinho de alho. Nas azeitonas é: é dentinho de alho, {PH|tu'ni|lu=tomilho} e oregos. E sal.

INQ1 E sal.

INF Pois. O {PH|tu'ni|lu=tomilho} {pp} é para fazer a azeitona rija.

INQ1 Ah!

INF Pois. Pois. {pp} [ABIO t-, o t-]

INQ1 Olhe, então e isto o que é?

INQ2 Diga?

INQ1 Ia dizer?...

INF Isso é vagem.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Vagem. Vagem de quê? É ervilha?

INQ1 Não.

INF Isso é vagem.

INQ1 E este? Isto é o que sai daqui, quando está se-?

INF Mas isso é [AB|isso é, isso é, isso é o b-] o coiso, o {RC|feij-=feijão}, o bagulho.

INQ2 Rhum-rhum. É o bagulho do quê?

INF Bagulho. Bagulho do {RC|fei-=feijão}. Pode ser da vagem ou pode ser do feijão verde.

INQ1 Pois.

INF Feijão verde. Feijão verde, mas acho eu... O feijão verde... Isso é que acho uma coisa mal feita.
Pois. Porque o feijão verde é uma coisa, {pp} a vagem é uma coisa {pp} e o feijão é outra. Então chamam feijão verde à vagem porquê?

INQ1 Porquê? Pois.

INF Pois. Porquê isso? Se é vagem, é vagem.

INQ1 Pronto. Aqui é a vagem?

INF Pois. Aí é a vagem.

INQ1 Pois.

INF Pois.

INQ1 E nesta terra também o que se diz é a vagem?

INF É a vagem.

INQ1 Feijão verde não?

INF Não.

INQ1 Pois.

INF É a vagem.

Código de identificação do ficheiro: LUZ12-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Ciro Idade: 73	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1503_04 faixa: 1B1503B min: 08:16-12:17	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26A faixa: 12	
Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Ago.04	

INQ1 Olhe e uns que há assim parecidos com estes, mas vermelhinhos e que se põe na comida para ficar assim a comida?...

INF1 [AB|Ai] Ai, isso é [AB|isso é o tal] a tal malagueta.

INQ2 É isso mesmo.

INF1 É mesmo malagueta.

INQ2 Fica a comida muito quê?

INF1 {PH|'mujtɛ=Muito} queimosa. Ai mãe santíssima! Se eu {PH|li=lhe} fosse contar [AB|luma parte] duma parte que houve uma vez com uma caldeirada sobre essa coisada!

INQ2 Então?

INQ1 Então conte lá.

INF1 Ai mãe santíssima! Uma vez fui à Venda {RC|No=Novo}. Fomos à pesca, à barragem – à barragem de Santa Clara.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 Lá fomos. {pp} Dois indivíduos, fui eu aqui mais o meu vizinho, e apanhámos uma grande remessa de achigãs. E depois a gente tinha muito aquele costume: vínhamos pelo um caminho, chegámos aqui à Venda Nova, deixámos ali na volta talvez [AB|duns{fp}] duns três quilos de achigãs, arranjadinhas, de salinho. Fui: "Arranja aqui que é para a gente, daqui a nada, virmos aqui comer, fazer aqui a caldeirada".

INF2 Pois.

INQ2 Desculpe.

INF1 Pegámos nas outras, trouxemos para casa. {pp} Pegámos nas outras, trouxemos para casa. Pois. Chegámos aqui, {IPlti'vɛmuz=estivemos} aí comendo, {pp} digo: "Bom, vou-me até à Venda Nova, que tenho lá uma caldeirinha de achigãs que deixei lá a chocar". A minha patroa disse-me, disse logo...

A minha patroa disse-me: "Sim, vai, que faz-te bem! Sim. Vai. Vai que isso é bom para ti"! {fp} Mas eu, a gente, naquele tempo, quando era novo...

INQ1 Pois.

INQ2 Pois.

INF1 A gente pega na gente, fomos até lá. Mandámos arranjar a caldeirinha de achigãs, {pp} {IP|tavẽ=estava} o Clarêncio e este que trabalha aqui [AB|nesta] lá no posto, lá no coiso, lá [AB|na, no banco] no Banco Ultramarino.

INF2 No banco.

INF1 E a esse eu chamo-{PH|li=lhe} o Clariano da Venda Nova. {pp} E estavam por ali mais uns quantos {pp} amigos, pois. Onde {IP|tavẽ=estava} [AB|lo] o {PH|ti=tio} Clarimundo, {IP|tavẽ=estava} o {PH|ti=tio} Claudemiro, que era das Murtinheiras e {IP|tavẽ=estava} [AB|lo] ali o coiso, {pp} [AB|lo] ali [AB|lo, o Claudiano] o Claudiano do Monte Novo, o Claudianinho...

INF2 Era pouco judeu!

INF1 "Ah, vai uma caldeirada de achigãs"! Com aquelas três caldeiradas, com aqueles três quilos de achigãs, vai uma caldeirada!

INF2 {IP|ta=Está} bom!

INF1 Bom, a {PH|ti=tia} Conceição foi fazer a caldeirada: "{PH|ti=Tio} Cirilo" – que era eu... "Ó {PH|ti=tia} Conceição". "Há-de provar aqui isto a ver se isto está bom". Digo: "Olhe, por acaso tem um bocadinho de queimo mas pouquinho, pode-{PH|li=lhe} pôr mais um bocado". "Sim senhor. Então {IP|ta=está} bem". Ela para ele não se enganar, truz!, pôs um bocado; o {PH|ti=tio} Claudino safa-se, {pp} mete outro, o Clarêncio mete outro.

INF2 Ah pois! Pronto!

INF1 Ai mãe santíssima! Bom, {IP|ta=está} bem! "{PH|ti=Tio} Cirilo, prove lá agora, que eu já pus mais um bocadinho, prove a ver se isto agora {IP|ta=está} bom". Digo: "Ai mãe santíssima! Então o que é que vomecê fez? Porque é que vomecê fez isto? Então vomecê estragou isto tudo, homem! Então isto {IP|ta=está} tudo queimoso, então quem é que dá comida isto"? Bom, mas aquilo, a gente não fez assim muito caso com a queima, fui fazendo. Tirámos aquilo ali para cima da mesa, chegámos para ali todos para comer. {pp} Ó mãe santíssima! Eles então diziam: "Sim senhor. Uma caldeirinha tão boa mas estragaram isto com o queimo"!

INQ2 Pois.

INF1 E o Clarêncio dizia assim: "Ai! Ai {PH|ti=tia} Conceição! {IP|ta=Está} tão boa, tão boa, tão boa, tão boa, mas isto não escapa aqui nada! Bebe-se uma pinguinha atrás da comida que isto vai tudo bem"! Olhe, não {PH|li=lhe} conto nada! Foi umas bebedeiras, mas fomos daquelas... É daquelas bebedeiras que a malta... Era daquelas bebedeiras alegres!

INQ2 Pois.

INF1 Pois. Não, a malta não dava para guerreamos uns com os outros...

INF2 Pois, essas é que é boas. (Isso é tudo malta alegre).

INQ2 Pois.

INF1 Não se dava para... Dava para se {PH|ədvir'tir=divertir}, a cantar os seus fados, os seus fadinhos!

INQ1 Ai, que bom!

INF1 A dizer as suas [AB|as su-]... O Claudemiro das Murtinheiras dizia as suas boas quadras (...).

INF2 Ai isso é uma lenda!

INQ2 Que engraçado!

INF1 Aquilo foi uma noite, uma noite bem passada!

INQ2 Pois.

INF1 Ali às tantas da [AB|ma-] noite, entrámos lá para dentro dum casão que lá havia, com umas mantas, com uma coisa qualquer, olhe, passámos lá o resto da noite. [Risos] No outro dia de manhã, {PH|əlivẽ'tamuʒ=levantámos}, viemos embora para baixo; depois aí em baixo, vínhamos aí frescos!

INQ2 Tudo à custa da malagueta!

INQ1 Da malagueta!

INF1 Eu {PH|nẽ=não} tinha visto! Nunca mais comi obra daquela!

INF2 (...)

INF1 [AB|Uma coisa] Uma coisa bastante boa!

INF2 (...)

INF1 É verdade.

INF2 (Oh pá, judiaram com aquilo)!...

INF1 [AB|Tinha, tinha, tinha] Tinham 'cachamorros' [AB|aqueles] aqueles moços, quando pensassem que{fp}... Quando pensassem em pôr qualquer coisinha [AB|de] assim de judiar [AB|com] com qualquer comida, vá de malagueta. Mas no fim, naquele tempo, a gente{fp}, pronto, éramos novos e nada fazia mal à gente.

INQ2 Claro.

INF1 E aquilo até (comi) e no fim aquilo {IP|'tevi=esteve} tudo certo.

INQ1 Pois.

INQ2 Claro.

Código de identificação do ficheiro: LUZ13-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1503_04 faixa: 1B1503B min: 29:00-31:10	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26A faixa: 13	Data da primeira transcrição: Mai.05 Data da revisão final: Ago.04

INQ1 Olhe, e estas, o senhor também disse que também havia ou que houve cá?

INF1 Isto não é... Não é a castanha?

INQ1 É.

INF1 É a castanha, é. É.

INQ1 Que vem dentro de quê?

INF1 Vem dentro do ouriço. Pois.

INQ1 Então e a árvore que dá?

INF1 É o castanheiro.

INQ1 E uma terra onde há muitos castanheiros?

INF1 É um castanhal. {pp} Pois.

INQ1 Olhe, e aqui faz-se um... Não sei se é hábito fazer uma, uma, uma festa, onde se comem muitas castanhas?

INF1 Ah! Fazem uns magustos.

INQ2 Como se chama?

INF1 Magusto.

INQ2 E em que, é...

INF1 Toda a vida tenho chamado um magusto de castanhas; outros chamam uma assada de castanhas.
"Vai fazer uma assada"!

INQ1 E em que altura do ano é que fazem isso?

INF1 É pelos Santos. {pp} Pois. Dia de Todos os Santos de manhã, uma grande braseira no fogo...

INF2 (É. Uma grande braseira).

INF1 Havia, nesse tempo, quando a gente {IP|'tavɐmuʒ=estávamos} na Pereira, tínhamos lá castanheiros. [AB|Aqui no] Aqui o lavrador Cláudio que {IP|'tavɐ=estava} (no pomar) /em Tomar\ era

a mesma coisa. Às vezes, íamos {PH|o=ao} bolinho, que a gente [AB|{PH|íde=ainda}]
{PH|íde=ainda} fomos moços de bolinho. Não sabe o que era andar {PH|o=ao} bolinho?

INQ2 Pois.

INQ1 Não sei, não sei.

INQ2 Andar ao... Pão por Deus.

INQ1 Ai é o pão por Deus. Será?

INF1 Pois. (É) andar {PH|o=ao} pão, bolinhos [AB|e que fazia] ... A malta fazia bolinhos, faziam
brindeirinhos e faziam [pp] bolinhos mesmo,

INQ1 Sim.

INF1 biscoitas.

Código de identificação do ficheiro: LUZ14-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Ciro Idade: 73	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1503_04 faixa: 1B1504A min: 11:06-13:43	Inquiridor2:
Assunto: A vinha e o vinho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26A faixa: 14	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Ago.04

INQ Como é que era quando, como, quando, quando vão apanhar as uvas, quando vão... E o que é que fazem depois com elas?

INF1 Então, [AB|levam, levam] levam uma 'podadeira'. Para apanhar os cachos de uvas, levam uma tesoura. Pois.

INQ Rhum-rhum. E vão pondo esses cachos?...

INF1 E {PH|èdi'poj3=depois} vão pondo os cachos [AB|dentro, dentro da, dentro] dentro das canastras.

INQ Não dão outro nome a essas canastras?

INF1 Não.

INQ É só canastras?

INF1 Umas canastras. É mesmo canastras.

INQ E, e depois?

INF1 Pois. {PH|èdi'poj3=Depois} prantam-nas às costas e carregam [AB|para dentro do] para dentro [AB|do] do coiso, [AB|do] dos baldes, [AB|do, do] dos potes. Vai uns potes, vão [RP|vão] aqui os tractores. Quem diz os... Pois é os tractores que vão com umas caixas lá em cima, uns depósitos lá dentro, e despejam lá para dentro. Pois.

INQ E antigamente quando não havia tractores?

INF1 Quando não havia tractores?

INQ Sim.

INF1 Quando não havia tractores, era nas carretas e às costas. Pois.

INQ E depois levavam essas uvas para onde?

INF1 Levavam [AB|{CT|pra=para a}, p-, p-] {CT|pa=para a} lagariça, {CT|pø=para o} lagar. Pois, era {CT|pa=para a} lagariça mesmo. {CT|pa=Para a} lagariça.

INQ E quando chegavam lá onde é que deitavam as uvas?

INF1 [AB|Deitavam] Deitavam dentro da lagariça; {pp} e {PHlɛdi'pojz=depois} de deitarem para dentro da lagariça, {pp} iam para lá uma mancheia deles. Pois.

INQ Fazer o quê?

INF1 Agarravam-se a umas cordas e toca de dançar alá dentro, partindo aquilo tudo, arregaçados até o joelho. Arregaçados até o joelho e toca a patearem. Pois. Por vezes... Pois. Era isso.

INQ Pois.

INF1 E {PHlɛdi'pojz=depois} {fp} aquilo...

INQ E depois?

INF1 {PHlɛdi'pojz=Depois} aquilo ia-se espremendo lá dentro. Aquilo {IPl'tavɛ=estava} tudo fechado lá dentro. Aquilo a lagariça {IPl'tavɛ=estava} tapada. Aquilo ia-se enchendo-se, enchia-se.

INQ Pois.

INF1 E {PHlɛdi'pojz=depois} {fp} {pp} deixavam-na {IPl'tari=estar}. Pois. Deixavam {IPl'tar=estar}, aquilo apurava tudo acima e depois começavam a tirar as 'gingalhas', os cachos, [AB|aquela] aquelas impurezas, aquelas das peles, ali tudo, apurava tudo em cima.

INQ Rhum-rhum.

INF1 Três dias. (Parece-me que aquilo) que eram três dias. E {PHlɛdi'pojz=depois} de apurar três dias, abriam por baixo, e era coadinho, vá, (lá) para dentro das bilhas. Para dentro [AB|das, das] das pipas.

INQ E estava pronto?

INF1 E {IPl'tavɛ=estava} pronto. Não {IPl'tavɛ=estava} pronto!

INQ Então?

INF2 (...)

INF1 Pois. {PHlɛdi'pojz=Depois} ia para dentro [AB|do] das pipas,

INQ Pois.

INF1 e {PHlɛdi'pojz=depois} estava lá a cozer.

INQ Pois.

INF1 {PHlɛdi'pojz=Depois} [AB|até] até pegavam num pero, {pp} punham na boca [AB|do, do barr-] do barril, na boca por cima: a pipa {IPl'tavɛ=estava} cheia, assim deitada – tinha uma boca por cima donde tinha o coiso – e pegavam num pero sadio e punham-no ali. Quem diz um pero, diz um marmelo.

INQ Rhum-rhum.

INF1 (Sucessivamente) uma peça qualquer.

INF2 (...) Uma fruta qualquer.

INQ Sim.

INF1 Quanto [AB|mais] mais bem cheirosa fosse, melhor. O vinho {PHlɛdi'pojz=depois}

{PHlɛrɪsi'biɛ=recebia} [AB|aquele] {pp} aquele gosto.

INQ Ah! Pois.

INF1 E quando o pero fosse {IPl'tɛdu=estando} podre, o vinho ia {IPl'tɛdu=estando} cozido.

INQ Ah!

INF1 Pois. Isto era [ABlmais] mais parte era um pero.

INQ Pois.

INF1 [ABlMais] A coisa mais principal. Um pero ou uma pera.

INF2 Pois.

INQ Pois.

INF1 Pois. Punham ali. Quando o pero fosse {IP|tẽdu=estando} podre {pp}... Deixa [ABlque] {pp} que o pero {IP|ti'ves=estivesse} já {PH|kwaj=quase} podre na boca [ABldo] da bilha, {pp} podiam ir provar o vinho, que {IP|tave=estava} bom.

INQ Rhum-rhum.

Código de identificação do ficheiro: LUZ15-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Ciro Idade: 73	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante3: Cloé Idade: 57	Sexo: Feminino Escolaridade: Analfabeta
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1503_04 faixa: 1B1504A min: 23:39-26:42	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: O azeite	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26A faixa: 15	
Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Ago.04	

INQ1 Então e lá no lagar como é que se fazia, o que é que havia para se, para se moer a azeitona?

INF1 [ABIHavia] Havia os maços [ABlda, do, da, da] do coiso do... {pp}

INQ2 Há umas pedras grandes, não é, que andam a moer, ou não?

INF1 Isso, nesse tempo, não era isso!

INF2 (...)

INF1 Nesse tempo, não era isso.

INQ1 Então era como?

INF1 Era um maçarico.

INF2 Era, era.

INQ1 Ah! O que era um maçarico?

INF1 Eram maçaricos.

INF2 É.

INF1 ({fp} Pois). Um balde, chamavam-{PHlli=lhe} um maçarico.

INF2 Pois.

INQ2 Um quê?

INF1 Um maçarico.

INQ2 Mas o que é que chamavam um maçarico?

INF1 Um maçarico era uma coisa assim deste tamanho feita em madeira.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 Sim. Ah!

INF1 Pois. E depois {PHl'punãwneze'tone=punham azeitona} ali para dentro, {pp} e com uns

{RClmadei-=madeiros}, [ABlcom, com] com uns maços de pau, tal e qual como quem {IPlta=está}

batendo como batia taipa noutros tempos.

INF2 E depois pisavam.

INF1 E vá {pp}, pisando aquilo tudo, muito bem pisadinho.

INF2 Pisava-se.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Pois. E {PHlɛdi'pojz=depois} de aquilo {IPltar=estar} pisado, tiravam {pp} para fora e metiam dentro numa saca. Aquilo ia para dentro da saca, iam pondo para ali,

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 para dentro da saca, [ABliam] iam para ali, punham dentro da saca, punham um pano e punham, punham...

INF3 Não se cansam de tanto falarem, hoje?!

INF1 E {PHlɛdi'pojz=depois} de {IPltar=estar} dentro numa saca – hã? –, ia para dentro [ABlɔ {pp}] da lagariça.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Iam para dentro da lagariça, depois tinham água quente, {pp} punham em cima da saca e o fulano lá em cima toca de patear aquilo.

INQ2 Patear com quê?

INF1 Com os pés.

INQ2 Com os pés?

INF1 Pois.

INQ1 E com água quente?

INF1 Com água quente. Água morna.

INQ1 Ah! Sim, pois.

INF1 Pois, aguentava-se bem.

INQ1 Pois.

INF1 Toca de patear aquilo. Iam pateando aquilo, aquilo ia deitando [ABlágua 'merno'] água morna [ABle {PHlɛdi'pojz=depois} havia] {pp}... Aquilo havia {PHlɛdi'pojz=depois} ali um grande fogo, uma grande fogueira, ali... Montavam um alguidar {pp} numa bilha e [ABlã, e essa] essa coisa de lá ia correndo ali para dentro [RP(ali para dentro)]. E com o calor, a água do alguidar começava a ferver e o azeite {PHlɛdi'pojz=depois} {pp} começava a sair.

INQ1 Rhum-rhum. E saía para onde?

INF1 Pois. Saía para dentro de... {pp} Como é que lhe chamam àquilo? {fp} Uma medida, era uma medida de cinco litros, ali para dentro dum balde, aquilo era um balde, uma medida de cinco litros que havia nesse tempo. Pois.

INQ1 Não davam nome nenhum a esse balde?

INF1 Não. [ABlEra a, era a] Era a medida de cinco litros. Pois. (Era, pois).

INQ1 E era assim que se fazia antigamente?

INQ2 E a água, e essa água que, que vinha misturada com o azeite, para onde é que ia?

INF1 A água? [ABlAquela, aquela, aquela]

INQ2 Aquela água quente?

INF1 Corria. Corria para fora.

INQ2 E chamavam-lhe o quê, essa água? Tinha algum nome?

INF1 [AB|Aquilo] Aquilo era... {pp} Como é que chamavam ao nome da água?

INF2 Água-ruça.

INF1 Era. Era (justamente) água-ruça.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Era água-ruça.

INQ2 Água-ruça.

INF1 Pois.

INQ2 Que giro!

INF1 Era água-ruça que corria para fora.

INQ2 Pois, essa maneira nem nunca tinha ouvido contar.

INQ1 Pois.

INF1 É{fp}. Era assim que faziam azeite noutro tempo.

INF2 Pois era.

INQ1 Pois.

INF1 (E dava). (O) meu pai, que Deus tem, fez tanto azeite desse nas sarnadas!

INQ1 Ai sim?

INF2 (Era).

INF1 Pois. Tinha lá umas oliveiras. Fazia aí{fp} cem litros, duzentos litros, trezentos litros de azeite.

{pp}

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Nesse tempo! [AB|Depois (...) era] Era no tempo... Hã, txi, pois!

INF2 (...)

INF1 [AB|E era] E ali era todo pisado a maço.

INQ2 Pois, pois.

INQ1 Pois.

INF1 Ora agora hoje é que usam umas mós,

INQ2 É.

INF1 nesses {PH|ə'gariʒ=lagares}, usam umas mós e as mós {pp}

INQ1 Sim.

INF1 vão correndo ali em cima da azeitona, vão correndo, vão correndo, vão correndo, e aquilo

{PH|ədi'pojʃ=depois} tem uma coisa para abrir, aquilo a azeitona vai saindo – a azeitona pisada vai saindo para fora.

INF2 Pois, agora (...).

INQ1 Pois.

INF1 Pois. E depois vai (...) ser 'encapachada'.

INF2 Agora fazem tudo à mó.

INQ1 Pois.

INF1 E depois é 'encapachada' e depois vai {CT|pa=para a} {PH|i'prēsə=prensa}.

INQ1 Pois.

INF1 E depois da {PHfi'prẽsẽ=prensa} é que dali cai e passa então por essas bilhas que {IP|tẽw̃=estão} a ferver,

INQ1 Pois.

INF1 essas bilhas quentes e por lá depois é que passa e depois é que começa a correr para dentro [AB|de] dum alguidar grande,

INQ1 Pois.

INF1 dum alguidar que há ali de cobre [AB|ou de{fp}] ou de zinco. Alguidares fortes!

Código de identificação do ficheiro: LUZ16-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Ciro Idade: 73	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1B1503_04 faixa: 1B1504B min: 11:51-15:51	
Inquiridor2: Luísa Segura	
Assunto: O sobreiro e a cortiça	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26A faixa: 16	
Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Ago.04	

INQ1 Como é que tira a cortiça?

INF1 A gente racha a cortiça.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 Pois. A gente chegamos {PH|o=ao} pé duma sobreira {pp}... Primeiramente, [AB|a cortiça] {fp}as cortiças, {fp} ainda hoje [RPl|ainda hoje] se vierem pessoas fazer, calhando, a maior parte delas não sabem.

INQ1 Rhum.

INF1 Tira-se um trinco à cortiça. E é ali que a gente vê: a cortiça tem que ter nove anos. Ter nove ou ter dez, {CT|nej=não é}?

INQ2 Pois.

INF1 Se a gente tira com dez, pois {pp}... A cortiça {IP|ta=está} ali, como é que a gente sabe se ela tem nove, se tem dez?

INQ2 Pois.

INF1 Ou se tem onze? {pp} Pois não. Tiramos um trinquinho à cortiça [AB|e {PH|edi'poj}=depois]... Temos uma faquinha afiadinha, vamos ali e cortamos na cortiça. Pois. E {PH|edi'poj}=depois} de cortar na cortiça... Aquilo a cortiça tem... Se tem dez anos, tem dez linhas; {pp} se tem onze anos, tem onze linhas. Pois.

INQ2 É assim que conhecem.

INF1 Pois. E a gente vai ali e às vezes aquilo não descobre bem, {IP|ta=está} a compreender? Se a gente não se descobre bem, a gente molha assim o dedo {pp} e esfregamos assim na cortiça. {pp} Hum?

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 Pronto. Depois ali olhamos-*{PHli=lhe}*. Depois ali já contamos: uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove. *{pp}* Já contamos dez linhas, ou nove linhas.

INQ2 Pois.

INF1 Pois. Já tem nove linhas. *{pp}* Já se tira.

INQ1 Pois.

INF1 Pois. Agora não. Agora prantam aí um cinco, ou prantam um quatro, ou prantam um três, conforme é, conforme a era, pronto. "Olha, é duma era de mil novecentas e tantas"!

INF2 Mas é só os que andam por aí (...).

INQ2 Pois.

INF1 E eu: "Olha, *[AB]já* tem tantos anos"! Pronto, é só chegar *{PHlo=ao}* pé e tirar.

INQ2 Tirar, pois.

INF1 *{PHlnẽ=Não}* tem ciência nenhuma, aquilo! *{pp}* (De) agora não tem ciência!

INQ2 Claro.

INF1 Quando chegarem *{PHlo=ao}* pé duma sobreira...

INF2 Pois.

INF1 Pronto, um vai ali! O que tinha ciência era às vezes ter que contar as linhas.

INQ2 Pois.

INF1 Que a gente às vezes malhávamos-se ali um belo pouco *{pp}* a contar as linhas.

INF2 Pois.

INF1 E eles então *{PH|fazẽjnu=fazem o}* seguinte agora: marcam logo as sobreiras *[AB]que é para, que é* que é para não *[RP|não]* ter esse empate, não ter...

INF2 Hoje (...). Pois.

INQ2 Pois.

INF1 Ser uma coisa... Gastam o dinheiro logo, o que haviam de... O tempo que os homens estavam ali à espera *[AB]de* contando aquilo... Agora não. Agora enfiam-*{PHli=lhe}* a (coisa) e pronto.

INQ2 Põem a data, pronto. Põem a era.

INF1 Põem a data e tiram. Pois.

INQ2 Pois.

INF1 *[AB]Naquele* Naquele tempo era assim tudo.

INQ1 Então...

INQ1 E depois como é que tirava?

INF1 *{PH|edi'poj}=Depois* tirava-se. *{PH|edi'poj}=Depois* a gente rachava. *[AB]Ao meio do, da sobreira* *{pp}* Ao meio da sobreira, fazíamos um redondo em roda *{pp}* da sobreira.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Com o machado, íamos ali cortando, fazíamos em roda. *{PH|edi'poj}=Depois* de ter, cortávamos para baixo *{pp}* em três ou quatro pranchas, *{PH|nej=não é}*?

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 {PH|ɛrɪ'davɛmuzɛ}=Arredávamo-las}. {pp} {PH|ɛdɪ'pojɜ=Depois} deixávamos uma da parte da frente – na parte da frente não se tirava – e rachávamos por aí acima outra vez. {pp} Pois. Rachávamos por aí acima e {PH|ɛ'briɛmuzɛ=abríamos-la}. E essa que ficava da parte da frente ficava ali. Pois. Abríamos aquela [AB|para] para os lados, metíamos ali uns bocadinhos de cortiça dum lado, outros bocadinhos de cortiça do outro {pp}. Quando a gente éramos sozinhos, íamos lá para cima {PH|ɛdɪ'pojɜ=depois}, fazíamos o corte lá por cima nas pernadas, cortávamos as pernadas, fazíamos os cortes como havia de ser, empurrávamos [AB|las] as pernadas {CT|prɔ=para o} chão, outras também do outro lado, e {PH|ɛdɪ'pojɜ=depois} chegávamos ali {PH|ɔ=ao} pé do pé... Às vezes estava uma pessoa cá por baixo. Quase sempre. E {PH|ɛdɪ'pojɜ=depois} logo o resto aquilo saía tudo que era uma beleza! E essa folha que ficava ali na frente, que era {CT|pa=para a} gente {PH|ɛsu'bir=subir} para cima.

INQ2 Ah!

INQ1 Era para ajudar à?...

INF1 Pois, era {CT|pa=para a} gente {PH|ɛsu'bir=subir}. [AB|E{fp}] E hoje não. E hoje vão aí {PH|ɔ=ao} pé duma sobreira e levam uma escada.

INQ2 Pois, pois, pois.

INF2 Pois, hoje já não.

INQ2 Então e essa, essa da parte da frente era a última a tirar?

INF1 Era a última a tirar.

INQ2 Pois.

INF1 Era a última a sair.

INQ2 Pois. Exactamente.

INF1 Pois.

INQ1 E depois o que é que faziam à cortiça que, que saía cá para fora?

INF1 {fp}Depois a cortiça, andavam lá os ajuntadores.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 [AB|A gente] A gente era só marchar de sobreira em sobreira.

INQ1 Ah!

INQ2 Pois.

INF1 Ver onde é que ela estava.

INQ2 Pois, pois.

INQ1 E os ajuntadores, que é que faziam?

INQ1 Que é que faziam?

INF1 Os ajuntadores iam lá, ajuntavam-no com uma corda. Traziam uma saca {pp} assim por cima da cabeça, {PH|ɔ=ao} feitio de barrete.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 Pois, {PH|ɔ=ao} fim duma saca – feitio de barrete –, enfiavam uma saca na...

INQ1 Sim, sim.

INF1 Pegavam numa saca na cabeça e tinham uma corda com um 'cãimbro', um pau, assim {fp} uma coisa.

INF3 Um garrocho.

INQ1 Um pau de bico.

INF1 Um garrocho, pois. (Tinha) uma ponta cá por cima, depois {CT|stẽ'diẽwnẽ=estendiam a} corda no chão, punham ali as folhas ali em cima, ali [AB|conforme{fp}] conforme às vezes podiam...

Levavam um feixe de quatro, cinco arrobas, conforme, às vezes. Outras vezes levavam duas. Aquilo era conforme a cortiça que lá {IP|ti'ves=estivesse}. Levavam as cordas, levavam {CT|põ=para o} roleiro.

INQ1 Para o 'rodeleiro'?

INF1 [AB|P-] {CT|põ=Para os} roleiros.

INQ2 Para o roleiro.

INQ1 Ah, para o roleiro!

INF1 Faziam roleiros.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 Faziam roleiros de cortiça, quer dizer, {PH|zũ'tavẽwnũ=juntavam um} moitão na barraquinha, era um roleiro de cortiça. Pois.

INQ2 Rhum-rhum.

Código de identificação do ficheiro: LUZ17-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Ciro Idade: 73	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante3: Cloé Idade: 57	Sexo: Feminino Escolaridade: Analfabeta
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1B1503_04 faixa: 1B1504B min: 16:53-22:24	
Inquiridor2: Luísa Segura	
Assunto: O carvão	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26A faixa: 17	
Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Ago.04	

INQ1 Não havia nada a que chamassem uma burra?

INF1 (Então isso) uma burra era {CT|pa=para a} limpeza.

INQ1 Para a limpeza?

INF1 {CT|pa=Para a} limpeza [AB|lé que usavam]

INQ1 Era o quê?

INF1 é que usavam uma burra.

INQ2 E que era o quê?

INF1 Uma burra chamavam eles um pau com umas forcas que encostavam assim à sobreira [AB|com] com umas caleiras. Sim.

INQ1 Pois.

INF1 Pois. {fp} Era uma burra.

INQ1 E para que é que servia?

INF1 Era para {PH|esu'birẽj=subirem}.

INQ1 Ah!

INF1 Para {PH|esu'bir=subir} para cima das sobreiras. Certas sobreiras {pp} levavam uma burra.

INF2 Pois.

INF1 Pois.

INQ2 Pois.

INQ1 Está bem.

INF1 Pois. Iam às sobreiras, quando faziam a limpeza às sobreiras, [AB|cortavam] cortavam... Faziam a limpeza das sobreiras, {PH|ke'iẽwne}=caíam as} pernadas {CT|pro=para o} chão. {pp} Depois iam homens atrás. Pois. Isto era para [AB|sido] ter sido a explicação {PH|i'de=ainda} agora quando foi a limpeza.

INQ1 Pois.

INQ2 Pois.

INF1 Pois. [AB|Levavam a] Iam uns homens atrás, cortando aquilo a tudo traços pequenos, assim grandes, assim deste tamanho, pois, [AB|dessa] desses restos de sobreiras que ficavam das árvores, {pp} que a limpeza caía {CT|prɔ=para o} chão.

INQ2 Pois.

INF1 E {PH|ɛdi'pojz=depois} esses paus que aproveitavam, iam lá homens {pp} às cargas. Faziam cargas aqui em cima dos ombros, aí com quatro, cinco arrobas, aqui em cima dos ombros, aqui assim, paus cruzados aqui (assim) /em cima\.

INF3 Com paus cruzados assim (carregou o meu pai tantos).

INF1 Ali, levavam ali uma quantidade grande em riba dos ombros! Iam, iam, depois chegavam a um certo sítio, chamavam-{PH|i=lhe} para fazer um forno.

INQ2 Rhum!

INF1 Punham assim tudo em lenha, tudo aqui assim tudo em volta: eu levava um moitão, punha aqui;

INF2 Pois.

INF1 aquele vinha buscar outro moitão, punha além. E {PH|ɛdi'pojz=depois} a gente {pp} tínhamos as machadas bem afiadinhas e então arranjávamos ali uns cavaletes – também chamava-{PH|i=lhe} também uma burra;

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 pois, também era uma burra –, ali assim para restolhar os paus em cima {CT|pa=para a} gente cortar e tirar à falca. Tirávamos à falca.

INQ2 Ah!

INF1 Púnhamos a lenha descascada para um lado, [AB|e a de ia] e a falca ia seguindo, ia seguindo para o meio do monte, [AB|{CT|prɔ=para o}] {CT|prɔ=para o} meio [AB|do] do forno. Indo ali em volta, púnhamos a lenha em forma, à volta, e [AB|o f-] os paus iam todos [AB|para] para a lenha... A de falca ia toda para ali. {PH|ɛdi'pojz=Depois} vinha, era enredada, depois vendia-se...

INQ1 Enredada era metida dentro de redes?

INQ2 Metida dentro de redes?

INF1 De redes. Pois.

INF3 Parecia até um novelo.

INF1 E {PH|ɛdi'pojz=depois} {fp} fazia-se {fp} aqueles novelos grandões {pp} de redes.

INQ2 E essas coisas o que, chamavam alguma coisa a esses?...

INF1 Era redes de corda.

INQ2 Não. Esses, essas boca-, essas partes?...

INF3 Chamavam-{PH|i=lhe} novelo.

INQ1 Novelo?

INQ2 Novelo? Essas partes atadas com essa corda?

INF1 Não. [AB|Era] Era redes, mesmo redes. Não tinha cá novelos. Não era novelos, não.

INQ2 Pois.

INF1 Era redes. Pois. E {PHlɛdɪ'pojz=depois} das redes, ali aquilo ali vinham os compradores, levavam. E essa depois, a gente... Essa dita madeira que ficava {PHlɔ=ao} lado, que a gente ficava descascada – hã? –, com a cortiça tirada e com uma parte da casca [ABlɛ] e (pois) /coiso\.

INQ1 Pois.

INF1 E {PHlɛdɪ'pojz=depois} isso era tudo enornado. {pp} Pois. Era enornado. {pp} {PHlɛdɪ'pojz=Depois} íamos apanhar mato, outras vezes, {PHlɛ'fejtɔf=fetos} – {PHlɛ'fejtɔf=fetos} [ABlɛ] que há aí assim [ABlno] no campo, {PHlɛ'fejtɔf=fetos} – e fazíamos uma camada e tapávamos aquilo {pp} tudo. E {PHlɛdɪ'pojz=depois} cavávamos a terra à roda dos fornos – hum? –, e com pás. Pás. Cavávamos com sachos – como esse que está aí – e as enxadas de puxar a terra, e aquilo depois... [ABl{PHlɛdɪ'pojz=Depois}] {PHlɛdɪ'pojz=Depois} eram terrados. Fazíamos-lhe quatro ouvidos cada forno, acarreávamos umas pedras, arrimávamos assim, aqui pedras compridas, assim {PHl'ɪdɛ=ainda} deste tamanho, conforme, três ou quatro pedras, ou duas, assim deste tamanho e {PHlɛdɪ'pojz=depois} abalávamos dali, abalava dali aterrado o forno. Sempre. Por aí afora, ia indo, ia indo, ia indo, e aquilo ficava... E depois deixávamos-{PHlɪ=lhe} uma porta, {pp} {PHlɔ=ao} forno. Assim a uma distância alta do chão, assim, vá lá, mais coisa assim, deixávamos ali a porta do forno. Depois levava até ali uns torrões.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 Pois. E {PHlɛdɪ'pojz=depois} aquele forno, dali terrava-se tudo até acima, ficava tudo tapado, até se fazia assim um carrapito para cima, de terra. Aquilo ficava ali com uma grossura aí de {fp} meio metro.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 Tudo. E ficava lá dentro. E depois largava-{PHlɪ=lhe} fogo.

INQ2 Pois.

INQ1 Por onde é que largava fogo?

INF1 Largava fogo por essa porta.

INQ2 Pela porta.

INF1 Lá punha-se lá fogo, aquilo {PHlɛdɪ'pojz=depois} (ele) {fp} começava a arder {pp}; {IPl'tɛ̃du=estando} ardido, {IPl'tɛ̃du=estando} bem, bem, bem (alado) lá dentro, fechava-se aquela porta com terra outra vez, metia-se-{PHlɪ=lhe} mato, tapava-se com terra e {PHlɛdɪ'pojz=depois} dali é que começava a tomar fôlego [ABlpor, por os] por os ouvidos – que era os ouvidos que {IPl'tavẽw=estavam} pela parte da rés do chão.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 Ia indo, ia indo, ia indo, ia ardendo, ia ardendo, ia ardendo, ia ardendo, ia ardendo, ia ardendo, ia ardendo, quando deixasse de fazer fumo, que {IPl'ti'vesi=estivesse} abatido, {pp} ficava cozido.

INF2 {IPl'tavɛ=Estava} (tudo)...

INQ2 Ficava pronto.

INF2 Pois.

INF1 Ficava cozido, depois [AB|tapa-] tirávamos-{PH|li=lhe} os ouvidos, tapava-se-{PH|li=lhe} o fogo {pp} (aos) /os\ fornos {pp} e {IP|'tavẽw=estavam} ali dois ou três dias. {pp} {PH|ɛdi'pojɜ=Depois} tirávamos-{PH|li=lhe} uma camada de terra de cima {pp} do forno, uma camada de terra para fora, espalhada – até havia essa tal, a tal encinho que {IP|'tavẽ=estava} aí que era em madeira, {pp} que era para puxar isso para fora.

INQ2 Sim.

INF1 {PH|ɛdi'pojɜ=Depois} disso tudo feito, agarrava-se numas enxadas, {pp} pois, e umas pás, com aquele pó que tinha [AB|do] do forno, ia-se abrindo. O carvão, o forno todo em roda, ali {fp} em fogo vivo, ali como é que aquilo estava. Pois. E vá. E {PH|ɛdi'pojɜ=depois} [AB|chama-se] chamava-se [AB|o tal] o tal empoar. Primeiramente era alagar: {pp} tirando-{PH|li=lhe} tudo de cima era alagar. Pois.

INQ1 Portanto, tiravam tudo de cima e aquilo caía?

INQ2 Pois.

INF1 Pois. Não. [AB|Ficava, ficava] Ficava aquele {RC|moit=moitão} ali {pp}

INQ1 O moitãozito?

INF1 cozido. Ficava ali cozido.

INQ1 Ah, pois.

INF1 Ficava ali cozido debaixo da terra.

INQ1 E alagar era tirar o, tirar a terra?...

INF1 Pois. [AB|Tiravam] Tiravam-{PH|li=lhe} a terra de cima.

INQ2 Pois.

INF1 Pois. E {PH|ɛdi'pojɜ=depois} com a enxada, fulano agarrava aqui assim, com a enxada, e vinha abrindo, abrindo tudo em volta, tudo em volta e espalhando o carvão para cá. Tudo.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 E {PH|ɛdi'pojɜ=depois} com terra {pp}, tapava-se com terra outra vez. Isso então era empoar.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Pois. Acabava-se de empoar o forno, pegava-se num ramo [AB|de], numa vassoura de mato, esfregava-se todo muito bem por cima, muito bem esfregadinho, {pp} tapava-se os fôlegos todos àquilo, quando vinham {PH|ɔ=ao} fim de três ou quatro dias [AB|{PH|nẽ=não} tinham, {PH|nẽ=não} tinha] {pp} {PH|nẽ=não} tinha lume nenhum.

INQ1 Lume nenhum.

INF1 Depois ali era [R|P|era, era, era] então com a enxada tirar e era com [AB|o tal, o tal]

INQ2 Ancinho.

INF1 o tal encinho a puxar o carvão para fora.

INF2 Pois.

INQ2 Pois.

INF1 Pois. É assim. [AB|Aparece] O carvão que aparece aí feito às vezes, que aparece aí a vender, é tudo feito assim.

INQ1 Pois.

INQ2 Pois.

Código de identificação do ficheiro: LUZ18-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1B1503_04 faixa: 1B1504B min: 26:35-31:09	Inquiridor2:
Assunto: A casa de habitação	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26A faixa: 18	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Ago.04

INQ Como é que se faz a taipa?

INF Então, a taipa. Ora, como é que se faz a taipa? A taipa faz-se com terra.

INQ Com qualquer terra?

INF Não. Isso sendo com qualquer terra, mas assim próprio, próprio propriamente não é com qualquer terra.

INQ Rhum.

INF Com aquela terra barrenta {pp}, terra barrenta, mesmo terra barrenta, que essa é que é a terra de taipa. Como essa que está aí nessa terra aí, essa é terra de taipa.

INQ Esta, por exemplo, aqui?

INF Sim. Essa é terra de taipa. Há uma terra [AB|mais{fp}] mais negra, essa já não é terra de taipa.

INQ E depois como é que construíam com aquilo?

INF Como é que construíam? Então faziam: chegavam [AB|num bocado] num bocado de terreno. (Diziam assim): "Vamos aqui fazer umas casas"! Pois. Abriam uns caboucos aí na volta de{fp} meio metro e depois enchiam de pedra e barro. [AB|Não se] Cavavam {fp}uns bocados de barro, um bocado de terra, ali assim num moitão, escolhiam-{PH|li=lhe} as pedras, e {PH|edi'poj}=depois}{fp} faziam uma cova ali {PH|o=ao} meio, deitavam-{PH|li=lhe} uma gota de água ali para dentro e começavam a amassar com uma enxada. Pois, amassavam aquilo muito bem, tal e qual como quem amassa aí cal ou areia, pois, como quem amassa aí areia {CT|pɔ=para o} cimento. É a mesma coisa. E {PH|edi'poj}=depois} de aquilo {IP|tar=estar} amassado, carregavam então {CT|pɔ=para o} pé donde esses [AB|tinham] tinham os caboucos abertos, {CT|pɔ=para o} pé [AB|do] do pedreiro, pois. E tinham lá pedras. Carregavam pedras nas carroças, nas carretas (de bois).

INQ1 Mas pedras grandes?

INF Pois, pedras grandes e metiam ali em volta, grandes e pequenas, aquilo (era) tudo em volta. Metiam ali tudo. E depois começavam [AB|a{fp}] a encher os caboucos, a encher, a encher, a encher;

aquilo era tudo alinhado com uns fios, com uns prumos, {pp} aquilo era tudo alinhado. Pois. E {PHlɛdi'pojz=depois} até havia umas régua também. {pp} E {PHlɛdi'pojz=depois} aprumavam aquilo ali assim, que aquilo {IPl'tɛdu=estando} aprumado, aquilo quando tendo [ABlái uns] talvez uns cinco ou dez centímetros de fora da terra, {pp} assim [ABlɔ] do limite do chão,

INQ1 Sim, sim.

INF afirmavam então {PHlɛdi'pojz=depois} a taipa. Mas a taipa, depois a terra era cavada e passada toda {fp} {PHlɔʃ=aos} {fp} cavaletes. Ficava toda passada {PHlɔʃ=aos} cavaletes. E {PHlɛdi'pojz=depois} regavam, iam regando. {pp} Iam regando nela com um regador, regando, regando, e depois iam passar nela outra vez com uma enxada – quando a terra {IPl'ti'ves=estivesse} passada, {PHlnẽ=não} {IPl'ti'ves=estivesse} mole; {pp} {IPl'ti'ves=estivesse} passada, sim, que {IPl'ti'ves=estivesse} passada.

INQ2 Rhum-rhum.

INF {PHlɛdi'pojz=Depois} armavam então, acareavam dois {RCltai=-taipais}, um, dois taipais. Acareavam... {pp} Cada taipal tinha uma agulha. Pois. Essas agulhas tinham uma tarraxa. {pp} Pois.

INQ1 Uma agulha, quer dizer, um género dum parafuso, é?

INF Pois. Chamam-{PHlli=lhe} [ABluma] uma agulha.

INQ1 Pois, pois.

INF Quer dizer, uma agulha...

INQ1 Está bem, está bem.

INF Chamam-{PHlli=lhe} uma agulha mas [ABlé um] é um pau comprido.

INQ1 Ah!

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 Pois.

INQ1 Mas de madeira então?

INF1 Era de madeira.

INQ1 Rhã-rhã.

INF Pois. Nesse tempo era de madeira. De madeira... E aqui assim tinha um buraco {pp} e aqui tinha outro. Pronto. Se a parede era com meio metro, {pp} [ABltinha] tinha aqui um buraco e aqui tinha outro. E {PHlɛdi'pojz=depois} havia uma – chamava-{PHlli=lhe} a gente uma tarraxa.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Metia ali assim e havia {PHlɛdi'pojz=depois} [ABlɔs] as mestres das tarraxas {pp} que metia aqui assim... Metiam?! Armavam, {PHlpu'jɛw̃nuʃ=punham os} taipais aqui em cima.

INQ1 Rhum.

INF Pois. Dois taipais: um dum lado, outro doutro. Punham aqui um, {pp} punham aqui outro.

Armavam em cima dos caboucos. E depois de {IPl'tar=estar} armado em cima dos caboucos – hã? –, tinham aqui as agulhas, {IPl'tavẽw̃=estavam} aqui as agulhas, {IPl'tavẽw̃=estavam} assim, metiam um taipal aqui.

INQ1 Pois.

INF1 Aquilo [ABl{fp}era] era de metro a metro, os taipais. Era só de metro a metro.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 Pois. Conforme armavam aquilo ali, {pp} tinham umas cordas {PHlɛdi'pojʃ=depois} por cima para atar {pp} as mestras, [ABlas] o coiso, chamavam-{PHli=lhe} as mestras, metiam ali assim, {pp} faziam força àquilo, apertavam aquilo e pronto! E {PHlɛdi'pojʃ=depois} tinham também um frontal {pp} para meter dum lado. Dum lado não tinha frontal nenhum, mas doutro lado tinha um frontal, que era do lado que ficava sempre do lado de fora.

INQ1 Pois.

INF Pois. E {PHlɛdi'pojʃ=depois}{fp} como tinha o frontal, {CTlmi'tiẽw̃nu=metiam o} frontal assim [ABl daquele, de] da parte de... Se seguiam {CTlprɔ=para o} lado direito, {CTl'pupjẽw̃nu=punham o} frontal do lado direito; se saíam {CTlpu=para o} lado esquerdo, {CTl'pupjẽw̃nu=punham o} frontal do lado esquerdo.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Pois. E {PHlɛdi'pojʃ=depois} punham ali assim e {PHlɛdi'pojz=depois} havia uns malhos. Uns malhos. {pp} Uns malhos de pau, assim 'lajos',

INQ1 Rhum-rhum. Sim.

INF grandes. Pois. Assim um ponto, assim como este livro. {fp}

INQ1 Assim como este livro?

INF Pois, assim como este livro. E os malhos eram assim.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Pois. Assim. Um bocado assim bicudinhos, assim o coiso, e vá, punham-se lá dois, dois homens lá dentro.

INQ1 Dentro mesmo desses taipais?

INF [ABlDentro] Dentro desses taipais. E outro a carregar terra com umas alcofa. Com uma alcofa. Um... Quem diz um, diz dois, conforme. Conforme a lonjura que era: se fosse perto, um sozinho dava a conta; e [ABl se fossem] se fosse mais longe, dois, carregavam dois. Já eram quatro: dois a bater lá dentro e os outros dois{fp} coiso. E vá. {pp} Batendo ali dentro nos taipais. [ABlEra como aquela] Era como essas paredes que estão aí; ou é como àquela que está além.

INQ2 Pois, pois, pois.

INF Pois. Batendo além, toca de bater. Hã? Quando aquilo {IPl'tẽdu=estando} batido, então

{CTlɛr'mavẽw̃nuʃ=armavam os} taipais, {CTl'ti'ravẽw̃nez=tiravam as} agulhas... Tiravam uma só.

Código de identificação do ficheiro: LUZ19-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Constança Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1B1505_06 faixa: 1B1505A min: 00:03-01:44	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: O linho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26A faixa: 19	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Ago.04

INF Antigamente semeava-se o {RC|li=linho}, a linhaça. A linhaça. Semeava-se a linhaça, depois dava o linho e depois era apanhado {PH|o3=aos} molhinhos e depois de {IP|tar=estar} {PH|o3=aos} molhinhos, nós levávamos para um lago, que era um... Água. Um lago de água, {CT|ne= não é)?

Depois estava...

INQ1 No quê? Numa ribeira?

INF Sim, numa ribeira. {IP|tavø=Estava} lá – parece-me que eram oito dias ou mais –, depois ia-se lá, tirava-se o linho {PH|o3=aos} molhinhos e punha-se a enxugar. Depois de {IP|tar=estar} enxuto {pp} – {CT|ne= não é)? –, {fp} havia [AB|lum] uma coisa [AB|que, um, um] um (serreiro), uma coisa {CT|pra=para a} gente {fp} gramar – chamava-se gramar o linho: fazia-se assim (...)...

INQ2 E essa, e essa coisa como é que se chamava?

INF Era um... Ai, como é que se chamava? Não me lembra o nome disso. Não me lembra (agora).

INQ1 Não era uma coisa com que se batia primeiro?

INF {fp} Não. [AB|Aquilo era] Pois, o linho era [AB|lera ma-] malhado. Malhado. Aquilo era malhado com um malho e depois é que ia para esse {RC|sed=sedeiro} – é um {RC|sed=sedeiro}, parece que é um sedeiro, que fazem assim –, depois daí é que se fazia a estopa e o linho {pp} para se fiar.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Para se fiar. [AB|Para] Para fiarem.

INQ1 Pois, pois.

INF E depois é que ia [AB|para] {CT|pra}=para as} tecelagens, {CT|pra=para a} família tecer, que era para fazer o pano, [AB|para col-] para colchões, para lençóis, para camisas, para essas coisas todas.

INQ2 Pois.

INF Pois é.

INQ1 Pois.

INF Era fiado. Isso era fiado.

INQ1 Pois, pois.

INF Tinha que se fiar. Fiava-se o linho. {pp} Fiava-se o linho e {PHlɛdɨ'pojʃ=depois}... Minha avó...

INQ1 Mas a senhora nunca fiou?

INF Eu não. {fp} Mas ela, aqui a vizinha, sabe fiar.

INQ2 Pois é.

INQ1 Claro.

INF A vizinha sabe.

INQ2 Pois é.

INF E tem uma roca.

INQ1 Pois.

INQ2 Pois.

INF Tanto que quando fizeram este ano aqui uma exposição, [ABlaqui na] aqui nas Amoreiras, {fp} ela levou ali as coisas dela.

INQ1 Pois, pois.

INF Ela tem uma dobadoira, que aquilo {PHlɛdɨ'pojz=depois} era feito em meadas, e essas coisas todas.

INQ1 Exactamente.

Código de identificação do ficheiro: LUZ20-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Corália Idade: 59	Sexo: Feminino Escolaridade: Analfabeta
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1B1505_06 faixa: 1B1505A min: 01:59-07:39	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26A faixa: 20	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Ago.04

INF Então as senhoras são 'daonde'?

INQ1 De Lisboa.

INQ2 De Lisboa.

INF Ah, de Lisboa! Ah!

INQ1 Mas fazemos este trabalho em todo o país.

INF Olhe...

INQ1 E agora calhou aqui assim neste sítio.

INF Sim. [ABIEu] Eu sou uma pessoa que sou analfabeta. E já {PH|publi'ki=publiquei} dois livrinhos.

INQ1 Pois, já sei. Já nos... E também já nos disseram.

INF [AB|Tenho este] Tenho este prazer. E há uma coisa que tenho um grande desgosto e gostava de {PH|nã=não} morrer sem [AB|re-] ir realizar este sonho: era ir à televisão dizer poesia.

INQ1 Ah, pois! Isso era muito...

INF Mas é assim.

INQ1 Nunca...

INF E eu como {PH|nã=não} sei ler, {PH|nã=não}...

INQ1 Não, mas isso não tem nada. Isso...

INF {PH|nã=Não} tenho {fp} comunicações nenhuma com pessoa nenhuma, {IP|to=estou} sozinha.

INQ1 Pois.

INQ2 Pois.

INF Assim não... E então não sei se [RP|se]...

INQ1 Pois.

INF Eu {PH|mẽ'di=mandei} um livrinho lá {CT|põ=para o} senhor Marco Paulo, mas não sei se ele o {PH|r̃isi'βew=recebeu}, se não. Não sei.

INQ1 Ah, pois.

INF Gostava de ir {PHlɔ=ao} programa dele.

INQ2 Pois.

INQ1 Pois.

INF Que ele também é um rapaz do campo e isso.

INQ1 Claro.

INF Mas {PHlnẽ=não} tenho direcção, {PHlnẽ=não} tenho nada.

INQ1 Mas escreveu para a televisão, para?...

INF Não, não. Não escrevi.

INQ1 Então?

INF {PHlmẽ'di=Mandei} por mãos {pp} porque não sabia a...

INQ1 Porque havia... Mas havia alguém conhecido dele ou não?

INF Havia um senhor que fornece o armazém do {PHlme=meu} filho,

INQ1 Rhum-rhum.

INF e{fp} que tem uma irmã que 'veve' lá perto dele.

INQ1 Ah!

INF Mas {PHlnẽ=não} me soube dar a direcção nem nada.

INQ1 Pois.

INQ2 Rhã-rhã. Pois é.

INF Pois é assim.

INQ1 Pois, mas mandando para a televisão para o programa dele...

INQ2 Mande para a televisão.

INF Sim.

INQ2 Pois.

INQ1 Directamente para a televisão e para o programa dele, eu acho que era capaz de conseguir lá ir.

INQ2 Pois. Pois.

INF Pois.

INQ1 E isso eu acho que era muito interessante!

INQ2 Pois.

INF Pois, eu gostava de ir. Gostava, pois, eu...

INQ1 Olhe, e como é que escreve o?... Como é que então?... Quem é que escreve os seus livros?

INF Quer dizer, eu [AB|vou] faço a poesia. E {PHlɛdĩ'pojz=depois} há uma menina, que eu vou...

INQ1 E, e mete na cabeça?

INF Sim. Vou ditando e a menina vai escrevendo.

INQ1 Ah!

INF E vou ajuntando. E{fp} quando assim que já tinha que desse {fp}, e eu mandava {CT|pɔ=para o} rádio. {CT|pɔ=Para o} rádio: o rádio (.../NPR), o rádio Lagoa. E {PHlɛdĩ'pojz=depois} houve um poeta do Algoz,

INQ1 Sim, sim.

INF que é o Manel Américo dos Santos, {pp} ouviu a{fp} minha poesia e depois [ABleu f-] eu fui lá fazer entrevistas – duas entrevistas lá {PHlo=ao} rádio – [ABle{fp}] e {PHlɛdi'pojz=depois} o senhor disse que eu que era bonito fazer um livrinho,

INQ1 Pois.

INF para deixar para memória, porque era uma pessoa analfabeta, e era uma pessoa da terra, nascida da terra,

INQ1 Claro.

INF e que, enfim, e que era bonito. E então eu, nessa altura, pus assim ideias de fazer o livro. Mas {PHlpɛ'si=pensei}: "Não posso {pp} porque {PHlnɛ=não} tenho ajudas, nem tenho posses para isso"!

E {PHlɛdi'pojz=depois} houve... O senhor disse-me: "Olhe, vá, peça ajudas às juntas de freguesia, {pp} que eles ajudam! Que eles ajudam"!

INQ1 Pois, e à câmara.

INF Mas ajudaram poucacinho. E eu ali naquela altura, {PHlpɛ'si=pensei} assim: "(Eu, calhando, dou feito)". Mas fui pedir mas {PHlnɛ=não} aceitavam. Diziam que me davam... Aquilo a edição era aí [ABluns, uns tre-] uns trezentos contos. E então eu não podia. E {PHlɛdi'pojz=depois} eu {pp} fiquei com pena – davam-me pouco – fiquei com pena de não publicar o livro.

INQ1 Rhum-rhum.

INF E então nessa altura, esse poeta ouvia a minha poesia e gostava [ABle] e ofereceu-se a passar à máquina para ir {CTlpɔ=para o} editor.

INQ1 Pois, pois, pois.

INF E então arranjava a poesia aqui no Algarve, em Algoz e – ali em Lagoa –, e (eu) /ele\ depois mandava para Lisboa. Em Lisboa é que era arranjado.

INQ1 Ah!

INF Pois. E então foi assim. E eu,

INQ1 Sim senhora.

INF naquela altura que eu...

INQ1 Mas depois vendeu os seus livros?

INF Sim. Olhe, desses tenho só para aí dezasseis {pp} livros. Mil livros que eu fiz! Tenho dezasseis.

INQ1 Ah, está a ver!

INF O mais vendi tudo. E agora fiz outros mil.

INQ1 Pois.

INF {fp} Foi a publicação agora dia 18, {pp} minha senhora. Mas eu naquela fase que eu {pp} pensava que havia de fazer o livro... Tinha ideias. Pus ideias [ABlque ja-]

INQ1 Claro.

INF que dava, assim como o senhor dizia que dava feito; e {PHlɛdi'pojz=depois} vi. Aquilo voltou-se, o dinheiro era pouco, [ABlnão]

INQ1 Pois.

INF não conseguia, {IPl'tavɛ=estava} triste, sentia-me triste.

INQ1 Claro.

INF Mas depois o meu marido disse assim: "Olha, tu {pp} já que tens tanta pena, e (eu já) agora, também tenho pena já de não fazeres... Olha, a gente põe um... Eu pranto um tanto da minha algibeira, que é a mesma que a tua, mas já faz falta

INQ1 Pois.

INF cá para o nosso governo da vida, pronto, e{fp} dá-se de entrada"... E o senhor

{PH|ɔdi'pojɜ=depois} deu-me três meses {CT|pa=para a} gente vender o livro para pagar o livrinho.

Foi.

INQ1 Ah, pois.

INQ2 Ah, pronto!

INF Mas nessa altura que eu {IP|'tavɐ=estava} assim triste, que não dava feito o livro, que eu

{PH|su'puzi=supus} que não dava, tinha posto ideias que o fazia, e depois já tinha posto ideias que não fazia, senti-me triste.

INQ1 Claro.

INF Eu fiz assim... {pp} Vocês é que {PH|nẽ=não} têm vagar também, não é?

INQ1 Não, não. A gente ouve.

INF Eu fiz assim: "Todas as árvores do campo eu gostava de pintar para prantar o meu livro quando eu o publicar. Porque as árvores, coitadinhas, choram a sua solidão, e eu também ando a chorar a dor do meu coração. Que a poesia anda esquecida, não há dinheiro nesta nação, e é por isso que ando a chorar a dor do meu coração. Foi poesia que eu {PH|di'ti=ditei}, escrita por outra mão, e é por isso que ando a chorar a dor do meu coração. Peço a Deus que me dê sorte para ver o livro na mão que é para nunca mais chorar as penas do coração".

INQ1 Ai tão bonito! É lindo!

INF E eu fiz assim. {PH|gu'ti=Gostei} muito.

INQ1 É muito bonito!

INF Pois.

INQ2 Pois.

INF E é assim.

INQ1 Sim senhor.

INF E então olha, agora fiz este livrinho, tenho ido vendendo, mas também{fp} não...

INQ1 Pois. E a senhora vende aqui? Tem aqui para vender?

INF Tenho, tenho.

INQ1 Ah, depois gostava de levar um.

INF Pois. Pois, então eu {pp} vendo.

INQ1 Está bem. Sim senhor.

INF Eu [AB|s-] vendo assim um aqui, outro além, outro aqui, outro além, e eu (mandei vender) (...).

INQ1 Claro. Olhe e nunca pôs nas câmaras para venderem? Eles não compraram uma quantidade deles ou assim, não?

INF Não, não compraram. Agora...

INQ1 Porque às vezes as câmaras compram.

INF Pois, às vezes compram, mas não.

INQ1 Quer dizer, às vezes as câmaras também não têm falta de dinheiro, mas...

INF Pois. Eles {PHldi'zerẽw̃=disseram} que talvez me dessem uma ajudazinha, que eu tenho, para pagar o livro, tenho este tempo até {PHlɔ=ao} fim do mês. Se eu pagar até {PHlɔ=ao} fim do mês, fazem-me um descontozinho no livro [ABle{fp}] e {PHlnẽ=não} entra o IVA.

INQ1 Pois, pois, pois.

INF Pois. E então eu {pp} {IPl'to=estou} a ver se (dou cabo)...

INQ1 Claro.

INQ2 Se consegue. Pois.

INF Mesmo se eu não conseguir o meu filho ajuda-me.

INQ1 Pois.

INF Tenho um filho lá em Almada, em coiso, [ABlem] na Quinta do Conde e tenho outro aqui comigo.

INQ1 Pois.

INF Eles ajudam-me.

Código de identificação do ficheiro: LUZ21-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Corália Idade: 59	Sexo: Feminino Escolaridade: Analfabeta
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1B1505_06 faixa: 1B1505A min: 08:02-11:18	Inquiridor2:
Assunto: O linho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26A faixa: 21	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Ago.04

INF A gente escolhe sempre um bocadinho de terra mais quente, mais quente, mais direita para semear o linho. {pp} E deixa-se assim junto e o linho ali {PH|narsi=nasce} [ABle{fp}] e vai-se criando, faz-se forte – porque a terra é logo boa para isso –, e depois quando vindo aí, que ele dando em {IP|tar=estar} assim amarelinho, amarelo, apanha-se. Apanha-se, faz-se logo {PH|o3=aos} molhinhos, logo {PH|o3=aos} molhinhos. E {PH|edi'poj3=depois} dos molhinhos, {fp} [AB|põe-se] leva-se {CT|po=para o} lago, que é {CT|pra=para a} água. Põe-se na água, deixa-se {IP|tar=estar} nove dias de água; e {PH|edi'poj3=depois} quando (vindo) /findo\ os nove dias de água, {IP|ta=está} assim podre. A gente tira-o, [AB|põe os] espalha-o assim na terra para ele enxugar; e depois quando {IP|têdu=estando} enxuto, vai ser [RP|vai ser] gramado, assim com uma grama, que é uma coisa assim, {fp} {PH|o=ao} jeito do martelo, vai-se assim, pisando assim que é para se gramar, e vai-se tirando aquelas coisas, aquelas paus que tem. Só fica [AB|a] assim a estopa. [AB|A li-] O linho. Só fica o linho. Aqueles paus saem e fica o linho, que é mesmo...

INQ Esses paus têm algum nome, ou não?

INF [AB|É o, é o] É os paus do linho. Não têm, não têm. Não, não têm.

INQ Rhum-rhum.

INF É os paus que vão dali; só se aproveita o linho, pronto! Esses paus jogam-se, pronto!

INQ Chama-se a fibra a isso que se aproveita?

INF Sim, a isso que aproveita é a fibra, é o linho. Pois. E depois daí, a gente, aquilo fica assim comprido, a gente tem um sedeiro – que é uma tábua com muitos bicos assim, que é pregos – e a gente passa com o linho ali por cima e vai deixando a estopa atrás, que é... E fica só o linho que é assim uma coisa, só uns fiozinhos, só uns fios, só {PH|e'kwazi=quase} que fios. E então, a gente ali {PH|edi'poj3=depois} fia aquilo que é o linho, faz umas linhas muito fininhas, muito fininhas, {pp} [ABle] e a estopa já é mais grosso, que é para os sacos. O linho {pp} [AB|é {CT|pa=para a}] é para

fazer o pano de linho, e a estopa [AB|que se] que sai dali, que é mais grossa, é para fazer os sacos, o pano dos sacos. [AB|E{fp}] E {PH|ɛdi'pojɜ=depois} dali, a gente fia, consoante a gente pode, {CT|nej=não é}, vai-se fiando.

INQ Em quê?

INF Numa roca.

INQ Rhum-rhum.

INF Eu tenho ali roca, tenho fuso, tenho tudo. Até tenho já ido a muitos sítios fiar, (a) muitas festas.

[AB|E{fp}] E então fia-se, e {PH|ɛdi'pojɜ=depois} aquilo de {IP|tar=estar} fiado, fica numa maçaroca ali assim [AB|na] no fuso, depois tira-se, vai {PH|ɔ=ao} sarilho, é sarilhado, muito bem sarilhado, e {PH|ɛdi'pojɜ=depois} fica em meada, põe-se... Vai a cozer: coze-se com cinza [AB|E{fp}] e água, tudo...

INQ Aonde?

INF {PH|ɔ=Ao} lume. Num tacho grande ou num caldeiro grande.

INQ Rhum-rhum.

INF Coze-se ali as meadas que a gente quiser, cozem-se ali com cinza e água. E {PH|ɛdi'pojɜ=depois} de {IP|tarẽ=estarem} cozidas, deixa-se para no outro dia, ficam ali naquela água com cinza, ali assim a cozer, cinza, lenha de azinho, que é [AB|li-] lenha boa. {PH|ɛdi'pojɜ=Depois} no outro dia [AB|{PH|võ=vão}] vai-se à ribeira, lava-se muito bem, muito bem, muito bem, põem-se a corar, vai-se no outro dia, dá-se outra voltinha, e vai-se corando assim, vão-se corando e vão-se molhando e vão-se corando, ficam branquinhas. Depois dali, vai, torna-se a meter na dobadoira outra vez. Torna-se a ir [AB|{CT|pɔ=para o}] {CT|pa=para a} dobadoira [AB|e] e vai-se fazendo em novelos que é para ir {CT|pa=para a} tecedeira.

Código de identificação do ficheiro: LUZ22-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1505_06 faixa: 1B1505A min: 23:25-24:51	Inquiridor2:
Assunto: O lenhador	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26A faixa: 22	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Ago.04

INF Nesse tempo, (tinha) /tinham\ um machado de meia (tora) – eram uns machadões. {pp} Pesavam, sei cá, talvez aí uns três ou quatro quilos cada um.

INQ Tchii!

INF Pois eram. Uns machadões grandes! Um machado de meia (tora) eram machadões assim, que aquilo, meu belo amigo, ali a gente dando ali quatro ou cinco ripadas numa sobreira por baixo, ou mais – mais, eram mais –, mas aquilo [RPlaquilo] era menos de nada que uma árvore caía.

INQ Rhum-rhum.

INF E {PHlɛdi'pojz=depois} era tudo caído. E {PHlɛdi'pojz=depois} de cair essa árvore {pp}, havia uns serrotes.

INQ Como é que eram os serrotes?

INF Os serrotes, eram uns serrotes grandes aí de metro e meio, {pp} metro e meio, um metro e vinte cinco, dessa comprimenta.

INQ Para duas pessoas ou para uma pessoa só?

INF Para duas pessoas. Pois.

INQ Pois.

INF E como era para duas pessoas, {PHlɛdi'pojz=depois} uma parte tinha {pp} o cabo assim para cima, e doutra parte tinha o cabo atravessado. Pois. Até ali detrás {IPlta=está} um. Não sei se vomecê já viu...

INQ Portanto, e era assim?

INF Não. Era assim.

INQ Ah!

INF Pois. Serrava-se... Duas pessoas. {fp} Era à parelha, pois. E aquilo tinha que ser em passo certo. Aquilo {PHlnẽ=não} era para toda a gente serrar.

INQ Pois.

INF Se não fosse uma pessoa que... Se não soubesse serrar, dava cabo dos braços do outro.

INQ Pois.

INF Pois, que aquilo fazia cansar. Pois. E sendo pessoa...

INQ Devia ser...

INF E sendo uma pessoa que soubesse {pp} – hã? –, sabia serrar e serrava aquilo. Oh! {pp}

{PH|'idɛ=Ainda} {PH|si'ri=serrei} muito com aquilo.

INQ Rhum-rhum.

INF E sobreiras que às vezes... Então no ano do ciclone, {pp} quando veio o ciclone, então eu sei cá as sobreiras que eu {PH|kur'ti=cortei} mais outros! Para fazerem carvão.

INQ Pois.

INF Pois. Azinheiras, sobreiras. Isso foi um destroço de sobreiras que houve [AB|nesse] nesse ano!

INQ Rhum!

INF Pois.

Código de identificação do ficheiro: LUZ23-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1505_06 faixa: 1B1505B min: 02:48-05:46	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: A criação de gado – generalidades	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26A faixa: 23	
Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Ago.04	

INQ1 O senhor também andou com gado?

INF Também. Também {PH|ẽ'di=andei} com gado, {PH|ẽ'di=andei}. {PH|ẽ'di=Andei} com bois, {PH|ẽ'di=andei} com vacas, {PH|ẽ'di=andei} {fp} com bezerrinhos pequenos. {PH|ẽ'di=Andei} [AB|com essas] com esses animaizinhos todos. Pois.

INQ1 Pois.

INF Mas{fp} aquilo tem [RP|tem]... Sim, quer dizer que [AB|durante] durante o Inverno, {pp} eles iam {CT|pra=para a} arramada, tratavam-se deles à mão, pois, retraçava-se-{PH|li=lhe} de cevada, caldeava-se com palha num 'retraçadouro', pois, e a gente chamava-se uma arramada. Fazia-se lá o...

INQ1 Esse é ao pé de casa, não é?

INF Pois, era mesmo {PH|o=ao} pé de casa. {PH|o=Ao} pé de casa?! Era dentro de casa, {pp} vamos assim.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Pois. As arramadas são [RP|são] {PH|o=ao} pé de casa e outras até são pegadas às casas, portanto, uma casinha à parte, que é as arramadas.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 Para que gado?

INF Pois. Era para bois [AB|le], bois e vacas. Pois. E então a gente {pp}, quer dizer que quando viesse aí era... {fp} Elas iam {CT|pro=para o} trabalho, e do trabalho {pp}... Das arramadas iam {CT|pro=para o} bebedeiro, [AB|p-] iam beber; e [AB|do] depois de beber, iam [AB|{CT|pra=para a}], {CT|pra=para a} {CT|pra=para a} lavoura. Iam fazer {PH|a'kevi=alqueive}, fazer sementeira, essas coisas todas. Pois, como fosse... Conforme fosse o tempo. E {PH|edi'poj}=depois} cevava-se {pp} e vinham {CT|pra=para a} arramada. Dava-se-{PH|li=lhe} água e vinham {CT|pra=para a} arramada. Fulano {PH|edi'poj}=depois} durante a noite, {pp} [AB|durante] à noite, pois [AB|que era] chegavam

aí [AB|já] já sol posto de todo quando chegavam às arramadas, nesse tempo, pois,
{PH|ēdi'pojz=depois} a gente pegávamos, tínhamos lá já comida retraçada dentro [AB|desse] das tais gorpelhas, caldeadas com palha, hã?

INQ1 E onde é que punham para elas comerem?

INF Pois. Dentro das manjedoiras. Por exemplo, começávamos-{PH|li=lhe} a prantar dentro das manjedoiras, começávamos a tratá-las às posturas. Não enchíamos a manjedeira. Deitávamos agora uma postura a uma, outra postura a outra, outra postura a outra, e assim fazíamos isso tudo. Pois. E elas iam comendo, iam comendo, iam comendo, iam comendo, iam comendo, iam comendo... Deixavam de comer {pp}, a gente deixava de {PH|li=lhe} dar. Pois. Deitavam-se, descansavam, pronto! A gente estávamos mais um pouco ao pé do fogo, íamos {CT|pra=para a} tarimba que tínhamos lá na arramada.

INQ1 Pois.

INF No outro dia {PH|ēlivē'tavēmu}=levantávamos}, fazíamos... {fp}Era [AB|com] com o mesmo estilo, com a mesma coisa. Pois.

INQ1 Pois.

INF Toca a retraçar cevada e caldear com palha e dar-{PH|li=lhe} para eles comerem. Pois. E {PH|'īde=ainda} tinha mais outra: quando a gente íamos {CT|pra=para a} lavoura, hum? Isto era na sementeira – na sementeira e no {PH|a'kevi=alqueive}, mas {PH|p'risipa'mētiž=principalmente} mais na [RP|na] sementeira –, lá ia [AB|luma] umas cevadeiras, feitas em saca,

INQ1 Ah!

INF com palha dentro e cevada em rama, e cevada debulhada e às vezes até um punhado de farelos, que havia {fp} que a gente tirava-{PH|li=lhe} das cozeduras. Misturava-se isso tudo, e

{PH|ēdi'pojz=depois} {PH|ō=ao} meio-dia davam-se-{PH|li=lhe} aquilo. [AB|Depois a gente ia]

Quando a gente ia {PH|ō=ao} jantar,

INQ1 Rhum-rhum.

INF comer {PH|ō=ao} meio-dia, pusémos o gado a descansar e vá, enfiámos aquilo [AB|na, na, na] ali no focinho [AB|d-] dos animais e...

INQ2 Mas é como se fosse uma alcofa?

INF Pois. Era uma cevadeira, mesmo era como se fosse mesmo uma saca. Uma saca, meia saca só, cheia de palha e cevada, e o gado comia aquilo tudo, comia, comia, comia, comia, porque o gado {PH|nē=não} havia de ir para lá de manhã e {IP|tar=estar} a comer até à noite sem nada.

INQ2 Claro.

INQ1 Pois claro.

INF Pois. E assim comiam aquilo, ficavam tratados.

INQ1 Pois.

INQ2 Pois.

Código de identificação do ficheiro: LUZ24-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1505_06 faixa: 1B1505B min: 06:00-08:42	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: O gado vacuum	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 01	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Out.04

INQ1 Olhe e na arramada onde é que punham a água para ela beber?

INF Não. Eles não bebiam na arramada.

INQ1 Não?

INF Não.

INQ1 Ah!

INF Não. Só bebiam à noite {pp} quando iam {CT|pa=para a} arramada e saltavam de manhã e iam

beber quando saltavam da arramada. [AB|Iam beber, iam beber] Iam beber [AB|{PHlo|=aos}]

{PHlo|=aos} poços – o coiso de beber eram os masseirões. Havia uns masseirões, umas pias feitas em madeira.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Pois. Que eles faziam [AB|luns] umas pias {PH|'mujte=muito} compridas, não é? Pois. E outros bebiam nuns tanques – havia tanques. Faziam um tanque, e mesmo um tanque no chão.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Pois. Faziam tanques e então o gado ia beber nesses tanques.

INQ2 Então e esse masseirão onde é que estava?

INF O masseirão {IP|'tav=estava} [AB|{PHlu=ao} pé do, {PHlu=ao} pé do] {PHlu=ao} pé de poços.

INQ1 Ah pois.

INF Onde havia poços que tinham água...

INQ2 Portanto, tirava-se a água do poço, deitava-se...

INF Tirava-se-{PH|li=lhe} a água do poço com o caldeirão. Pois. Era mesmo um caldeirão. Nesse tempo era um caldeirão, não era um balde. Era um caldeirão. Tirava-se do caldeirão {pp} para dentro dos baldes, os bois iam bebendo, iam bebendo, iam bebendo...

INQ2 Do masseirão?

INF Pois, do masseirão...

INQ2 Punha-se dentro...

INF [AB|Quando a gente deixasse] Quando eles deixassem de beber, a gente deixava de tirar água. Pronto.

INQ2 Pois.

INF Pegávamos neles e íamos embora.

INQ1 Pronto. Sim senhor.

INF Pois.

INQ1 Olhe, já agora tratava de tudo deste gado. Olhe, elas comem, comem, comem e depois...

INF Remoem. Pois. Começam a remoer, a remoer, a remoer. Isso é durante a noite.

INQ2 Pois.

INF {PH|ɛdĩ'pojɜ=Depois} de comerem, remoem durante a noite. E durante o dia, [AB|durante {fp}da] da parte da manhã, remoem... Até mesmo, andam trabalhando, também, às vezes, andam trabalhando e andam remoendo. Pois.

INQ1 Elas comem, a comida vai para aonde?

INF Vai para o bucho. Pois. E do bucho...

INQ1 Ficam com aquela grande?...

INF Pois. E do bucho {pp} volta outra vez à boca. Olhe que aquilo [AB|aquilo {IP|ta=está}] {IP|ta=está} uma coisa! É um destino mas dos tais, hã?! Pois, e {PH|ɛdĩ'pojɜ=depois} engolem outra vez!

INQ1 Outra vez!

INF Pois. Vai {CT|prɔ=para o} bucho e {PH|ɛdĩ'pojɜ=depois} vem outra vez [AB|à] à boca.

INQ1 Pois. Olhe, e a porcaria delas, que nome é que se dá? Aquela que se leva depois para as eiras para?...

INF Então é a bosta. É a bosta de rês.

INQ1 E aquele sítio onde vão juntando a bosta e que depois, depois tiram, d-, das arramadas, tiram a bosta para fora para um sítio onde vão juntando?...

INF Então isso chama-se [AB|chama-se o, o moitão] o moitão de {PH|'ʃturmu=estrume}. Pois. É o monte de {PH|'ʃturm=estrume}.

INQ1 ...

INF É o monte de {PH|'ʃturm=estrume}.

INQ2 Estrume ou esterco? Como é que se chamava antigamente?

INF Era um moitão.

INQ2 De esterco ou de estrume?

INF De {PH|'ʃturm=estrume}. Esterco não. Isso esterco [AB|lé] é coisa mais... [AB|Isso, isso] Isso a coisa do esterco [AB|já] já vai {CT|pra=para a} parte do porco.

INQ2 Ah! Está!

INF Pois. Isso já é esterco.

INQ2 Rhum-rhum.

INF E {CT|pra=para a} parte [AB|do] do animal que é o boi e a vaca, [AB|já] já é
{PH|'sturc=estrume}.

INQ1 Pois. E portanto dizia: "vai-se tirar daqui a, a bosta para levar para o moitão"?

INF Pois. [AB|Para levar {CT|po=para o}] Pois, para levar {CT|po=para o} moitão. {pp} Pois.

Código de identificação do ficheiro: LUZ25-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1B1505_06 faixa: 1B1506A min: 17:24-18:21	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: A alimentação	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 02	
Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Out.04	

INQ1 Então tem que o senhor explicar como é que se, como é que se fazem as 'fesese'.

INF Então, as peles... Depois, as 'feles' é assim: a gente vai buscar, e trazemos as peles dentro numa tigela – (aquilo) vem dentro numa tigela –, {PHlɔdĩ'pojz=depois} acarrea-se um bocadinho de farinha de trigo, {pp} mistura-se com essas peles, [ABldentro do] dentro numa bilha e mexe-se muito bem mexidinho – é mesmo assim, é ou não é? É –, muito bem mexidinho, aquilo vai-se mexendo, vai-se mexendo... Quando vendo que aquilo que está bom, está assim um bocadinho macio, {IPlta=está} macio ou que {IPl'teʒɐ=esteja} um bocadinho já mais duro,

INQ1 Pois.

INF tiram-se para fora.

INQ1 Ai, deve ser bom!

INF Pois. Tira-se para fora... Aquilo também apura {PHlɔdĩ'pojʃ=depois} [ABlum{fp} apura uma, uma] um bocadinho [ABlde] de manteiga.

INQ1 Pois.

INF (Puseram) manteiga de cabra. Também apura um bocadinho, também se tira esse bocadinho de manteiga [ABlpara as] para as 'fesese' [ABl{PHlnẽ=não}] {PHlnẽ=não} ficam tão gordas...

INQ1 Tão gordas!

INF E é assim que se faz as 'fesese'.

INQ1 Rhum!

INF Pois. (Aquilo) leva farinha de trigo, {pp} e leva [ABldentro] dentro numa bilha ao fogo.

INQ2 Pois. Deve ser bom!

INF Pois. Põe-se ali aquilo tudo, e vai... É bom!

INQ2 Depois come-se quê? À colher?

INF Pois.

INQ2 Põe-se nalguma coisa?

INF [AB|Põe-se, põe-se] Põe-se em cima dum bocadinho de pão.

INQ2 Ah!

INF Pois. Aquilo serve de conduto para o pão. Mas são muito boas!

INQ2 Deve ser óptimo!

INF Há quem faça muito bem! A minha patroa sabe fazer aquilo muito bem!

Código de identificação do ficheiro: LUZ26-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1505_06 faixa: 1B1506A min: 19:38-23-21	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: O leite e o queijo	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 03	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Out.04

INQ1 Como é que se fazia a manteiga?

INF Então a manteiga, tirava-se da parte de... Quando fosse juntamente às 'fesês'. Pois. Outras vezes, logo derretia-se aquilo primeiro e {PH|edi'poj}=depois} [AB|punha-se a ma-] punha-se a farinha, e tirava-se-{PH|li=lhe} ali um bocadinho da gordura – que aquilo {PH|edi'poj}=depois} ficava muito engordurada – para não ficar tão (engordurada) /engordurado\.

INQ1 Pois. Pronto. E, portanto, a outra coisa que se faz, que o senhor já disse, é o queijo.

INF É o queijo. Pois.

INQ2 Como é que se faz o queijo?

INQ1 E sabe como é que se faz?

INF Então o queijo {pp}... Há quem coza o queijo, ou coiso, quem coza o leite.

INQ2 O leite.

INF Pois. E {PH|edi'poj}=depois} de o leite cozido, prantam-{PH|li=lhe} um bocadinho [AB|de] de cardo. Pois. Depois de cardo, o queijo coalha. O leite coalha, digamos assim, o leite coalha. E {PH|edi'poj}=depois} [AB|vão, metemos] metemos os {PH|li'sizi}=cinchos}. {pp} Os {PH|li'sizi}=cinchos}.

INQ2 Os quê?

INF Os {PH|li'sizi}=cinchos}.

INQ1 Os cinchos.

INF Para fazer os queijos. {PH|edi'poj}=Depois} o fulano pega num acinchozinho e vai lá onde é que o leite {IP|ta=está} coalhado e vai metendo {pp} dentro do {PH|li'sizi}=cincho}.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Vai metendo, vai apertando – que aquilo o {PH|li'sizi}=cincho} é uma coisa redondinha, hã?!

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 Pois.

INF Uma coisa comparada a isto que {IP|ta=está} aqui, à boquinha só deste coisinho preto.

INQ2 Pois, pois.

INF E {PH|ɛdĩ'pojʒ=depois} vão enchendo aquilo. {IP|ta=Está} a compreender?

INQ2 Com quê?

INF Com a mão.

INQ2 Não. Mas o que é que põem dentro do cincho?

INF Que é que põem dentro? Põem {fp} aquela massa do queijo, do leite.

INQ2 Como é que se chama essa massa? Tem algum nome?

INF Então é a massa do [RP|do]... É a massa do leite, pronto. É mesmo massa do leite {pp} que fazem.

Põem aquela massa adentro [AB|do, do] do {PH|ʃiz=cincho} e vão {IP|pĩr'tẽdu=apertando}, vão {IP|pĩr'tẽdu=apertando}, vão {IP|pĩr'tẽdu=apertando}, vão {IP|pĩr'tẽdu=apertando}, vão {fp}...

INQ2 E o que é que vai saindo? Quando vão apertando?

INF [AB|Sa-, sa, sa-] Salta dali o almece. Pois é daí que {PH|ɛdĩ'pojʒ=depois} que é o almece.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Pois até...

INQ2 Mas aquilo que sai chamam-lhe logo o almece?

INF É logo o almece. Pois.

INQ2 Rhum.

INF Sai dali, vão {IP|pĩr'tẽdu=apertando}, vão {IP|pĩr'tẽdu=apertando}, vão {IP|pĩr'tẽdu=apertando} aquilo, {PH|ɛdĩ'pojʒ=depois} quando aquilo {IP|tẽdu=estando} {IP|pĩr'tadu=apertado}, prantam ali. {IP|ta=Está} ali um dia ou dois, {PH|ɛdĩ'pojʒ=depois} agarram nesse {PH|ʃi'ziɲu=cinquinho}, tiram para fora, e pronto, fica o queijo completo. [AB|E {PH|ɛdĩ'pojʒ=depois}]

INQ1 E onde é que põem?...

INF E até {PH|li=lhe} põem também umas pedrinhas de sal {PH|ɛdĩ'pojʒ=depois} por cima [AB|para ele ficar, para ele ficar] para ele ficar mais saboroso, para ele não ficar, {PH|nẽ=não} se estragar, {CT|nej=não é}?

INQ1 Pois, pois.

INF Pois.

INQ2 Olhe, e o, o coiso, o cardo serve de quê?

INF O cardo? O cardo é para coalhar o leite.

INQ2 Nunca lhe chamam coalho?

INF Não. Coalho, não. É para coalhar.

INQ1 Para coalhar.

INF Pronto. É para coalhar. E já {IP|ta=está} coalhado.

INQ2 E nunca chamam àquela... Diga.

INF Já {IP|ta=está} coalhado. (Mesmo ele coalha.)

INQ2 Nunca chamam àquela massa do, que tem o cardo, nunca lhe chamam a coalhada?

INF [ABIEntão isso a] Então isso [ABla] a coalhada é [RPlé{fp}] essa coisa que fica ao fim. {pp} É quando fazem o requeijão. É a coalhada [ABldo] do {RC|co=coiso}, do leite.

INQ2 Ah!

INF Coalhada. Pois é a coalhada.

INQ1 Portanto, a, aquela coisa que se põe no cincho, isso não é a coalhada?

INF Não. [ABIÉ {fp}] É a coalhada porque é o leite coalhado. Pois. Não lhe chamam coalhada; é coalhado. Pois.

INQ2 Rhum-rhum.

INF Pois.

INQ1 E, portanto, onde é que punham o, o cincho para, para ficarem a escorrer?

INQ2 Para irem escorrer.

INF Punham em cima [ABlde{fp}], dum dum caniço.

INQ2 Havia assim uma coisa...

INQ1 Uma coisa assim...

INF Um caniço. Um caniço.

INQ2 Não, um caniço era depois para, para secar um bocadinho mais.

INF Pois. [ABIEnt-] Então põem em cima [ABldum] numa mesa, ou [ABldum] dum plástico, uma coisa qualquer que {IP|ta=(está)} /há\ ali.

INQ2 Pois.

INQ1 Não usavam uma coisa assim inclinada?

INQ2 Que depois ia escorrer lá...

INQ1 Para ir escorrendo o almece?

INF Não.

INQ1 Não?

INF Não tem. Não tem. Não tem...

INQ1 Aqui não há?

INF Não, aquilo era ali em cima numa coisa qualquer, numa mesa, ou às vezes até numa cortiça, vamos assim. Havia cortiças (direitas). Punham aquilo ali, pronto! Ali estava em qualquer sítio. Aquilo nesse tempo... Havia pouco nesse tempo. {pp} Pois.

INQ2 Pois.

INF Hoje é que há muito mais.

INQ1 Pois.

INF Pois. Mas nesse tempo havia pouco. Mas era deste género assim.

INQ1 E, portanto... E com o almece faziam alguma coisa?

INF Com o almece não.

INQ1 Não faziam nada?

INF Não. O almece... O que se fazia? Bebia-se às vezes. Migava-se umas sopas e quem gostava daquilo {PH|ide=ainda} comia, e quem não comia {pp} dava {PH|uz=aos} animais. Dava {PH|u}=aos} cães.

INQ1 E de... Chamavam alguma coisa a essa coisa com as sopas, ou não?

INF Não.

INQ1 Com o pão?

INF Não. (...) Pois era dali que {PHlɛdi'pojz=depois} [ABltiravam] aproveitavam no fim [ABldo, do] do almece... Pois, que ficava aquela água do almece, dali do queijo,

INQ1 Sim.

INF {PHlɛdi'pojz=depois} aproveitavam ali assim – hã? –, [ABlpunham {pp}, punham] coavam aquilo, e depois {PHlditi'lavẽw=destilavam} e faziam então o que chamavam então o requeijão.

INQ1 Ah! Faziam, portanto.

INF Pois. Faziam um requeijão, uma coisa, uma bolinha assim do tamanho de um punho, que podia dar aí{fp} {pp} uma coisinha assim. Era o resto que sobejava e chamavam-{PHlli=lhe} então o requeijão.

Código de identificação do ficheiro: LUZ27-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1505_06 faixa: 1B1506A min: 29:11-31:06	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: O porco e a matança	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 04	
Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Out.04	

INQ1 Quando se vai buscar o porco para matar, é o dia de quê?

INF O ró vai-se buscar {PH|o=ao} chiqueiro. É o dia da matação. Pois. {pp} Vamos lá matar o porco.
"Olha, hoje é dia de matação"! Pois.

INQ1 E chamam uma pessoa especial para matar o porco?

INF Pois chamam {fp}.

INQ1 Que é o quê?

INF É o matador.

INQ1 Então, e depois o que é que lhe fazem ao porco?

INF O que é que fazem {PH|o=ao} porco? Então {PH|edi'poj|=depois} fazem...

INQ1 Como é que se mata o porco? O que é que se faz a seguir?

INF Então {PH|matẽwnu=matam o} porco, [AB|metem] tiram-{PH|i=lhe} o sangue, aparam para dentro dum... Naquele tempo, era [AB|com, com um] com um colherão. Arranjavam um colherão de pau [AB|de, de] de {PH|'urzẽ=urze}, faziam um colherão grande, iam mexendo o sangue. Mexiam, mexiam, mexiam, mexiam, mexiam, mexiam...

INQ1 E punham lá dentro alguma coisa?

INF Não. Não punham nada.

INQ1 Nada.

INF Nada.

INQ1 Só mexer.

INF Só mexer. Não punham nada. Pois. Hoje é que põem umas 'confeções': põem um sal, põem um pingo de vinagre e mexem. [AB|Aquilo {PH|edi'poj|=depois}] E até nem sequer é preciso mexer, só bandeando duma banda {CT|pra=para a} outra, aquilo deixem aquilo naquilo, [AB|coalha] não coalha.

INQ1 Não coalha.

INF Não coalha. E agora é... E naquele tempo era: mexiam, iam mexendo, mexendo

INQ2 Com pau de urze?

INF [ABlcom, com], mexendo dentro da panela. Mexiam, mexiam o sangue dentro da panela. Mexiam, mexiam dentro dum (coiso). Pois. Mexiam, mexiam, mexiam, mexiam, mexiam, era até o sangue arrefecer.

INQ1 Rhum-rhum.

INF (Ainda agora uma pessoa para ali bailava) com aquilo. Pois. Era assim que usavam. E depois [ABlfoi] foram descobrindo, foram descobrindo coisas, foram descobrindo coisas... Agora hoje já é: matam aí um porco, aparam-lhe o sangue, prantam-{PHl|i=lhe} para ali uma mancheia de sal ali para dentro,

INQ1 Pronto.

INF pronto! Vão bandeando nele, {pp} bandeando no sangue... [ABlAcabou-se] Acabou-se de bandear o sangue ali um pouco, podem-no deixar que já não coalha.

INQ1 Não coalha?

INF Pois.

INQ1 Então e depois o que é que se fazia ao porco?

INF Que é que (se) fazia {PHl|o=ao} porco? Então {PHl|edi'poj|=depois} cortavam-no.

INQ1 Não, mas antes.

INF Antes? [ABlEntão antes] Então antes {pp} desmanchavam-no.

INQ2 Não, aquilo para limpar.

INQ1 Para limpar o porco, por fora?

INF Ah, por fora?

INQ1 Sim.

INF Então era raspado. Chamava-se raspar.

INQ1 Com quê?

INF Primeiramente apanhavam-se carqueijas. Ia-se aí {PHl|o=ao} mato, apanhava-se um feixe de carqueijas ou dois e trazia-se. E {PHl|edi'pojz=depois} era {PHl|ʃemuʒ'gar=chamuscar}. "Vamos lá {PHl|ʃemuʒ'gar=chamuscar} o porco"!

INQ1 Pois.

INF Pois. Eles até nem sequer diziam {PHl|ʃemuʒ'gar=chamuscar}, diziam afogear. "Vamos lá afogear aqui o porco"!

Código de identificação do ficheiro: LUZ28-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1505_06 faixa: 1B1506B min: 00:25-01:49	Inquiridor2:
Assunto: O porco e a matança	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 05	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Out.04

INF {PH|ɛdi'pojɜ=Depois} raspavam aquilo tudo.

INQ E depois?

INF [AB|{PH|ɛdi'pojɜ=Depois} daqui-] {PH|ɛdi'pojɜ=Depois} de aquilo {IP|tar=estar} tudo raspadinho, {pp} era muito bem lavado, {PH|ɛdi'pojɜ=depois} era debuchado.

INQ Mas não o deixavam um bocado? Não o penduravam?

INF Não. Não {RC|pendura-=penduravam}.

INQ Nunca? Aqui não era hábito?

INF [AB|Não se] Não se pendurava nada! Aquilo ali [AB|lera, era] era acabar de matar, raspá-lo, afogueá-lo, [AB|tirar-{PH|i=lhe} de] buchá-lo. {PH|bu'ʃavẽwnɛʃ=Buchavam as} tripas ali para dentro, tiravam as tripas (para dentro dum alguidar), logo ali uma mulher ou duas a desmanchar as tripas... Acabavam de desmanchar as tripas, pegavam no porco... {pp} Umas vezes {PH|pɛr'tiẽwna=partiam-no à} metade do meio, punham lá em cima {fp} das bancas... E deixavam-no {IP|tar=estar}. {pp} Pois. {PH|ɛdi'pojɜ=Depois} no outro dia – aquilo já tenro, já a carne já {IP|'tavɛ=estava} toda fresquinha, bem fresquinha – é que pulava lá um homenzinho ou dois, começavam, chamava-se desmanchar. {PH|dɜmẽ'ʃavẽwnu=Desmanchavam o} porco. {PH|ɛdi'pojɜ=Depois} de o porco {IP|tar=estar} todo desmanchado {pp}, as banhas eram para fritar. E {IP|'tavẽw̃=estavam} ali as mulheres que {PH|pi'kavẽwnɛʃ=picavam a} carne que era {CT|paɜ=para as} linguças, a carne que era {CT|praɜ=para as} chouriças. Pois. [AB|Nesse dia, nesse dia, no outro] Nesse dia (que) se desmanchava o porco, [AB|fo-] à noite {PH|fɛ'ziẽwnɛʃ=faziam as} chouriças. {PH|pi'kavẽwnɛʃ=Picavam as} carnes das linguças, nesse dia também {PH|fɛ'ziẽwnɛʃ=faziam a} conserva. Ficavam ali {pp} três dias na conserva. {PH|ɛdi'pojɜ=Depois} desse dia, [AB|desses três] desses três dias na conserva, faziam então as chouriças, as linguças. Penduravam depois: arranjavam

uns varais, penduravam ao fumeiro e vá fogo por baixo, assim um bocadinho longe. Aquilo iam corando, iam corando, iam corando, que essas é que eram saborosas!

INQ Ui! Essas é que eram!

INF Essas (é que) eram saborosas!

INQ Pois.

INF Pois.

Código de identificação do ficheiro: LUZ29-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1507_08 faixa: 1B1507A min: 03:14-05:07	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: As abelhas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 06	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Out.04

INQ1 Como é o zango?

INF O {PHI'zẽgru=zango}?

INQ1 Sim.

INF Então o {PHI'zẽgru=zango} é{fp} filho da colmeia na mesma. Mas, portanto, é um bichinho maior. {pp} Pois. E então só durante o...

INQ1 Mas anda misturado com as abelhas?

INF Anda misturado, anda.

INQ1 Então é capaz de ser esse o macho?

INF O {PHI'zẽgru=zango}?

INQ1 Sim.

INF Pois, com certeza.

INQ1 Anda misturado com as abelhas?

INF Anda misturado com as abelhas, anda.

INQ1 Pronto.

INF E só {pp} num certo tempo.

INQ1 Sim.

INF Só no Verão. Depois aquilo quer dizer que elas deitam, elas sacodem-nos todos.

INQ1 Pois. Então...

INF [AB|Durante] Durante a criação, [ABlo {pp}] nasce o {PHI'zẽgru=zango}. Nasce a abelha [ABle nasce {fp} a abelha] e nasce o {PHI'zẽgru=zango}. (Em mais) que vem aí um certo tempo aí no Verão, desaparece tudo.

INQ1 Pois.

INF E {PHI'edi'pojz=depois} agora, se forem ver aí a uma colmeia, não tem lá {PHI'zẽgru=zango} nenhum.

INQ1 Pois, pois.

INF Só tem lá abelhas.

INQ1 Pois. Não, mas eu estava a falar numa outra que tem umas risquinhas no corpo. É parecida, muito parecida com a abelha mas não faz mel. E que dá também uma, uma picada, que dói imenso?

INF Isso é a vespa. {fp} É verdade. Eu, as abelhas, não as ver!

INQ1 Pois.

INF (Que) sofro... Tenho sofrido poucachinho!

INQ1 Ai é?

INQ2 Ai é?

INF Faz-me uma alergia muito grande no corpo.

INQ1 Ah!

INF Fazem-me uma alergia que... Mesmo à morte.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Eu até me evito às vezes, no Verão, de andar aí por fora {pp}

INQ1 Para não ser muito...

INF [AB|para não] para não ser apoquentado por aqueles bichos. Pois.

INQ1 Pois. Olhe e muitas abelhas juntas é um quê?

INF Um enxame.

INQ1 E onde é que elas vivem?

INF Elas vivem [AB|no] no cortiço. Num cortiço, feito de cortiça. Pois.

INQ1 Pois.

INF [AB|Chamam] Chamam... Pois, chama-se-{PH|li=lhe} um cortiço. Que {PH|'idε=ainda} fiz alguns!

INQ1 Pois. Também...

INF {PH|'idε=Ainda} fiz alguns cortiços.

INQ1 Claro.

INF Mas não foram para mim.

INQ1 Não?

INF Pois.

INQ1 Nunca criou abelhas?

INF Nunca criei abelhas. Mas gostava daquilo.

INQ1 Ah sim?

INF Mas desde o momento que me deram a fazer mal,

INQ1 Pois claro.

INF larguei-as da mão.

Código de identificação do ficheiro: LUZ30-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1507_08 faixa: 1B1507A min: 05:19-06:43	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: As abelhas e o mel	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 07	
Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Nov.04	

INQ1 Onde é que elas põem o mel?

INF [AB|N-] Nos {PH|kɛ'zujz=casulos}, nas setas. Põem nas setas. Depois em essas setas é nos {PH|kɛ'zujz=casulos}. Pois. E é ali que elas [AB| põem o, põem] {PH|'pojẽjnu=põem o} mel. Põem. Primeiramente, aquilo {PH|fazẽjnu=fazem o} seguinte: {PH|kɛ'riẽwnu=acarreiam o} tarro, {PH|kɛ'riẽwnu=acarreiam o} mel. O mel vão para um lado e o tarro vai para outro.

INQ1 O que é o tarro?

INF O tarro... Quer dizer, o tarro é uma coisa amarela, que (ele) é um produto que elas {PH|kɛ'riẽw=acarreiam}, que elas trazem também.

INQ1 Sim.

INF E nesse tarro {pp} {PH|ɛdi'pojɔ=depois} {pp} prantam uma ova. Não sei se é a mestra que faz isso.

INQ1 Sim.

INF Se calhar [AB|lé a] é a mestra que vai lá pôr a ova.

INQ1 Sim.

INF Pois. Aquilo fazem setas grandes. Setas grandes, tudo tapado em tarro. E (até) [AB|cada] cada uma coisinha dessas leva lá uma varejzinha. Pois. Leva lá uma varejzinha e {PH|ɛdi'pojɔ=depois} tapam. E depois [AB|com a] com a continuação (do tempo), aquilo vai {IP|'tẽdu=estando} ali, vai {IP|'tẽdu=estando}, vai {IP|'tẽdu=estando}, vai {IP|'tẽdu=estando} ali... {IP|ta=Está} ali muito tempo, e {PH|ɛdi'pojɔ=depois} de {IP|tar=estar} ali, pelo menos, – {PH|nẽ=não} sei o tempo que é, que aquilo {PH|ɛdi'pojɔ=depois} já é no Verão, no Verão, em Maio... Pois, quando elas {PH|ɛdi'pojɔ=depois} já começam a enxamear, aquilo sai antes. Aquilo depois gera-se dali as abelhas {pp} nesse tarro. E no mel não.

INQ1 Pois.

INF O mel é só para elas comerem {PHlɛdi'pojʃ=depois}... Comerem... Sim, que é para elas comerem, para se elas {PHlmɐniʃ'trarẽj=ministrarem}.

INQ1 E o mel está nessas setas que o senhor disse?

INF {IP|ta=Está} nas setas, pois. [AB|{IP|ta=Está} na] {IP|ta=Está} dentro dos {PH|kɛ'zujz=casulos}.

Pois. {IP|ta=Está} nas setas.

INQ2 Aquela... Casulos é aquelas coisinhas assim, aqueles buraquinhos todos?

INF Pois, aquelas coisas, aqueles buraquinhos pequeninos. Tudo aquilo são {PH|kɛ'zujz=casulos}.

INQ1 Pois. Rhum-rhum.

Código de identificação do ficheiro: LUZ31-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1507_08 faixa: 1B1507A min: 08:36-11:27	Inquiridor2:
Assunto: O mel	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 08	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Nov.04

INQ Olhe, e depois para tirar o mel, é preciso, quê?...

INF Espremer.

INQ E esse trabalho de tirar o mel, como é que se chama?

INF Como é que se chama? [AB|Chama-se] Chama-se crestar uma colmeia.

INQ E com que é que se crestava?

INF Crestava-se aquilo... Olhe, aquilo naquele tempo, fulano ia lá onde é que ela estava, fazia ali um fogo {pp} com uma mancheia de ramas de esteva e dava-{PH|li=lhe} fumo ali por baixo – hã? –, e elas apanhavam ali uma mancheia de fumo. Depois voltávamos assim a soprar pelo buraco, pusemos assim um cortiço – hã? –, um [AB|com] sem nada por cima e outro por baixo, toca a bater: truz, truz, truz, truz, truz, truz, truz, truz, truz, truz, truz! Batíamos ali um pouco assim, elas {PH|økumi|savẽw=começavam} a sair, hã?

INQ Pois.

INF Começavam a sair, entravam para dentro do cortiço, não tinha nada {pp}... E sempre ficavam {PH|ædi|pojz=depois} umas abelhinhas ali, mas, [AB|já ficavam] com o fumo, já ficavam bêbedas [AB|já {PH|nẽ=não} fi-] já {PH|nẽ=não} picavam.

INQ Já não faziam mal.

INF Pronto! E {PH|ædi|pojz=depois} pegávamos naquilo, [AB|trocá-] levávamos aquilo às costas {CT|prɔ=para o} monte, lá da malhada.

INQ Ah!

INF Depois de malhar a colmeia, pois levávamos para o monte. Chegávamos lá {PH|ɔ=ao} monte, tirávamos-{PH|li=lhe} o tampo, desconchávamos de lado, levávamos para ali um alguidar, com um ramo [AB|lum] {pp} de mato, para sacudir as setas, para não levar abelhas. E (pondo) ali aquilo um bocadinho, depois é que levávamos para lá e depois era espremido {pp} à mão.

INQ Pois.

INF Nesse tempo era espremido à mão. A gente agarrava na mão, espremiávamos ali aquilo assim, tudo muito bem, com uma seta, {PHl̃eru¹laṽmuz̃e=enrolávamo-la} ali com força e íamos espremendo, espremendo, espremendo. (Esprememos) o mel ali para dentro numa bilha – até era para cima dum joeiro; e desse joeiro é que era para baixo, para dentro do coiso. {PHl̃edi¹pojz=Depois}, desse joeiro {PHl̃edi¹pojz=depois}, quando aquilo {IP¹t̃ẽdu=estando} espremido com mais tempo, punha-se dentro numa peneira. A peneira era muito mais fininha,

INQ Rhum-rhum.

INF e então era dali que o mel que [ABl̃ia à, ia] ia para baixo.

INQ Rhum-rhum.

INF Pois. E {PHl̃edi¹pojz=depois} de aquilo tudo feito, tudo espremido, a cera era escaldada, {pp} faziam-se rebolos de cera... {pp} Pois. E essa cera até servia para [ABl̃ir], {PHl̃edi¹pojz=depois}, ir {CTl̃p̃ɔ̃f=para os} sapateiros.

INQ Ah!

INF [ABl̃Punham depois] Depois punham aquilo, essa cera, em cima dum [RPlem cima dum] fogo, numa telha, e aquilo corria para baixo. E aquilo depois fazia aquela cera amarelinha que era {CTl̃p̃ũf=para os} sapateiros {PHl̃pĩz¹gar̃ẽjñẽz=pisgarem as} linhas para {PHl̃ku¹zer̃ẽnu=coserem o} o cabedal.

INQ Rhum-rhum.

INF Pois. [ABl̃E{fp} essa] E {PHl̃edi¹pojz=depois} essa água que ficava dessa cera escaldada que fazia-se os rebolos, com água escaldada...

INQ Rhum-rhum.

INF Nessa cera, a gente punha água lá dentro, desmanchávamos os rebolos da cera, pois, dessa que a gente tínhamos espremido, tudo a bocadinhos. E depois dessa água que ficava punha-se {PHl̃ɔ=ao} fogo dentro dum tacho {pp} – dessa água que ficava depois punha-se {PHl̃ɔ=ao} fogo dentro dum tacho –, era donde se [ABl̃f̃ica-] fabricava então a tal dita água mel.

INQ Ah, pois!

INF Pois. E {PHl̃edi¹pojz=depois} essa água mel {pp} comia-se com pão e até servia para mezinha – e serve ainda para mezinha: fulano quando {IP¹t̃ẽdu=estando} muito constipado,

INQ Sim.

INF às vezes dá constipações, em lugar de beber um chá de ferrugem, não bebe um chá de ferrugem. Vai ali pega numa gotinha daquela água mel, despeja ali dentro numa caneca, ou com uma gota de água além {PHl̃ɔ=ao} fogo {fp} fervendo, bota-{PHl̃li=lhe} ali uma pinguinha ali para dentro, mexe aquilo bem, que aquilo fica ali bem preto, mete-se debaixo das mantas, bebe aquilo assim quentinho...

INQ No dia seguinte está, está bom!

INF [ABl̃No, no outro dia] No outro dia já está mais diferente!

Código de identificação do ficheiro: LUZ32-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1507_08 faixa: 1B1507A min: 11:32-12:57	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: O mel	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 09	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Nov.04

INQ1 Olhe, mas disse: em vez de fazer um chá de quê?

INF De água mel.

INQ1 Não.

INQ2 Não.

INF Chá de ferrugem.

INQ2 E o que é ferrugem?

INQ1 Ai, o chá de ferrugem!

INF Ferrugem [AB|é{fp} d-] é do fumo

INQ2 Da chaminé?

INF da chaminé ou do fogo – esse fumo do fogo, das ramas de esteva, [AB|que a gente]

INQ2 Sim, sim.

INF de lenha que a gente queima. E então vai ficando aquilo no telhado.

INQ2 Sim.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Pois, noutro tempo, não. Eu, nesse tempo, não sei onde é que usavam uma chaminé?!

INQ2 Pois.

INF Nem sequer um chupão!

INQ1 Pois.

INF Não era nada! E então o fumo saltava dali e ia ficar assim no telhado, nessas coisas aí assim;

INQ2 Pois, pois, pois.

INF ficava aí assim por cima, e {PH|édi'pojz=depois} a gente ia lá, {pp} com uma coisinha raspávamos aquilo para dentro duma bilhazinha qualquer e depois enrolávamos aquilo assim num trapo; fazíamos uma bola de um trapo, metíamos ali dentro [AB|dum{fp}] duma tigelinha, com água quente que despejávamos ali para dentro, aquilo a água ficava preta. Era isso é que era o chazinho de ferrugem. [AB|E bebíamos]

INQ1 E fazia bem?

INF E bebíamos isso [AB]por causas de, às vezes] que era para livrar [AB]de{fp}] das constipações – pois, pois –,

INQ2 Ah!

INF das {PH]plemu'niɛj=pneumonias}, coisas assim!

INQ1 Pois.

INF Pois. E o chá de ferrugem cortava, atalhava isso tudo, esses {PH]majj=males}. E evitava isso. E era o que se fazia. Aí no campo, era isso:

INQ2 Pois, pois.

INF chás de ferrugem. E então [AB]bebia] bebia os chás de ferrugem. Mas {PH]dimi=dei-me} em sentir melhor com o chá de água mel!

INQ1 Isso é porque devia ser mais docinho!

INF Quando {IP]t'ũdu=estando} constipadinho, a minha patroa arreda logo comigo. Diz-me logo assim: "Ah, já tu vais fazer o chá, depois vais apanhar aí frio"! Eu digo: "Não, deixa lá fazer que eu faço à minha vontade"!

INQ1 Pois.

INQ2 Mas é, mas...

INF Faço um chazinho, faço dois, faço três e paro. Pronto.

INQ1 Pois.

INF Aquilo [AB]começa-me a] começa a limpar, começa a limpar, começa a limpar {fp}...

INQ1 E esse chá de ferrugem não deve saber bem, pois não?

INF Não, aquilo amarga. Amarga.

INQ1 Sempre é melhor fazer do de água mel!

INF Pois é! Pois. [Risos] Pois, o de água mel é {RC]do=-doce}!

INQ1 É doce!

INF O de água mel é doce!

INQ2 Pois é.

Código de identificação do ficheiro: LUZ33-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1507_08 faixa: 1B1507A min: 18:28-19:15	Inquiridor2:
Assunto: A criação de gado	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 10	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Nov.04

INQ Era costume, a pessoa que vendia e a pessoa que comprava, irem beber um copo, ou beber qualquer coisa para?...

INF Era. Era, sim senhor. Era.

INQ E chamavam alguma coisa a isso? "Olha, vamos"...

INF "Então vamos beber um copo", pois.

INQ Não, não era "Vamos beber um alborgue"?...

INF Não, não, não, não, não, não.

INQ Aqui esse não...

INF "Vamos lá aqui beber um copo".

INQ Pois.

INF Pois.

INQ E quem é que pagava normalmente?

Inf Quem pagava era [AB|quem, quem] quem vendia o gado.

INQ Quem vendia.

INF Pois. Quem comprava não. Pois. "Anda lá, vou-te pagar um copo".

INQ Pois.

INF "Comprastes-me' (o) {PH|me=meu} gado".

INQ Pois.

INF Pois. E marchavam, {PH|bi'biẽwnu=bebiam o} copo e{fp}...

INQ Pronto.

INF Pois. Ou um copo de vinho ou um copo de... Era quase sempre era vinho. Nesse tempo era...

{PH|nẽ=Não} havia cerveja. Pois. Havia já a tal dita aguardente. Isso, a aguardente é mesmo muito velha! Havia aguardente [AB|e havia a ce-] e havia o vinho. Pois.

INQ Pois.

INF Quanto {PHlo=ao} resto, [ABlera] era a bebida principal era o vinho.

INQ Pois.

Código de identificação do ficheiro: LUZ34-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1507_08 faixa: 1B1507B min: 22:03-23:34	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: O cesteiro	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 11	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Nov.04

INQ1 Para cortar, depois quando acaba de meter aí e precisa cortar é c-, é com o quê?

INF É [ABlcom] com a tesoura.

INQ1 Com a tesoura.

INF É uma tesoura. Pois. Chama-se uma tesoura. Chama-se uma 'podadeira'.

INQ1 Ah!

INF Pois. Mas a gente emprega-{PHli=lhe} o nome tesoura. Pois, agora, agora é que puxam [ABlu-]

uma 'podadeira', uma 'podadeira', uma 'podadeira'. Isso uma 'podadeira' {pp} é uma tesoura.

INQ2 Mas é aquelas tesouras como se usa para podar?

INF É, é mesmo...

INQ2 Para podar as...

INF É. É isto.

INQ2 As parreiras e isso.

INF {fp} {IPlta=Está} aqui tudo. Eu tenho essas ferramentas. Só não tenho... {fp} É isto.

INQ2 Ah, pois, pois.

INQ1 Pois.

INF Isto é esta tesoura.

INQ2 Está bem, uma tesoura de podar.

INQ1 Uma tesoura.

INF Pois, é de podar. Indo ali, corta isto tudo, limpa a verga e limpa tudo, e com a faca

{PHl̄esu'vil̄e=afusela} pronto, faz aquilo. É uma coisa...

INQ1 E tem algum sítio onde põe as peças para as ir trabalhando, ou não? Ou trabalha assim sentado em qualquer lado, assim com elas na frente?

INF Não. [ABIPr-, prop-] Propriamente, tenho a verga para pôr. Primeiramente embico-a toda muito bem embicadinha. E depois...

INQ1 O que é embicar?

INF Embicar é embicar a verga. Embicar é...

INQ2 Ah, fazer em bico, pôr em bico, a ponta em bico.

INF Fazer em bico. Pega-se nisto, hã? A gente corta-{PH|li=lhe} uma pontinha, faz um bico.

INQ1 Está bem.

INF Que é para {PH|ædi'pojʒ}=depois} poder {pp} meter [AB|na] no coiso.

INQ1 Sim.

INF A gente faz o fundo. [AB|Apanha] Apanha as vergas, metemos entre meio dos dedos... Com a verga macia, faz-se o fundo. E depois de fazer o fundo, pegamos então nessa (.../N) e metemos. Mas a verga para {IP|tar=estar} de molho mete-se dentro de água. Ali [AB|num tem-] num alguidar grande.

Num alguidar, numa bilha grande, mete-se lá a verga, {IP|ta=está} ali um pouco.

{PH|ædi'pojʒ}=Depois} de {IP|tar=estar} maciazinha é quando a gente {PH|æku'mesv=começa} a

fabricar nela. Vai-se fabricando, vai-se molhando. E depois de {IP|tar=estar} enxuta, pranta-se

{PH|o=ao} sol. Quando enxugando, pronto!

INQ1 Está capaz?

INF {IP|ta=Está} capaz [AB|de] de vender a um freguês qualquer.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 Sim senhor.

INF Pois.

Código de identificação do ficheiro: LUZ35-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Cloé Idade: 57	Sexo: Feminino Escolaridade: Analfabeta
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1B1507_08 faixa: 1B1507B min: 27:08-31:11	
Inquiridor2: Luísa Segura	
Assunto: As aves	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 12	
Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Nov.04	

INQ1 Falou numa loisa. O que é uma loisa?

INF1 O que é uma loisa? Então uma loisa pode ser uma loisa de apanhar pássaros. É uma loisa, pronto!

INQ2 Que é o quê?

INQ1 Ah, que é o quê?

INF1 Uma loisa? Então, (olhe,) era aquilo que eu tenho... [AB|Eu v-] Eu vou-{PH|li=lhe} mostrar o que é uma loisa. É isto.

INQ2 Ah, é isso!

INQ1 Isso é uma loisa?

INF1 Isto é que é uma loisa.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 É. Isto chama-se mesmo uma loisa.

INQ1 Sim senhor. Portanto, é dessa forma que é o cepo, mais ou menos, parecido com isso, mas maior, em grande?

INF1 Não. O cepo é assim. {pp} Portanto, o cepo é assim.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 É assim deste género.

INQ1 Pois.

INF1 Daqui {pp} assim por aí fora para cá aqui.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Pois.

INQ1 Pois. Sim senhor.

INF1 E aqui tem um rabicho e vai aqui {pp}... Pois. E isto {PH|ædi'pojz=depois} abre assim e

{PH|ædi'pojz=depois} vem daqui, tem aqui... Há aqui {fp}um braço qualquer aqui que vai e fica aqui.

INQ1 Pois.

INF1 Aquilo vem dalém, aquela palhetazinha, e aquilo fica aqui.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Pois.

INQ1 Sim senhor.

INF1 E {PHlɛdi'pojz=depois} isto quando dispara, dispara assim. Isto tem aqui um prato.

INQ1 Pois.

INF1 Hum? Tem aqui um prato grande aqui.

INQ1 Pois.

INF1 Aqui, isto aqui de baixo tem uma coisa pegada {PHlɔ=ao} prato, levanta-se o prato para cima, e aqui tem a coisa e fica aqui.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Pois. E conforme vem {PHlɛdi'pojz=depois} [ABlo p-] o bicho, põe a pata aqui em cima,

{PHlme=meu} belo amigo!, isto dispara.

INQ2 Pronto!

INF1 Pois.

INQ2 Fica lá.

INF1 Isto é que é a loisa.

INQ2 Está bem.

INF1 Mas...

INQ2 Olhe...

INF1 A loisa...

INQ2 Diga.

INF1 (Vou-{PHlɪ=lhe} explicar) /Vou 'dexplicar'\ o que era a loisa.

INQ2 Diga, diga.

INF1 Pois. A loisa [ABlé uma loisa] é uma coisa feita em pau.

INQ2 Em pau?

INF1 Pois. Chama-se-{PHlɪ=lhe} uma loisa de pedra. Isso é que é uma loisa. {pp}

INF2 {PHlnũ=Não} chama-se uma armadilha?

INF1 Não. É uma loisa. Isso é que é uma loisa. Isso é que é... [AB|Isso é] Isso é que é mesmo uma loisa.

INF2 [AB|E isto] E isso aí chama-se uma armadilha.

INQ2 Rhum-rhum.

INF1 Pois. Portanto, são {pp} três pauzinhos. Pois, três pauzinhos. Isso é que é a loisa. Se verem aquilo – [ABlé p-] é pena {PHlnũ=não} ter vagar, senão eu fazia-{PHlɪ=lhe} uma para vomecês levarem, que era para ganharem lá um prêmio com ela. A loisa, aquilo é feito assim: aquilo é feito aqui assim uma barbela, aqui assim outra, [ABlaqui] aqui assim a barbela de trás, aqui, aqui assim é outra, aqui, e por baixo é em cunha. Pois. E {PHlɛdi'pojz=depois} aqui, é um (.../N) assim grande, que é feito também em cunha assim, assim, que é para enfiar além na coisa. E {PHlɛdi'pojz=depois} tem então uma vareta,

[AB]que é assim deste] uma vareta grande, assim deste tamanho assim, com umas forquinhazinhas assim.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Tem assim umas forquinhazinhas assim e é aqui a direito. Tem aqui assim umas forquinhazinhas, que é para pôr assim no tanchão e depois aqui assim tem [AB]umas] umas barbelazinhas. E

{PH}lêdi'pojz=depois} aqui dentro [RP]dentro] depois aquilo é assim [RP]assim] rachado, que é para pôr ali o engodo. E {PH}lêdi'pojz=depois} a criação tem uma pedra, uma pedra dessas, uma pedra aí do campo, {CT}lnej=não é)?

INQ1 Pois.

INF Quem diz uma pedra, diz uma tábua para pôr qualquer coisa. E então é aquilo [AB]que é uma] que se chama uma loisa. Depois a gente pranta ali assim o loiseiro, o tanchão e a vareta. {pp} Pois, aquilo é que é a loisa.

INQ1 E depois?

INF Então {PH}lêdi'pojz=depois} aquilo fica armado.

INQ1 Sim.

INF E depois aquilo pranta-se lá uma coisa qualquer e o bicho entra ali por debaixo, puxa por aquilo, aquilo cai...

INQ2 Pronto!

INQ1 Cai-lhe a pedra em cima?

INF Cai a pedra em cima, fica caçado. Isso é que é a loisa.

INQ2 Pois.

INQ1 Está bem.

INF Pois.

INQ2 Isso é, é para que bichos?

INF É para qualquer [RP]qualquer] bicho.

INQ1 Coelhos?

INQ2 Coelhos?

INF Pode ser para coelhos, pode ser para perdizes, pode ser para...

INQ2 Para lebres?

INF [AB]Para] Para lebres. Aquilo [AB]lé o] é o que lá prantarem, é conforme o engodo que lá prantarem {fp}...

INQ1 Pois, mas para zorras, por exemplo, já não dá?

INQ2 Já não dá.

INF Não, para zorras...

INQ1 Que as zorras fogem.

INF Fogem, fogem porque{fp} a pedra é fraca.

INQ1 Pois.

INQ2 Pois.

INF Pois. Mas se prantarem lá um bocado duma galinha lá dentro, aí, aí num sítio qualquer, vai lá um bicho qualquer para comer aquilo e cai-*{PHli=lhe}* a pedra em cima.

INQ2 Pois, pois, pois é.

INF É a loisa. Isso é que é uma loisa.

INQ1 Está bem.

INQ2 Pois.

INF Pois.

INQ1 Sim senhor.

INF Agora isto *[RPlisto]* já se chama uma ratoeira.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 Pois.

INF Pois, isto já é uma ratoeira.

INQ1 Mas é uma ratoeira para pássaros?

INF Isto é para pássaros, mas já é uma ratoeira. Uma ratoeira para apanhar ratos.

INQ2 Pois.

INQ1 Para ratos também serve isso?

INF Pois é, para apanhar ratos.

INQ2 Ah!

INQ1 Ah!

INF Pois. *{pp}* Para apanhar ratos. A gente pranta-*{PHli=lhe}* ali um bocadinho de pão, armamos aquilo que *[ABlaté {PH'i'de=ainda}]* até *{PH'i'de=ainda}* um dia destes deu uma parte engraçada ali na minha casa. Eu *{IP'tavẽ=estava}* ali *{PHlõ=ao}* pé do lar mais a minha patroa – hum? –, e ouvia lá...

Isso então *{IP'ta=está}* gravando, *{PHlnũ=não}* fale eu demais!

INQ1 Não, não faz mal.

INF E ouvia lá *[AB|para dentro de ca-, para dentro]* para dentro do fogão: *trr-trr-trr-trr-trr, trr-trr-trr-trr-trr-trr*. E eu pensei assim: "Olha"... Disse assim: "Cloé, olha que *{IP'ta=está}* um rato dentro do fogão"! "Ai, valha-me Deus"! Disse-me ela. "Ai, valha-me Deus! Então o bicho estraga-me aí *[ABlo]* (o 'chauffage') do fogão"! Bom, eu fui, abri aquilo: "Vê lá, que há-de *{IP'tar=estar}* lambido numa cestanita que *{IP'ta=está}* aí dentro". Uma cestinha com uns (restinhos) de gordura,

INQ1 Pois, pois, pois.

INF *{IP'tavẽ=estava}* ali lambido. Onde digo eu: "Olha, *{IP'ta=está}* aqui lambido". "Então espera aí que já te digo".

Código de identificação do ficheiro: LUZ36-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Cloé Idade: 57	Sexo: Feminino Escolaridade: Analfabeta
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1B1507_08 faixa: 1B1508A min: 00:02-01:03	Inquiridor2:
Assunto: As aves	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 13	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Nov.04

INF1 Disse: "Vou-me armar aqui uma loisa"! Fui buscar a loisa, pus-**{PH|li=lhe}** um bocadinho de pão, **{pp}** um bocadinho de (pãozinho), **{PH|prẽ'ti=prantei}** a loisa ali dentro do fogão e fechei o fogão. **{IP|'tiv=Estive}** lá um belo pouco, um bocadinho não muito, (foi logo): traz! A loisa desarmando-se. Disse assim: "Ai"! Não ouvi chiar, **{PH|nẽ=não}** ficou. Fui ver, **{PH|nẽ=não}** estava. **{PH|ti'ri=Tirei}** o pão **{pp}** e pus outro bocado, um pão mais compridinho. (A gente, se calhar,) só apanhando um buraquinho (dele) um arquinho da loisa. (**{PH|prẽ'ti=Prantei}**) lá. **{IP|'tevi=Esteve}** lá mais um pouco, **{IP|'tevi=esteve}**, **{IP|'tevi=esteve}**, **{IP|'tevi=esteve}**, **{IP|'tevi=esteve}**, **{IP|'tevi=esteve}**, **{IP|'tevi=esteve}**... **{IP|'tavẽmuz=Estávamos}** **{PH|o=ao}** pé do fogo, mal logo ouvimos outra vez: traz! Depois ouvimos a chiar, digo: "Olha, já lá está"! Pois.

INQ1 Mas foi tudo resolvido ali, naquele instante!

INF1 Pois, foi naquele instante. Apanhámos o rato! Mas dentro do fogão!

INQ2 Dentro do fogão!

INF1 [ABI|Donde] Donde aquilo se foi meter, dentro do fogão!

INQ2 Estúpido do rato! Do rato!

INQ1 Mas durante o dia, é? E durante o dia ou à noite já? Já era à noite?

INF1 Foi de noite. À noite, quando a gente **{IP|'tavẽ=estava}** à roda da brasa. Estávamos ali na cozinha...

INQ1 Pois, pois.

INF2 (Então eu) não tinha uma roupa dentro do porta-bebés, uma roupa do meu Clemente quando ele era pequenino, os ratos **{PH|nẽ=não}** foram lá, **{PH|nẽ=não}** fizeram o ninho e **{PH|nẽ=não}** foram parir lá ratinhos pequeninos, lá?!

INQ2 Tchii!

INF1 Pois.

INF2 Deram-me cabo da roupa toda da criança.

INQ1 Pois, pois.

INQ2 Ah!

INF1 É, é. Isto {IP|ta=está}... Isto é...

INQ1 São terríveis!

INF1 São terríveis, são.

INF2 (E eu a) guardar aquilo, com pena, para não deixar estragar porque...

INQ1 Pois.

Código de identificação do ficheiro: LUZ37-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1507_08 faixa: 1B1508A min: 01:30-03:48	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: A caça	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 14	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Nov.04

INF Era a caça {PHlɔ=ao} {PHlgrɛbu'ziɫu=gambozino}. Não se esqueça. {pp} O {PHlme=meu} pai que Deus tem – Deus {PHlɪ=lhe} perdoe, Deus lhe perdoe, pois... Houve uma coisa dessas dos {PHlgrɛbu'ziɫuz=gambozinos}, uma parte... Sempre há marotos!

INQ Pois.

INF Pois. Sempre há marotos! E então combinaram para ir à caça do {PHlgrɛbu'ziɫu=gambozino}. Pois. Onde o {PHlme=meu} pai, que Deus tem – o {PHlme=meu} pai [ABl(é)], que Deus tem, é que contou que fez aquela parte. E então quem é que vai bater? Havia a porta daquelas [RPldaquelas] vinhas – não é? –, havia vinhas, e então havia aquelas grandes. [ABIE havi-] E na porta das vinhas havia um biqueirão por onde a água corria. Vinha de dentro das vinhas, ia andando, a água vinha nas cheias, havia aquela porta daquele biqueirão. "Olha, vais-te lá prantar. Vamos {PHlɔ=ao} {PHlgrɛbu'ziɫu=gambozino}, que é lá que vai o {PHlgrɛbu'ziɫu=gambozino}, e a gente daqui damos aqui [ABluma] uns arrulhos e tal, e tu vais-te lá prantar com a saca". Bom, o {PHlme=meu} pai, que Deus tem, pega nele: "Sim senhor, ó minha vida", pega na dita saca e foi-se prantar lá em baixo à porta [ABldesse, de-] dessa (azinha). E eles cá dentro deram um arrulho [ABle] {pp} e partiram e vieram-se embora para casa, para as arramadas. Iam-se deitar. Meu pai, que Deus tem, esperou, esperou, esperou, esperou, esperou, esperou, esperou, não viu mais nada. (Pensou): "Ah ladrões, então isto não aparece aqui nada"! Deixou, foi-se embora. Chegou lá, estavam eles todos a dormir! Depois (ele): "Deixa estar, filhas da puta, que eu já te digo. Deixa estar que já te digo". E neste tempo usavam sapatos. {pp} Pois. Usavam sapatos... {pp} Vai {PHlɔ=ao} pé dos sapatos dum, puxa-o para fora, arreja a calça: tã-tã, uma cagadela lá dentro! Uma cagadela lá dentro. Pegou nos sapatinhos – eles estavam dormindo – e pôs no mesmo sítio. Pronto. Bom, {pp} no outro dia de manhã, o gajo alevanta-se para calçar os sapatos, {pp} vai [ABlver] enfiar o pé e ah! [ABlTudo] Tudo tapado [ABlem, em] [Risos] em cocó, broas, diz ele assim: "Ah ladrões! Quem seria o ladrão"? Diz o {PHlme=meu} pai que [ABlDeus] Deus

{PH|li=lhe} perdoe assim (nesse tempo): "Olha, então {PH|nẽ=não} sabes quem foi"? "Eu não".
"Então, isso foi os {PH|grẽbu'zi'lu}={gambozinos}, pá! {pp} Foi os {PH|grẽbu'zi'lu}={gambozinos}.
Vocês vieram aqui, afincaram-se a dormir, vê lá que os {PH|grẽbu'zi'lu}={gambozinos} até
('merdaram') para dentro da saca. Pois. Deixa lá que os {PH|grẽbu'zi'lu}={gambozinos} (até 'merdaram'
para dentro da) saca". "Qual {PH|grẽbu'zi'lu}={gambozinos} nem {PH|grẽbu'zi'lu}={gambozinos}!
'Fostes' tu"! Depois [AB|quiseram] quiseram dar porrada no meu pai, que Deus tem, mas os outros não
deixaram.

INQ2 Claro.

INF "Tu é que foste o culpado, e tu é que foste o culpado, portanto agora não {PH|li=lhe} tocas.

[AB|Isso foi] Isso foi os {PH|grẽbu'zi'lu}={gambozinos}!"

INQ2 Foi uma vingança!

INQ1 Foi uma bela vingança!

INF Foi uma história do {PH|grẽbu'zi'lu}={gambozino}!

Código de identificação do ficheiro: LUZ38-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1B1507_08 faixa: 1B1508B min: 00:18-02:01	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: As festas religiosas e profanas	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 15	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Nov.04

INF O mantrasto também ainda aqui não apareceu.

INQ1 Não senhora.

INQ2 Não.

INF Pois. E o mantrasto... E depois apanhávamos aquilo tudo e {fp} uns bocadinhos de rosmano branco, {pp} que é parecido com este que {IP|ta=está} aí. [AB|Este, este é] Este é [AB|rosmo-] rosmano vermelho e o outro era o que dá... Este dá as cabecinhas vermelhas, e o rosmano branco dá as cabecinhas brancas.

INQ1 Ah!

INQ2 Ah, nunca vi!

INF Pois. E depois apanhávamos isso e pulávamos aqui as fogueiras. A gente apanhávamos a arrúdia também, e depois pulávamos ali as fogueiras...

INQ1 Apanhavam o quê?

INF Apanhávamos a {PH|pír'pete=perpétua} [AB|e{fp}] e apanhávamos o rosmano branco, apanhávamos a arrúdia, e apanhávamos [AB|o] o mantrasto. Era isso tudo que a gente apanhava.

INQ2 E depois que é que faziam?

INF E depois trazíamos aqui nas vésperas de dia de Santo António, ou nas vésperas de dia de São João, ou nas vésperas de dia de São Pedro. E depois vínhamos pular a fogueira à porta. Fazíamos aquelas grandes fumaças, pulávamos por aquilo, dizíamos [AB|as nossas] os nossos versos. Pois. "Pular a fogueira de São João para não me doer pé nem mão". "Pular a fogueira de São João [AB|para não me fazer, para] para nunca [RP|nunca] ter tremeliques no meu coração".

INQ1 Que giro!

INF E era assim que eram as nossas cantigas.

INQ2 Então, mas se a arrúdia cheirava mal, era um...

INF E depois a gente na arrúdia, púnhamos também... Fazíamos umas cruzinhas à arrúdia em cima do fogo.

INQ2 Ah!

INF E {PH|ɛdi'pojɜ=depois} disso sobravam uns bocadinhos e {PH|ɛdi'pojɜ=depois} metíamos na limieira da porta.

INQ2 Ah!

INF Aquilo que era para mor dos ares maus. Pois. E metíamos, {IP|'tavɛ=estava} lá. Aquilo durava lá dois ou três anos. Até dum ano até outro, [AB|aquelas] aquelas arrúdias lá, e metíamos aquelas arrúdias lá. Isso era tudo coisas da minha mãe, que Deus tem!

INQ1 Pois, pois.

INQ2 Que era para afugentar as bruxas?

INF Pois, era por mor das bruxas.

INQ1 As coisas más!

INF Das coisas más, daqueles às vezes...

INQ2 Das coisas más.

INF E depois ia lá: "Lá fumo lá para casa que é para desinfectar a casa"!

INQ1 Pois, pois.

INF E desinfectava com aquilo, com a arrúdia, com o rosmano branco, [AB|com] com a {PH|pir'petɛ=perpétua}, desinfectava aquilo tudo. Pois.

INQ2 Pois.

INF Isso...

INQ2 Pois.

INF Hoje também {PH|'idɛ=ainda} pulam nas fogueiras em certos sítios.

INQ2 Sim?

INF Mas...

INQ2 Já não é a mesma coisa?

INQ1 Já não é a mesma coisa como era antigamente?

INF Pois, já não é. Já não é.

Código de identificação do ficheiro: LUZ39-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1B1507_08 faixa: 1B1508B min: 10:52-11:49	
Inquiridor2: Luísa Segura	
Assunto: Produtos não cultivados utilizados na alimentação	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 16	
Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Nov.04	

INQ1 E aqueles cogumelos que, que aparecem debaixo da terra e fazem assim uma bola e depois?...

INF [AB|Isso] Isso chamam-{PH|li=lhe} a bufa de velha.

INQ2 Pois.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Pois. Uma bufa de velha. Isso é {PH|'mujtɐ= muito} bom {CT|prɔ=para o} suor dos pés.

INQ2 Ai é?

INF É.

INQ1 Para quê?

INF {CT|prɔ=Para o} suor dos pés.

INQ1 Ah!

INF Fulano que sua muito dos pés, não é?

INQ1 Sim.

INF Que há pessoas que suam muito, que é uma desgraça!

INQ1 Pois.

INQ2 Pois.

INF E então vão onde é que está aquilo, 'emborneiam' aquilo ali com aquele pó, aquilo é em pó...

INQ1 Rhum-rhum.

INF Pois tem (vezes) que {IP|ta=está} [RP|{IP|ta=está}, {IP|ta=está}] em massa e depois vai indo, faz-se em pó.

INQ1 Rhum.

INF E quando se fazendo em pó, o fulano vai, tira aquele pó e mete para dentro das botas.

INQ2 Ah!

INF Anda ali um dia ou dois com aquilo e {PHlɛdi'pojɜ=depois} lava os pés, lava as botas, lava aquilo tudo, para aquilo se ir desinfectando, (depois) pronto! Anda já ali uma remessa de tempo sem suar dos pés.

INQ1 Ah!

INF Pois.

INQ1 Que giro! É um pó castanho?

INF É um pó castanho. Isso é um pó que não faz mal.

INQ1 Pois, pois.

INF Mas é que este... Há pós que a gente compra aí nessas farmácias, que é mesmo próprio por mor do suor, esse [ABlfaz mal à] faz mal à... Faz...

INQ1 Pois, pois.

INF Faz {PHlɛdi'pojɜ=depois} dor nas pernas, faz isso tudo. E aquele não.

Código de identificação do ficheiro: LUZ40-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Cloé Idade: 57	Sexo: Feminino Escolaridade: Analfabeta
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1507_08 faixa: 1B1508B min: 15:15-17:29	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Ervas, arbustos e flores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 17	
Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Nov.04	

INF1 {fp} Eu sei o nome destas flores, mas eu [AB]sei] não sei o nome [AB]o nome da á-] da coisa, da planta. É.

INQ Rhum-rhum.

INF1 Pois não. [AB]Isto] Isto é uma coisa que alastra muito {pp} no chão,

INQ2 É, sim senhora.

INQ1 Pois.

INF1 [AB]esta, esta] esta erva. Alastra muito. Como é que chamam (a isso)? [AB]Eu, eu sa-] Eu sabia o nome disto. Hoje, agora de repente, não me lembra o nome disto, mas quando vier, calhando para amanhã ou depois, {pp}

INQ2 Já se lembra.

INQ1 Já se lembra.

INF1 [AB]ponho, ponho] deito-me e fico pensando naquilo e lembro-me: a flor é, a flor é [RP]é]...

INQ2 Agarra e telefona para Lisboa a dizer.

INF1 A erva é esta. Pois. {pp} É{fp} daquelas ervas – pois é –, aquelas que aparecem ali [AB]no] no coiso (...). E tu vês também, vê lá se (te lembrás lá) do nome dela.

INQ2 Deixe-me lá mostrar.

INF1 Não te lembrás?

INF2 Olha, não.

INQ2 Veja lá se se lembra do nome dessa. Nasce aí nos matos também.

INF1 Pois, nasce nos matos, nasce aí [AB]n-] no terreno limpo, aí assim, {IP}ta=está} ali, que eu não me lembra o nome disso. Eu sempre sei o nome dela mas [AB]não] não sei bem o nome dela.

INQ1 Pois.

INF1 Pois.

INQ2 É da flor...

INF2 [AB]Isto] Isto é também pampoila, não é?

INQ2 É a pampoila?

INF1 Pois, é. [ABIÉ da] É daquelas ervas largas, grandes, que há no chão, que alastram muito.

INF2 É também pampoila mas é também do mato.

INQ2 Pois é.

INF1 (Então)...

INQ2 É. Mas esse mato tem um nome.

INF1 Tem um nome, tem. (Ele) /Eu\ é que não me lembra o nome, pronto.

INF2 É (sargacinha) /'sargocina\? Não é...

INF1 Não.

INQ2 Talvez, não?

INF1 Não é (sargacinha) /'sargocina\, não é.

INQ2 'Sargocina'?

INF1 Ah! Deixe lá ver.

INQ2 Vem aqui outra vez ao especialista. Veja lá se é 'sargocina'. Eu, por acaso, acho que já ouvi chamar 'sargocina' a isso.

INF2 Isso não parece (bem), parece... {pp} O mato parece, agora a {fp} flor.

INF1 [ABI Olhe] Olhe, [ABl isto é, é, é] isto é a 'sargocina'.

INQ2 Pronto.

INF1 É a 'sargocina'.

INQ1 Não tem número? Não.

INF1 É.

INQ2 É a cor-de-rosa.

INF2 O mato, o mato parece, [ABl agora] agora a flor é que é um bocadinho diferente!

INF1 [ABI Isto é, isto é] Isto é a 'sargocina'.

INF2 Vou-me lá calar.

INF1 Pois, (é que) [ABla 'sargocina', a 'sargocina', a sar-] a 'sargocina' dá uma florinha, dá...

INQ2 Pode falar.

INF1 Dá esta florinha assim. É 'sargocina', é. Cria [ABlaque] aquelas coisas. {pp} [ABl até aquilo] A gente até [ABl quando] quando a gente éramos mais novos, sabe o que é que a gente fazia? Fazíamos disto?

INQ1 Diga.

INF1 Fazíamos tabaco para fumar.

INQ1 Ah!

INQ2 De quê? Da, da folha?

INF1 [ABI Da] Da 'sargocina'. {pp} Pois.

INQ2 Que engraçado!

INF1 Sim senhora. {pp} Isto cria estas {RClfo=folhas}, [ABlesta] esta rama por baixo, a rama {IPl'tavæ=estava} seca, a gente pegava ali, fazíamos assim, {PHl'z mige'l'avemuzæ=esmigalhávamo-la} muito bem, enrolávamos numa folha de papel e toca a fumar aquilo.

INQ2 E era bom? Sabia bem?

INF1 Era bom!

INQ1 Sabia?

INF1 Pronto, era 'sargocina'.

Código de identificação do ficheiro: LUZ41-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1B1507_08 faixa: 1B1508B min: 22:59-25:17	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Ervas, arbustos e flores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 18	
Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Abr.05	

INF A 'mongoriça' é rasteirinha também

INQ1 Sim.

INF e cria também assim umas pernas e dá umas bagas. {pp} Esta não dará bagas?

INQ2 Não. Acho que não.

INF Então não é. Pois. Não.

INQ1 Rhum-rhum.

INQ2 Deve ser a urze.

INF [AB|Só, só] Só esta aqui é a {PH|urzø=urze}.

INQ1 Pronto.

INF [AB|A urz-] A {PH|urzø=urze} vermelha.

INQ2 Olhe e veja lá esta. Esta tem uns bicos, assim umas coisas que picam muito, que se usava para chauscar os porcos.

INF {fp} Isto é que é a carqueija?

INQ1 Não.

INF É o tojo-{PH|muløj'rinu=moleirinho}?

INQ1 É.

INQ2 É. Deve ser.

INF Este é que é o tojo-{PH|muløj'rinu=moleirinho} que se apanhava noutra tempo para fazer 'asilho'

{CT|praç|=para as} sacas de empreita.

INQ1 Exactamente.

INQ2 Rhum-rhum.

INF Pois, é este mesmo.

INQ1 Tojo-moleirinho?

INF Tojo-{PH|muløj'rinu=moleirinho}.

INQ1 Que é aquele mais macio?

INF É.

INQ1 E o outro?

INF O outro é o tal tojo-pargo.

INQ1 Tojo?

INF Tojo-gatuno. {pp} {PH|nẽ=Não} é tojo-pargo, é tojo-gatuno. Tojo-pargo é outro.

INQ1 Então como é que é o tojo-pargo?

INQ2 São três qualidades?

INF Pois. [ABIHá tojo] Há tojo-{PH|mulɛj¹rinu=moleirinho} {pp} e há o [AB|tojo] tojo-gatuno e...

INQ1 O tojo-gatuno é aquele que arranha mais?

INF É um [RPlum] que se parece (...) com uns (.../N), aí, [AB|umas ma-] umas manchas de mato, aí, como umas moitas de mato (...).

INQ1 É. Estava ali assim agora aqui assim, em baixo, ao fim, ali onde eu arrumei o carro...

INF Pois.

INQ1 Estava ali tojo que eu acho que é desse.

INF Pois. E há...

INQ1 E há o outro que é o tojo-pargo.

INF É o tojo-pargo. O tojo-pargo até tem uns espigos muito bons, que até fazem salada daquilo.

INQ2 Rhum!

INQ1 Ah!

INF (O) tojo-pargo.

INQ1 Ah, pois estou a ver.

INQ2 Ah!

INF Tojo-pargo.

INQ2 Que é amargo?

INF Hum?

INQ2 É amargo?

INF Não. É doce.

INQ2 Ah!

INF E apanham espigos daquilo e comem. E come-se. [AB|IO tojo, o tojo] O tojo-pargo. {pp} Pois.

INQ2 Rhum!

INF Há três qualidades de tojo.

INQ2 Estou a ver.

INF Olhe, e {PH|¹ide=ainda} {IP|ta=está} também o tojo-coelheiro.

INQ1 Também?

INF (É) que o tojo-coelheiro é um tojo {pp} rasteirinho – hum? –, rasteirinho. É{fp} rasteirinho {pp} e com muitos bicos.

INQ1 Rhum.

INF Pois. O tojo-coelheiro.

INQ2 Piga... Pica muito, é?

INF Oh! Pica muito?! Pica muito!

INQ1 Portanto, o tojo-gatuno é maior?

INF O tojo-gatuno é grande.

INQ2 É.

INF Pois. {pp} É muito grande. O tojo-gatuno é muito grande. [AB|Isso] Então isso{fp} dá mesmo varas grossas, mesmo da grossura daquela. Aquela que {IP|ta=está} além para o lado da minha patroa,

INQ2 Pois, pois.

INF dá varas {PH|kuma'kilu=como aquilo} e dá varas mais grossas. Aquilo torna-se [AB|um, uma, uma, uma] uma moita grande.

INQ2 Pois.

INF Pois. Esse tojo-gatuno. {pp} Pois.

Código de identificação do ficheiro: LUZ42-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1B1507_08 faixa: 1B1508B min: 28:19-30:01	Inquiridor2:
Assunto: As árvores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 19	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Abr.05

INQ1 Olhe, isto é uma, é uma coisa que até costumam usar para, para enxertar pereira?

INF (Para isto)...

INQ1 Usam em bravo, ela assim está brava. Também usam para os jardins e isso. Mas depois com e-, com esta planta podem enxertar uma pereira em cima disso.

INF Mas isto é o pereiro bravo. Não é o 'carrapiteiro'.

INQ1 Não?

INF Não é o 'piroliteiro'.

INQ1 Como?

INF O 'piroliteiro'.

INQ1 Sim?

INF Será o 'piroliteiro'?

INQ1 Mas o 'carrapiteiro' é o mesmo que o 'piroliteiro'?

INF Não. O 'piroliteiro' é um e o 'carrapiteiro' é outro. Isto é que serve para enxertar.

INQ1 Exactamente.

INF O 'carrapiteiro'. Será isto o 'carrapiteiro'... [ABIEste] Mas as florinhas...

INQ1 Não são bem assim?

INQ2 Não.

INF Não. As florinhas do 'carrapiteiro' não são bem assim. {pp} Mas ele deve ser o 'carrapiteiro', já como é para enxertar...

INQ1 Sim.

INF É o 'carrapiteiro'. Não é o 'carrapiteiro'! É o pereiro bravo! {pp} Pois.

INQ1 Olhe, e...

INF Pois. Isto é [RPlisto é]...

INQ1 E o 'piroliteiro'?

INF O 'piroliteiro', isso...

INQ1 Para que é que serve?

INF Às vezes também os enxertam. Enxertam-nos para dar romaneiras. {pp} Pois.

INQ1 Olha, escreve aí.

INF Pois. [ABlÉ o] A romaneira serve para enxertar o 'piroliteiro'.

INQ2 Ai é?

INF Pois. {pp} Conforme é a semente [ABldo] da planta, [ABlassim é a semente que] assim [ABlé a] é a árvore que tem que se {PHlli=lhe} (aplicar).

INQ1 Ah!

INF (Pois). Porque o [RPlo] 'piroliteiro' tem aquele carocinho pequenino, aquilo é uma espécie de baga, e a romã também tem baga.

INQ1 Pois.

INF Pois.

INQ1 E portanto é bom enxertar a romã naquele?

INF Pois, em 'piroliteiro'.

INQ2 Rhum-rhum.

INF Pois, é isso.

INQ1 E o 'piroliteiro' tem bicos?

INF Tem. Tem bicos, tem {fp}.

INQ1 E o 'carrapiteiro'?

INF O 'carrapiteiro' tem também. {pp} Pois.

INQ2 Pois.

Código de identificação do ficheiro: LUZ43-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1B1509 faixa: 1B1509A min: 27:26-28:44	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: As árvores	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 20	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Abr.05

INQ1 Há o vimeiro e há uma outra com que também é parecida. O salgueiro, não há para aqui?

INF Pois... O salgueiro? Então é o {PHI|ʃei'seru=ceiceiro}.

INQ1 É o?...

INF {PHI|ʃei'seru=Ceiceiro}.

INQ1 Acha que é o ceiceiro, é o salgueiro?

INF Pois. [ABI|há, há] Há aqui três qualidades de [RP|de] coiso.

INQ1 Então não é o vimeiro que é o ceiceiro?

INF Não. O vimeiro é uma coisa, o {PHI|ʃei'seru=ceiceiro} é outra e {IP|ta=está} o salgueiro que é outra.

INQ1 Rhum-rhum. E o chorão que é outra ainda?

INF E o chorão é outra.

INQ1 Portanto, há quatro?

INF Pois. Há quatro. (Mas) /Mais\ o chorão... Isso o chorão é uma coisa que {fp}... Parece-me que isso que não dá nada.

INQ1 Não?

INF Não. É o chorão. Cria aquelas grandes...

INQ1 Coisas. Aqueles grandes...

INF Para baixo. É uma árvore linda!

INQ1 É!

INQ2 É!

INF É uma árvore linda, é! Mas não dá nada.

INQ2 Não.

INF Não. Pois.

INQ1 Então e o ceiceiro?

INF O {PH|ʃei'seru=ceiceiro} só dá verga. {pp} Pois. O {fp} vimeiro só dá verga {pp} e o salgueiro também só dá verga.

INQ1 Mas acha que o ceiceiro é o mesmo que o salgueiro ou não?

INF Não. [AB|É o] Não é o mesmo porque é outra qualidade.

INQ1 Mas é muito parecido?

INF É... Não, {PH|'idɐ=ainda} é diferentezinho um bocadinho. Pois. {PH|'idɐ=Ainda} é diferentezinho um bocadinho.

INQ2 Rhum-rhum.

INF Mesmo [AB|na] na rama. A rama é quase parecida, pois, mas nota-se um bocadinho bom de diferença (...).

INQ1 Mas são os dois grandes?

INF São os dois grandes, muito grandes, tudo! [AB|Talvez o] Talvez o salgueiro seja maior [AB|que, que o] que o {PH|sɐi'seru=ceiceiro}, {pp} assim mais forte. [AB|Criam-se] Fazem-se mais fortes.

INQ1 Pois.

INQ2 Rhum-rhum.

Código de identificação do ficheiro: LUZ44-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1509 faixa: 1B1509B min: 02:48-03:39	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Os animais domésticos	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 21	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Abr.05

INF É um cão.

INQ1 E a fêmea?

INF A fêmea é uma cadela.

INQ1 E os pequeninos?

INF [ABISão, são] São canitas.

INQ1 Se forem fêmeas.

INF Se for uma fêmea, são canitas.

INQ2 Se for um macho?

INQ1 E se for um macho, é um?...

INF Se for um macho, é um canito.

INQ1 Pois.

INF E quando sendo grandes, são cadelas.

INQ1 Pois. E quando eles fazem ão-ãõ-ãõ, estão a?...

INF A ladrar.

INQ1 E quando lhes morre o dono, que eles?...

INF Uivam. Uivam por ele.

INQ1 Pois.

INQ2 "Olha, aquele cão está a"?...

INF A uivar pelo dono. Acha falta do dono. Pois.

INQ1 Pois.

INQ2 Pois.

INF Pois. É.

INQ1 E quando se lhe dá...

INF [ABIÉ, é o] É o mesmo que o meu aqui faz.

INQ1 Sim.

INF Esta manhã viu-me sair com a espingarda,

INQ2 Rhum!

INF o que ele se esganiçou e o que ele {PHloj'vo=uivou} ali e o que ele ladrou!

INQ1 Ah!

INQ2 Por causa de se ir embora.

INF Pois. Porque eu saí ali à 'socacha' dele para me ele não me ver, mas ele viu-me sempre.

INQ2 Olhe, e quando dão um pontapé num cão, ele começa a quê?...

INF Começa a ganir. Pois.

Código de identificação do ficheiro: LUZ45-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Cloé Idade: 57	Sexo: Feminino Escolaridade: Analfabeto
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1509 faixa: 1B1509B min: 05:10-08:04	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: Os animais bravios	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 22	
Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Abr.05	

INQ1 Isso ataca. Atacava os rebanhos das ovelhas.

INQ2 Isso é mesmo. Antigamente, aqui não devia haver.

INF1 Ah, este era o lobo.

INQ2 Não havia?

INF1 Havia. Oh, havia?! O lobo?! Oh! Sei uma história do lobo, mas...

INQ1 Então diga.

INF1 Mas ele ainda é grande! Pois, é grande?! É pequena. É pequena, que isto são coisas... [ABIE foram] E foram coisas que aconteceram.

INQ2 Pois.

INF1 Pois. Foi coisas que aconteceram.

INQ2 E então conte lá.

INF1 Pois. Havia um lavrador que tinha um criado. Pois.

INF2 É melhor desligar isso.

INF1 E então o criado [AB]lia deitar] todas as noites ia deitar [AB]lo galo] o gado [AB]{CT|prẽ=para a}] {CT|pra=para a} malhada. E então, haviam lá [AB]muitos] muitas galinhas lá em casa, lá [AB]no] no monte, e onde havia um galo que todos os dias, aquando ele ia pôr o gado {CT|pra=para a} malhada, o galo cantava. Pois. Cantava, cantava, cantava ali um belo pouco. Pois. Ele ia pôr o gado {CT|pa=para a} malhada, e ele vinha-se embora {CT|prõ=para o} monte. {pp} Pois. Outra noite ia pôr o gado {CT|pra=para a} malhada, o galo cantava. Até que o lavrador diz assim: "Ah! O galo faz senão cantar! Havemos de matar o filho da puta e {PH|ku'memuzu=comemo-lo} aí todos.

INQ2 Estás a ver?

INF1 Pois. Matar [AB]lo gado] o galo. {PH|ku'memuzu=Comemo-lo} aí e fazemos uma caldeirada com ele {CT|pra=para a} noite, à ceia". Bom, chegou à noite, diz ele: "Olha, criado, vai pôr as reses

{CT|pra=para a} malhada e anda que é {CT|pra=para a} gente comer o galo que temos aí {CT|pa=para a} nossa ceia". Ele foi pôr as reses {CT|pra=para a} malhada... {pp} Esperaram, esperaram, esperaram, esperaram, esperaram, esse dito boeiro {pp} nunca mais apareceu. {pp} Pois. Não apareceu. "Mas (assim) que é que seria feito do nosso boeiro que ele não apareceu"? Pois. {pp} Pois. Ficaram todos em cuidados. No outro dia de manhã vão à cata dele, foram-{PH||=lhe} encontrar [AB| umas botas, dentro] os pés dentro das botas. Mas o resto, não encontraram mais nada. E a roupa toda esfrangalhada. {pp} Pois. Um lobo! {pp} Comeu-o!

INQ2 Tchii!

INF1 Pois. Esse lobo [AB|comeu, comeu] comeu [AB|o{fp}] o criado.

INQ2 O boeiro.

INQ1 O criado.

INF1 O boeiro, pois. Sim senhora. {pp} Que dizem: "Galo que canta, bicho que espanta"!

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Pois. E pronto.

INQ1 Pois.

INF1 E ficou assim...

INQ2 E bicho que espanta como?

INF1 Naturalmente, [AB|o bicho espanta-se] o bicho espantava-se [AB|com{fp}] por mor da cantiga do galo! {pp}

INQ1 Pois.

INF1 Pois tinha que ser por mor da cantiga. Quando o galo cantava, o bicho que se espantava.

Espantava-se. É que aquilo durou muitas noites, o galo a cantar! Muitas noites, muitas noites! E na noite que {PH|lnø'tarẽwnu=mataram o} galo e ele foi levado, pois foi nessa noite [AB|que o homem]

INQ1 Que o homem...

INF1 [AB|que] que o bicho comeu o homem!

INQ1 Pois.

INF1 Pois.

INQ2 Rhã-rhã.

INF1 É isso aí.

INQ2 Portanto, é bom ter um galo que cante à noite ou nãõ? Ou é mau?

INF1 Pois. Não. Aquilo às vezes quando eles cantando à noite, aquilo quase sempre é [AB|'sinales', 'sinales'] 'sinales' ruins.

INQ1 Pois.

INF1 É. Quando um galo cantando de noite, aquilo é 'sinales' ruins.

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 Pois.

INQ2 Lá ao pé da nossa pensão, ali no do senhor Cleóbulo, todas estas noites cantava um galo, lembrás-te que eu até te disse?

INQ1 Sim.

INF2 Ah!

INQ1 Sim, sim.

INQ2 "Lá está o galo a cantar"!

INF1 [AB|Às vezes] Às vezes, os bichos [AB|(.../VB)] {PHlɛlɪ'vẽtẽw=levantam}... Às vezes até adivinham o tempo – que é sinal de esterilidades, dizem que é sinal de esterilidades – e coisas assim.

INQ2 Ah!

INQ1 Pois.

INF1 Pois. {pp} Sim senhora. Pronto!

Código de identificação do ficheiro: LUZ46-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1509 faixa: 1B1509B min: 17:34-18:31	Inquiridor2:
Assunto: Os animais domésticos	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 23	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Abr.05

INQ Olhe, e onde é que os coelhos se escondem?

INF Onde é que os coelhos se escondem?

INQ Sim.

INF Escondem-se nos buracos. {pp} Pois.

INQ Dá algum nome a esse buraco?

INF Não. [ABIÉ, é, é uma, é uma] É uma 'covilada'. {pp} Uma 'covilada'.

INQ E onde é que eles fazem a criação?

INF Fazem nas coelheiras. [ABI]Fazem na]

INQ Mesmo esses aí do, do monte? Daí do, do mato?

INF {fp} Pois. Do mato, fazem nas coelheiras. Vão aí nos matos ou quem diz no mato, ou vão em terreno limpo, fazem lá um buracote – não muito grande, um buraquito –, e lá vão 'deslanar' e lá {fp} {PHI'kriëwnu}=criam os} coelhinhos. Pois.

INQ Rhum-rhum.

INF Pois. E {PHI'edi'poj}=depois}, {pp} quando vão, {PHI'abrëjnjæ}=abrem a} porta, e quando saltam, tapam.

INQ Pois.

INF Fazem aquilo numa maneira que mal se conhece.

INQ Rhum-rhum.

INF Puxam umas 'folharascas', uns pastos, uma coisa qualquer, tapam aquilo tudo ali assim. Mas deixam sempre um buraquinho por cima para resfolgar,

INQ Para respirar.

INF {CTI'pɔ}=para os} filhinhos resfolgarem (quando) /que\ {IPItëw}=estão} lá dentro.

INQ Pois.

INF Pois.

INQ Que expertos!

Código de identificação do ficheiro: LUZ47-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1B1509 faixa: 1B1509B min: 19:33-20:55	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Os animais bravios	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 24	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Abr.05

INQ1 Qual é a diferença?

INF Pois.

INQ1 Qual é a diferença entre o veado e a corça?

INF O veado? O veado... [ABI|isto, isto era] Isto é o veado. O veado é este que cria os pauzinhos na cabeça, muitos galhos, é o veado.

INQ1 Olhe, aquele ainda tem mais galhos.

INQ2 Mas este ainda tem mais.

INF Agora 'desenfracear' aqui o veado da corça?!

INQ1 Mas qual é a diferença? É porque é macho e fêmea, ou não? Ou são dois bichos diferentes?

INF Não, são dois bichos diferentes. {pp} Pois. {pp}

INQ2 Mas só agora é que aparece ou?...

INF Não.

INQ2 Desde sempre havia aqui?

INF Não, não, não, não, não. Há coisa de... Pois... [ABI|Há coisa, apareceu] Já há aí uns anos, aparece.

INQ2 Rhum.

INF Pois. [ABI|É, é uma] É uma cabra brava. Pois. É uma cabra brava e então chamam [RP|chamam]...

Ou um veado. Isto é o veado. Veado. Isto é o veado. Não é a corça. Isto é o veado. {pp} Pois. [ABI|Isto é, isto] Esta aqui {PH|nã=não} é a mesma que (é) esta!

INQ2 Não.

INQ1 Não, não. Não é o mesmo não.

INF Pois. Então é esta que é a corça.

INQ2 Pois.

INF Pois. Esta é a corça e este é o veado.

INQ2 Pois.

INF Porque quando... [ABI|Cada] Cada ano que tem, cada esgalho que toma.

INQ2 Ai é?

INF Pois.

INQ2 Ah!

INF {IPIta=Está} a ver que esse que já é velho?

INQ2 Pois, este é velho!

INF E esta aqui, [ABlisto é] isto é uma corça.

INQ2 Pois.

INF Pois.

INQ2 Olhe, e estes?

INF Ai, isto é o javali. Ai que lindo javali!

Código de identificação do ficheiro: LUZ48-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1509 faixa: 1B1509B min: 21:05-22:10	
Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: As aves	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 25	
Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Abr.05	

INF Então e este {pp} é o pisco.

INQ1 Talvez.

INQ2 É. É o pisco, é.

INF É o pisco.

INQ2 A, D, duzentos e quarenta e dois.

INQ1 É o quê? Isto não é um, não é um animal destes. É um destes que voa. É o?... Portanto, um quê?

INF É um pisco.

INQ1 Mas estes animais que voam, como é que se chamam?

INF Que voam?

INQ1 Sim.

INF Este?

INQ2 Todos os animais que voam...

INQ1 Todos os animais.

INQ2 Pequeninos...

INF São aves. {pp} São aves de pena. Pois.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Os que voam, isso é tudo aves de pena.

INQ1 Rhum.

INF Mas contanto {pp} todos {PHI'teñu=tem o} seu nome.

INQ1 Pois.

INF Pois. {pp} Todos {PHI'teñu=tem o} seu nome, diferente uns dos outros.

INQ1 Olhe, e onde é que esses, esses fazem o, põem os ovos?

INF Estes? Põem no ninho. {pp} Fazem um ninho [AB|sobre o{fp}] sobre o terreno, um terreno,

INQ1 Rhum-rhum.

INF onde é que há umas barrocas, onde é que há uns pastozinhos, um magote de pastos e é lá que eles vão fazer o ninho.

INQ1 E os pequeninos, como é que chamam, os pequeninos desse, desses?

INF [ABIÉstes, estes, os pis-] Os pequeninos [ABIsão] são piscos.

INQ1 Dos outros todos? Quando a gente não sabe, vê ali ao longe um a voar, a gente não sabe bem o que é que é...

INF Ah! "Olha {pp}, além vem um pássaro"! {pp} Pois.

INQ1 E, portanto, os pequeninos dos pássaros são o quê?

INF Piscos. São passarinhos.

Código de identificação do ficheiro: LUZ49-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1B1509 faixa: 1B1509B min: 27:10-29:32	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: As aves	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 26	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Abr.05

INQ1 É aqueles que vão pôr os, os ninhos, os, os ovos nos, nos sítios dos outros.

INQ2 Dos outros.

INF Ah! Não, não, não, não, não, não.

INQ1 Não é?

INF Aquilo não é uma folosa!

INQ1 Aquilo é uma folosa?

INF Pois tem que ser uma folosa. {fp}

INQ1 Este? Ou este?

INF Este.

INQ1 Este é uma folosa?

INF Vão pôr ao {PH'l'ijnu=ninho} dos outros, é o cuco.

INQ2 Pois.

INF O cuco é que vai pôr os ovos nos {PH'l'ijnu3=ninhos} da folosa. E vai lá,

INQ1 Exactamente.

INF mama-{PH'li=lhe} os ovos da folosa e põe dos dele.

INQ1 Pronto.

INQ2 Ah!

INF É um pássaro tão desgraçado que nem sequer um {PH'l'ijnu=ninho} sabe fazer!

INQ1 Pois, exactamente. Exactamente.

INF Pois. Que é [RPlé] o que {IP'ita=está} aqui.

INQ2 Pois.

INF Mas, a folosa não é destas. As folosas são [RPlsão] pretas.

INQ2 Ah!

INF São de gorro preto.

INQ2 Pois.

INQ1 É de gorro preto.

INF É de gorro preto. As folosas são de gorro preto.

INQ2 Pois.

INF Assim de cabecinha de preta!

INQ1 Pois.

INQ2 Pois, pois.

INF Pois. Que eu [AB|já] já tenho encontrado aí... [AB|At-] Até uma vez, até encontrei um cuco...

Mas já há muitos anos. Era pequenito! Tinha os meus, talvez os meus quê?, os meus oito ou nove anos.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Andava guardando um rebanhito de porcos e uma vez fui {PH|o=ao} Vale da Serva – que é na parte do Vale de Feixe – e havia lá uma grande 'jardeira'. {pp} 'Jardeira' que é: chama a gente uma 'jardeira' é onde lá dá muita carqueija.

INQ2 Rhum-rhum.

INQ1 Ai, 'jardeira' é um sítio com muita carqueija?

INF Com muita carqueija. Isso era uma 'jardeira'. Pois. Assim, uma chapada muito grande, toda tapada em carqueija, era uma 'jardeira'. E eu {PH|p'e=si=passsei} por lá, {pp} [AB|parece-me] – não sei que é que eu fui para lá fazer, passei – e onde {PH|kō'tri=encontrei} um {PH|'liju=ninho} de folosa com um cuco dentro.

INQ2 Rhum.

INQ1 Rhã!

INF E eu pego nesse dito cuco – o cuco {IP|'tavø=estava} já assim grandote –, pego no desse dito cuco e {PH|'trusju=trouxe-o}. E tratava dele: dava-lhe {PH|feg'e'notu|=gafanhotos} {pp} e tratava do bichinho. Mas nunca {PH|li=lhe} fiz foi uma gaiola, se {PH|li=lhe} tenho feito uma gaiola, (ele) /em\ calhando,

INQ2 Ele ficava.

INF não sei se eu não o possuiria {PH|'idø=ainda} hoje, [AB|mesmo (...)] só se ele tivesse morrido de velho.

INQ2 Pois.

INF Pois. Mas eu depois tinha um casaco de cotim – que era o que se usava, aqueles casacos de cotim –, e guardava o cuco na algibeira do casaco. {pp} Pois. Guardava o cuco na algibeira do casaco. E {PH|ædi'pojz=depois} vinha com os porcos à frente, um sítio que {PH|li=lhe} {PH|'femēwnø=chamam a} Eira do Machado, por aí afora, e aquilo havia muito seixo. E eu pegava nos seixos e jogava aquilo, ia faiscando muito fogo.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Os seixos batiam uns nos outros e faiscavam fogo. E eu gostava de ver aquilo, {CT|nø=não é}?

Pois. Os porcos à frente e eu atrás, faiscando os seixos, onde (me) salta o cuco da algibeira

{CT|pɾo=para o} chão, e ponho-{PH|li=lhe} o pé em cima, matei o cuco.

INQ2 Eh! Que tristeza!

INF Ai, que fiquei tanto... Fiquei tão [RP]tão, tão, tão, tão] aborrecido, tão descontente, com aquilo que ninguém queira saber!

INQ2 Pois.

INQ1 Claro.

INF Pois. E matei o bichinho, pronto! Acabou-se o cuco!

INQ1 Que pena!

INQ2 Que pena!

INF É verdade.

Código de identificação do ficheiro: LUZ50-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1B1509 faixa: 1B1509 min: 30:32-31:08	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: As aves	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 27	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Mai.05

INF Pois. Isto é a 'aventoinha'.

INQ1 Qual era a outra?...

INF [AB|É] É isto. Mas (a gente) este aqui é o carriço.

INQ1 Ai esse aí é o carriço?

INF É. Então, [AB|este]

INQ2 Dois.

INF este não é o mesmo que é aquele, pois não?

INQ1 É.

INF É?

INQ2 É.

INQ1 Mas é desenhado por dois diferentes.

INF {IP|per=Espere} aí. {IP|per=Espere} aí, deixe lá {IP|tari=estar}. {pp} Pois, se ele faz o

{PH|'lijnu=ninho} no meio das ervazinhas, isso [AB|é a a-] é a 'aventoinha'.

INQ1 Mas o q-... Qual é a diferença do carriço?

INF O carriço faz o {PH|'lijnu=ninho} na barroca.

INQ1 Rhã!

INF Faz um {PH|'lijnu=ninho} assim – hum? –, para baixo, só com uma boquinha assim e é por ali que ele entra.

INQ1 Mas na barroca?

INF Na barroca.

INQ1 Portanto, aqui, podia fazer aqui?

INF Pois podia fazer aí, debaixo dessas coisas aí, fazia aí ou naquele buraco além.

INQ2 Pois.

Código de identificação do ficheiro: LUZ51-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1B1510_11 faixa: 1B1510A min: 00:47-01:58	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: As aves	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 28	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Mai.05

INQ Como é que o senhor distingue um carriço duma 'aventoinha'? Isso aí é a?... Como é que diz?

INF Vê? Como é que se {fp}?... O carriço? Então o carriço é {fp}...

INQ Como é que eu distingo o carriço da 'aventoinha'?

INF É na cor.

INQ A cor qual é? A cor do carriço?

INF A cor do carriço...

INQ É mais escura ou mais clara?

INF [AB|A ca-] A cor do carriço é escura.

INQ Ah!

INF É castanhito.

INQ Sim.

INF Pois. E a 'aventoinha' é [AB|mais {fp}, mais] mais clara.

INQ E os ninhos é diferente o sítio onde?...

INF [AB|Os ninhos] Os ninhos são diferentes. Os ninhos são diferentes porque...

INQ Um faz no meio das palhinhas, não é?

INF Pois, [AB|o, o a av-] a 'aventoinha'. A 'aventoinha' [AB|faz] faz o {PH|'lĵnu=ninho} {pp} nas palhinhas. Pois. {pp}

INQ Enquanto o carriço faz nas...

INF Assim. Faz aquilo, faz ali assim um grande teação e faz ali o ninho, até {PH|e'zĵtu=junto} às pezeiras de trigo, {PH|e'zĵtu=junto} àquelas, umas ervas – {PH|nẽ=não} me lembro o nome das ervas como é que é, e é umas ervas que dão um espigo grande –, e então vai ali, junto àquilo ali, faz ali aquilo assim e faz lá o {PH|'lĵnu=ninho}. Que a gente às vezes (.../VB) nós as ervas e, quando ceifámos, encontrámos aquilo e até cortámos assim mais alto um bocadinho, para ele ficar por baixo.

INQ2 Para deixar, pois.

INF Pois. E o carriço é nas barrocas. Faz o ninho nas barrocas. Que é também castanhito, tem um bico comprido...

INQ2 Rhum!

INQ1 Tens que escrever aí que faz o ninho nas barrocas.

INF Pois. O carriço tem um bico comprido. {pp}

INQ1 Rhum-rhum.

INF Compridinho. À vista destes pássaros, tem muito mais... É um bico muito mais comprido que isto. Pois.

Código de identificação do ficheiro: LUZ52-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1510_11 faixa: 1B1510A min: 06:03-06:48	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: As aves	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 29	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Mai.05

INQ1 Ontem estávamos a ouvir um e o senhor disse: "Ai, deve ser um"...

INF Ai, isto é o gaio. {pp} Isto é o gaio.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Este é o [RPlo] 'peto-cavalo'.

INQ1 É o que?...

INQ2 'Peto-cavalo'?

INF 'Peto-cavalo'.

INQ1 Anda sempre a furar as árvores?

INF Sim senhor. {pp} É muito atrepadeiro.

INQ2 É sim senhor. E o que come as abelhas?

INF Come as abelhas? Abelharuca. A 'bilharó'.

INQ2 'Abelharó'?

INQ1 É esse?

INF 'Bilharó'.

INQ2 Como?

INF 'Bilharó'.

INQ2 É o nome mais antigo?

INF Pois é. 'Bilharó'.

INQ2 E é uma? Uma 'bilharó'?

INF É uma 'bilharó'. Sendem duas, são duas 'bilharoses'.

INQ1 Sim senhor.

INF 'Bilharoses'. Sendem três, são três 'bilharoses'. {pp} E agora aqui temos a poupa.

Código de identificação do ficheiro: LUZ53-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1510_11 faixa: 1B1510A min: 23:45-24:38	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: As aves; os insectos e outros invertebrados	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 30	
Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Mai.05	

INQ1 Olhe, e uns que acendem uma luzinha, à noite, vê-se aquela?...

INF Chama-se um luz-em-cu.

INQ2 Um?...

INF Um luz-em-cu.

INQ2 Olhe, e voa ou está parado?

INF Chamam-{PHli=lhe} um luz-em-cu {pp} e outros chamam-{PHli=lhe} um

{PH|piru'lêpu=pirilampo}, mas o nome é um luz-em-cu.

INQ1 Pois.

INF Pois.

INQ2 E voa ou está parado?

INF Voa. {pp} Pois. Avoa. O luz-em-cu voa {pp} e o {PH|piru'lêpu=pirilampo} [ABln-] não avoa.

INQ1 Rhum. Está parado.

INQ2 Pois é.

INF {IP|ta=Está} parado. {pp} Pois.

INQ1 Este já disse que era o tal?...

INF [AB|A tal, a tal] O 'zeiteiro'.

INQ2 Olhe, estas que vão ao açúcar aqui?

INF Estas são formigas e...

INQ2 E aquelas que têm asas?

INF São formigas-de-asa.

INQ2 Nunca lhe chamam outra coisa?

INF Não. Formigas-de-asa e formiga-de-asa. E isto é a tal...

INQ1 É uma que põe assim as mãos?

INF Uma 'lobinha'... São as 'lobinhas-a-deus'.

INQ1 Sim senhor.

INF É uma 'lobinha-a-deus' e sendem duas são duas 'lobinhas-a-deus'.

Código de identificação do ficheiro: LUZ54-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cloé Idade: 57	Sexo: Feminino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura CD nº: 1B1510_11 faixa: 1B1510B min: 00:53-03:20	Inquiridor2:
Assunto: Panificação	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 31	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Mai.05

INF Vá lá ver.

INQ O... Para o pão? Tem a farinha?

INF Pois.

INQ E o que é que lhe faz?

INF Peneira-se a farinha {pp} para dentro dum alguidar de barro {pp}... E {PH|ɛdi'pojɜ=depois}, de vésperas, faz-se o fermento...

INQ Com quê?

INF [AB|Anti-] Antigamente fazia-se assim... Faz-se o fermento com a lêveda que a gente deixa do outro fermento [AB|logo em] logo do outro pão... A gente faz o fermentinho, põe ali no meio da farinha, tapa com o panal e com {pp} uma mantinha por cima. De manhã, {IP|ta=está} todo arrochinadinho, crescido, azedo. A gente vai, aquece a água, amassamos, vamos amassando, amassando, amassando [AB|com] logo com o sal temperado ali na água, com água morna... Vamos amassando, amassando, até fazer aquelas empolinhas, aquelas empolinhas, aquelas pastas, até a gente ver que {IP|ta=está} bom. Quando a gente vendo que {IP|ta=está} bom, a gente deixa, fazemos [AB|as] as pastas {pp} assim... Fazemos uma pasta para aqui, outra para além, assim. (Ficamos), fazemos- {PH|li=lhe} a cruzinha e {fp} pusemos- {PH|li=lhe} uma farinhita por cima. Metemos- {PH|li=lhe} um sinalinho, {pp} [AB|e] e tapamos ali, esperamos [AB|até che-] até tapar, até chegar àquele sinal. Quando chegando àquele sinal, a gente vai acender o forno, mete lenha dentro do forno, acende o forno. Quando o forno {IP|'tẽdu=estando} mais ou menos capaz, a gente vai tender esse panito. Tendemos ali na pá de tender, tiramos ali uns bocados de massa, tendemos [AB|ali na] ali na pá, ali na pá de tender. Tendemos, pusemos no tabuleiro, nas casinhas que a gente faz ali assim, e depois, quando acabando de {fp} tender, pusemos uma farinhita por cima – que chama-se a finta, que a gente vai pôr por cima do pão, aquela farinhita. Que, depois, essa farinha que a gente põe por cima do pão, [AB|quando a gente vai] quando a gente sabe que o pão que {IP|ta=está} capaz de ir {CT|pɔ=para o}

forno, é quando é que o pão abriu umas rachadelinhas por cima, nessa farinha. Abre umas rachadelinhas, {IP|ta=está} capaz de ir {CT|pɔ=para o} forno. Depois quando a gente vendo que o pão que {IP|ta=está} capaz, vamos ver se o forno {IP|ta=está} capaz. Se o forno {IP|ti'ver=estiver} {PH|'idɛ=ainda} escuro, metemos mais uma lenhita no... {pp} Se o pão [AB|{IP|ti'ver=estiver}] não {IP|ti'ver=estiver} {PH|'idɛ=ainda} bem capaz, metemos mais uma lenhita no forno para empatar.

INQ Rhum.

INF Se o forno {IP|ti'ver=estiver} já capaz, {pp} a gente põe o panito no forno. Pomos o panito no forno, (...) à porta do forno, [AB|passamos] barramos o forno, prantamos o panito, {pp} e {PH|ɔdi'pojz=depois} é tirar e levar para casa. Pronto! Ficamos com uma cozedurinha para oito dias.

INQ Pois.

Código de identificação do ficheiro: LUZ55-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1B1510_11 faixa: 1B1510B min: 12:32-17:11	
Inquiridor2: Luísa Segura	
Assunto: A farinha: moinho e panificação	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 32	
Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Mai.05	

INF1 Mas {pp} vamos à parte do moinho.

INQ1 Sim.

INQ2 Conte lá.

INF1 Pois.

INQ1 Portanto, depois o rod-, o rodízio tinha assim umas coisinhas, assim todas à volta, que chamava o quê?

INF1 Tem. Tem, tem. [AB|{PH|'tjɲẽwnu=Tinham o}] {PH|'tjɲẽwnu=Tinham o} rodízio.

INQ1 O rodízio era...

INF1 Era o rodízio mesmo. Aquilo era...

INQ1 Chamava-se tudo o rodízio?

INF1 Era tudo o rodízio do moinho. E depois [AB|lum, o{fp}] o rodízio tinha [RP|tinha] um veio. Pois, tinha o veio [AB|do] do moinho que vinha a dar por cima [AB|no] nas 'moses'.

INQ1 Pois.

INF1 Pois. [AB|Na, na] Nas 'moses'. E nas 'moses', {PH|ɛdi'poj}=depois}, tinha então os taipais. Tinha os tais taipais à frente da roda [AB|das, da] das 'moses' e então tinha a alavanca. Pois.

INQ1 Que era para subir mais ou descer mais.

INF1 [AB|Ti-] Tinha a alavanca que era para subir mais ou descer mais. Pois.

INQ1 Para moer mais grosso ou moer mais fino, não é?

INF1 Pois. Era isso. [AB|Isso, para, para] Sim, para fazer farinha mais miúda ou mais grossa, conforme (quiser) /quiserem\ . Às vezes, aquilo, também baixavam mais e {PH|ɛlivẽ'tavẽw=levantavam} mais e era assim.

INQ1 Pois.

INF1 E {PH|ɛdi'pojz=depois} o moinho tinha... [AB|Depois tinha essa]

INQ2 Onde punha o grão?

INF1 Pois, [AB|tinha, tinha, tinha, tinha] tinha a tolda para correr para dentro do coiso, [AB|do, do] {pp} para dentro das 'moses'. Pois.

INQ1 *A tolda era onde se punha o grão, não era?*

INF1 Era onde se punha o grão e {PH|edi'poj]=depois} corria para dentro das 'moses'.

INQ1 *E depois tinha assim uma coisinha assim inclinada que, que deixava escorrer o, o, o trigo, não é?*

INF1 Depois tinha...

INQ1 *Da tolda saía assim uma coisinha, um...*

INF1 [AB|Tinha] Como é que chama?

INQ1 *Um caninho que saía dali.*

INF1 Ai, como é que chamavam àquilo? {pp}

INQ1 *A calha ou?... Não?*

INF1 Muletas. Muleta. Era a muleta. Chamava-se a muleta que era aquela coisa torta

INQ1 *Que ia batendo na mó?*

INF1 que ia batendo na mó. Era a muleta. Pois.

INQ1 *Já sei.*

INF1 Era (...) {CT|pu=para o} trigo correr.

INQ2 *Rhum-rhum.*

INQ1 *Pois.*

INF1 Pois. E {PH|edi'pojz=depois} a outra parte é que tinha... [Ruído de motor] Aí vão mais!

INQ1 *E depois... Tchii! Mais?*

INF1 Porra! {pp} Andam para aí carregados de zorras, com certeza. [Risos] Tinha a muleta.

INF2 *Era o Clódio?*

INF1 Hã? Era. Tinha a muleta – essa coisa chamavam-{PH|i=lhe} a muleta [AB|de] daquela coisa –, e o que é... {fp} E tinha [RP|tinha] depois [AB|para] para picar as mós tinha então as cunhas – havia umas cunhas, chamavam-{PH|i=lhe} cunhas mesmo, cunhas – [AB|para]

INQ1 *Pois.*

INF1 {PH|elivẽ'tavẽwne=levantavam a} mó, para picar a mó, tinha uma picadeira, pois. Pois. [AB|E tinham]

INQ1 *Olhe lá, e a farinha corria para onde?*

INF1 A farinha corria à beirada das 'moses'. Da mó de baixo.

INQ1 *E caía para onde?*

INF1 Caía para cima [AB|dum, d-] do 'trado', do 'trado' do moinho.

INQ1 *O que é o 'trado'?*

INF1 O 'trado'... Oh, o 'trado'?! O estrado, vamos, o estrado.

INQ1 *Ah, o estrado do moinho.*

INF1 Pois, vamos {PH|o=ao} estrado do moinho. É o estrado do moinho.

INQ1 *Sim, sim, sim.*

INF1 Corria para o estrado do moinho.

INQ1 Rhum-rhum.

INF1 E {PH|ɛdi'pojɓ=depois}, como corria para o estrado do moinho, aquilo ia ali ajuntando e {PH|ɛdi'pojɓ=depois} vinham ali com a palheta {pp} e apanhavam e metiam para dentro dum saco.

INQ1 E ag-... Olhe e o...

INF1 E o trigo, hum?

INQ1 Diga, diga.

INF1 Tinha uma alcofa muito grande, {pp} pois, uma alcofa grande, e punham-se então... Ali {PH|ɔ=ao} pé dessa alcofa, tinham um joeiro {pp} e {PH|jue'ravẽwnu=joeiravam o} trigo. Pois. {PH|jue'ravẽwnu=Joeiravam o} trigo para dentro [AB|dum] dum coisa que tinham ali, o feitio de...

Pronto! Vamos ver, aquilo era o feitio de...

INQ1 Uma travessa ou assim. Uma...

INF1 [AB|Uma] Uma espécie dum caixa.

INQ1 Ah!

INF1 [AB|Espé-] Espécie dum joeiro, mas [AB|sem] sem nada.

INQ1 Sem buracos?

INF1 Pois, sem buracos. [AB|Que era] Que era para outar o trigo. Era outado.

INQ1 Para?

INF1 Outado.

INQ1 Outar?

INF1 Pois, outar o trigo. Pois.

INQ1 O que é outar?

INF1 Outar era...

INQ1 Limpar?

INF1 Pois.

INQ1 Faziam assim?...

INF1 Faziam assim.

INQ1 Que era para tirar as impurezas, era?

INF1 Para tirar as impurezas, os seixos e as pedras e as ervilhacas... As pedras [AB|e] e aqueles {PH|kɛ'zujɓ=casulos} e as ervilhacas

INQ1 ...

INF1 vinham ficando tudo atrás, e com o joeiro era para joeirar.

INQ1 Pois.

INF1 Pois. E aquilo era para outar. Chamava-se outar.

INQ1 E era com uma bandeja? Com uma espécie dum bandeja?

INF1 Era espécie dum bandeja mesmo, (...) espécie dum bandeja, uma coisa assim redonda assim...

INQ1 Redonda e larga?

INF1 Assim.

INQ1 Pois.

INF Assim. Esta parte aqui {pp} não tinha nada.

INQ2 Exacto.

INF Pronto, aqui para trás é que tinha e tinha assim um rebolozinho, {pp}

INQ1 Pois.

INF em volta, {CT|pɔ=para o} trigo não sair dali. E era que isso era outar. Outavam-no...

{PH|ɛdi'pojɜ=Depois} de o trigo [AB|{IP|tar=estar}] {IP|tar=estar} outado, portanto, numa alcofa, iam

{PH|ɛdi'pojɜ=depois} buscar água {pp} [AB|num] num regador [AB|lou]. Pois, aquilo era quase sempre tinham era um regadorzinho, um regadorzinho muito fininho, a cabeça muito fininha, da cabeça

do regador. {pp} Pegavam no trigo, {pp} davam-{PH|li=lhe} uns borrifozinhos de água por cima. Pois.

Davam-{PH|li=lhe} esse borrifozinho de água [AB|le] e mexiam-no {pp} todo muito bem.

{IP|'tavɛ=Estava} ali um bocadito, {IP|'tavɛ=estava} ali um bocado, pegavam nele e metiam debaixo

das 'moses', que era assim que ele [AB|fazia] fazia as boas farinhas. Quando o trigo fosse muito

molhado, a farinha era mais ruim; e quando fosse a farinha menos molhada, que a farinha {PH|nẽ=não}

{IP|ti'ves=estivesse} muito molhada, isso fazia um pão que era uma beleza!

Código de identificação do ficheiro: LUZ56-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Cirilo Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade: Analfabeto
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1B1510_11 faixa: 1B1510B min: 17:42-19:11	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Moinho	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 33	Data da primeira transcrição: Mai.04 Data da revisão final: Mai.05

INF (Aqui) {IP|ta=está} [AB|o moinho] o moinho de vento {pp} que [AB|já, já] já é outra coisa.

INQ Pois.

INF Tem a roda volante, tem o sarilho {pp}

INQ Para fazer andar de volta.

INF para puxar, {pp} para puxar o moinho [AB|quando] para onde é que faz vento, para [AB|onde é que] onde é [AB|para] para fora do vento, para o vento. Já tem isso tudo. Já tem o sarilho, já tem as cordas, já {PH|'tẽjɨɳɜ=tem as} rodas lá por cima.

INQ Pois.

INF E [AB|já tem] já tem a roda de entrosga. Já tem o carroto.

INQ2 Sabe tudo.

INQ1 Mas a roda de en-...

INF Já tem o veio. Pois.

INQ1 Mas o de, o de água também tinha a entrosga, não tinha? A roda de entrosga?

INF Não.

INQ1 Ai não?

INF Não. O de água não tem roda de entrosga.

INQ1 É logo directamente à mó? Vai logo o veio à mó?

INF Pois, [AB|vai logo] vai logo de baixo acima à mó.

INQ1 Sabe como é que se chamava aquela coisa que estava na mó, onde, onde enfiava o veio? Que era assim uma coisa de metal, de ferro?

INF {PH|e=Eu} sabia o nome, mas {PH|nẽ=não} me lembra, o nome disso.

INQ1 Será a segurelha?

INF Hã? Segurelha?

INQ2 Segurelha? Sobrelha?

INF Não. {fp} É um nome assim parecido, mas não me lembra o nome.

INQ2 Não sabe?

INQ1 Pronto.

INF Tenho {IP|'tadu=estado} a pensar nisso, mas não me lembra o nome.

INQ2 Pois, pois, pois, pois.

INF Pois, mas era assim. {PH|ɛdĩ|pojz=Depois} aquilo [AB|o, essa] essa tal coisa...

INQ1 Pois, a roda de entrosga e o, o carroto.

INF E até tinha a alavanca.

INQ1 A alavanca.

INF Tinha a alavanca [AB|para] para baixar [AB|a{fp}] a mó e levantar.

INQ1 Pois.

INF Pois, (aquilo) /que ele\ tinha ali a alavanca, tinha a cunha, [AB|pu-] punham um pé em cima, metiam mais, metiam menos, punham mais e era assim. Pois.

INQ2 Sabe se se dava algum nome diferente a cada uma das mós? À de baixo e à de cima?

INF Não. Era a mó de baixo, mó de cima. Pois.

INQ1 Pois.

INF Esta é a mó de baixo e aquela é mó de cima. Era só a diferença que havia era isso.

INQ1 Rhum-rhum.

INF Pois, quanto {PH|ɔ=ao} resto mais nada. Pois. Era o que havia.

Código de identificação do ficheiro: LUZ57-C	
Localidade: Vale Chaim de Baixo Distrito: Beja	Concelho: Odemira Data: Jan.95
Informante1: Clóvis Idade: 66	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Corina Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino CD nº: 1B1510_11 faixa: 1B1511A min: 14:54-16:15	Inquiridor2: Luísa Segura
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 26B faixa: 34	Data da primeira transcrição: Jun.04 Data da revisão final: Mai.05

INF1 Onde aprendi era capaz de não dar... [ABlnão da-] Não davam os mesmos nomes que davam aqui. Aprendi na serra de Santo António. Não sei se as senhoras sabem onde é...

INQ1 Serra de... Ao pé de Mira de Aire?

INQ2 Que é aonde?

INF1 Sim senhor.

INF2 {PHlɔ= Ao} pé {fp} de Mira de Aire.

INF1 Aí é que aprendi.

INQ1 Aí é que aprendeu a tecer?

INF1 Sim senhor.

INQ1 Mas o senhor não é de lá, ou é?

INF1 Não, não.

INF2 Não, é daqui.

INF1 Fui aí por aí acima correndo mundo, fui [ABl{CTlpra=para a}] {CTlpa=para a} vindima [ABl(de)] e fui {CTlpro=para o} varejo. Lá havia muita azeitona. E {PHlodi^lpojɜ=depois} lá o patrão mesmo onde é que eu trabalhava – ele até fazia teares – e o genro dele tinha lá uns poucos de empregados.

INQ1 Pois.

INF1 Depois deu-me ele em dizer: "Se quiser, a gente ensina-o"! E {PHlodi^lpojɜ=depois} até ele, [ABln-] num sentido, {PHl^lɔɛ=ainda} me enganou, porque não valia a pena. Disse-me assim: "Ah, eu {pp}, o trabalho que você fazer, pago-{PHlli=lhe}. E ensino-{PHlli=lhe}". "{PHlnẽ=Não} {PHlli=lhe} quero levar nada"! De resto, o trabalho que lá fiz, {PHlnũ=não} me pagou nada"!

INQ2 Não pagou nada. Ai que horror!

INF1 Andei eu lá dois meses só a fazer aquilo.

INQ1 Pois.

INF1 E o que me ele ensinou, eu também... Mas ele lá depois disse assim: "Se não aprenderes mais {PH|kø=que o} que te eu ensino"! Ele então disse a verdade logo! Mas a sogra também sabia. A sogra é que me dava... Uma vez prantou-me ele lá uma teia para mim {pp} {fp} urdir, e nem sequer era [AB|para] para mim tecer, era lá para umas outras empregadas. E foi-se embora, quando ele voltou, eu tinha-a urdida, mas [AB|a] a senhora – que era a velhota, era a sogra dele, andava por ali, tinha ali um aviário, tratando das galinhas – lá me ia dizendo, quando ele lá chegou, eu tinha aquilo [AB|já tudo] {pp}

INQ2 Já tudo feito?

INF1 já tudo urdido.

INQ1 Pois, pois, pois.

INF1 Pois. {pp} Sim senhora. Pois.

INQ1 Sim senhor. Pois é.

INQ2 Então e a sua profissão era?... Era, portanto, o quê, quando fazia isso com, com o?...

INF1 Era tecelão.